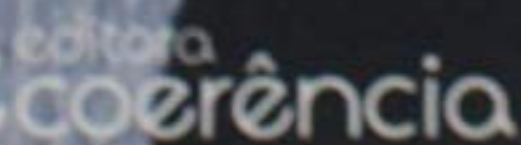


RETALIACÃO





Copyright© By Editora Coerência 2018

SOUL REBEL- RETALIAÇÃO ©
KIMBERLY MASCARENHAS

1ª Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial

Diretora Editorial: LILIAN VACCARO

Revisão: EVELYN SANTANA

Capa: DÉCIO GOMES

Diagramação: CINTIA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Mascarenhas, Kimberly;

Soul Rebel — Retaliação - 1a edição — São Paulo — Editora Coerência 2018

ISBN: 978-85-5327-043-9

1. Literatura Brasileira 2. Romance. Título

CDD. 869-3

Editora Coerência

Rua Pinhancó, 12A

Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350

Site: www.editoracoerencia.com.br

E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br

Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



KIMBERLY MASCARENHAS

**SOUL
REBEL**



CAPITULO 1

Quando o avião aterrissou, a porta se abriu e os passageiros começaram a se organizar para o desembarque. Silenciosamente, peguei minha bagagem de mão e entrei na pequena fila formada no corredor do avião, o voo de 1h50 havia sido exatamente o que o piloto tinha informado, sem tempestades. A chuva que estava ameaçando cair iniciou quando entrei no saguão do aeroporto. A esteira trouxe minha mala mais rápido do que eu esperava, o Hartsfield-Jackson tinha um fluxo intenso sempre, mas aquele desembarque era diferente de todos os outros que eu tinha feito ao longo dos seis anos que se passaram.

Eu estava de volta, estava ali outra vez, para a minha Atlanta.

Deborah e Guadalupe me esperavam sorridentes na saída norte, eu me sentia em casa outra vez. Elas me examinaram dos pés à cabeça por um tempo e, depois, vieram em minha direção, em busca de um

abraço.

A mãe de Mason estava exatamente igual desde o dia em que eu a conheci. Deborah era uma mulher muito vaidosa e bonita, a idade que tinha não era perceptível ao olhá-la. Já Guadalupe tinha vestígio de cabelos brancos e as rugas começavam a ser notadas.

— Caissy, eu estava contando as horas para esse momento. — Deborah me apertou em seus braços e Guadalupe esperou sua vez ansiosamente.

Eu sabia que ele não estaria ali, mas não demonstrei surpresa, elas estavam tão contentes em me ver.

Assim que Deborah me soltou, foi a vez de Guadalupe, ela me deu um abraço acolhedor.

— Chegamos aqui uma hora mais cedo só para termos a certeza de que nada daria errado.

— E não deu. — Sorri. — Aqui estou eu e, por sinal, faminta!

— Mas isso não será nunca um problema, temos um banquete ótimo à sua espera. — Deborah pegou minha bagagem de mão, e Guadalupe, a mala maior, as duas, eufóricas com a minha chegada,

tiravam totalmente a minha atenção e eu consegui ignorar o fato de que mais uma vez Mason não estava a minha espera naquele aeroporto, mesmo que dessa vez fosse para ficar.

Quando a BMW preta cruzou os enormes portões de nossa casa, eu já não consegui mais agir naturalmente. Meu coração estava acelerado, eu estava imóvel no banco de trás e, quando o carro parou, parecia que o meu coração tinha parado junto. As duas tinham evitado falar do Mason o caminho todo, mas quando chegamos eu pude ouvi-las dizerem o nome dele pelo menos umas três vezes.

O segurança ajudou com as malas e eu acompanhei Deborah, que me guiou até a entrada principal.

O ápice da minha tensão foi quando ela abriu a porta lentamente, me dando a visão da pequena reunião que me esperava na sala de casa.

Em um coro, todos gritaram “surpresa!”, e eu realmente fiquei surpresa, não com as pessoas, eu estava muito feliz em ver todos ali à minha espera, mas tinha uma pessoa em especial que tomou toda

a minha atenção para si. Assim que tive a visão de toda a sala, meus olhos vasculharam rapidamente e encontraram o que eu tanto desejava ver desde o momento em que entrei naquele avião.

Mason estava destacado de todos os outros, ele se encontrava no fim da sala, próximo ao bar, as duas mãos dentro dos bolsos da calça, o paletó aberto despojado. Ele mantinha os olhos fixos em mim, assim como os meus nele. E todos os dias em que estive fora foram compensados com o misto de sensações que recebi ao encontrar aquele homem à minha espera.

— Aí está. — Claire foi a primeira a me puxar para um abraço. — Nossa agente Becker. — Ela sorriu, se afastando e me admirando cheia de orgulho.

— Que saudade eu estava de vocês. — Ela me apertou mais uma vez.

— Cada dia que passa você está mais linda. — Melissa se aproximou para me abraçar também.

Na sequência, Brian veio em minha direção, me dando um abraço apertado, suspendendo meus pés um pouco longe do chão.

— Eu senti saudades, pequena. — De todos, o único que não havia mudado a forma de me tratar era ele. Brian ainda era o meu protetor e não abandonava esse posto por nada. — Estou muito orgulhoso de aonde você chegou.

— Eu também e prometo que agora eu vim pra ficar.

— Espero, viu?! — Ele me soltou, dando-me espaço para cumprimentar outras pessoas, e ansiosamente meus olhos vasculharam a sala à procura de Mason.

Ele ainda estava no mesmo lugar, me observando da mesma forma, e eu só queria um espaço para acabar com a pequena distância entre nós.

— Cunhadinha. — Dylan beijou meu rosto e me deu um abraço apertado. — Não jogamos do mesmo lado, mas estou cheio de orgulho de aonde você chegou, o Drew é um cara de muita sorte. — Eu sorri sem graça e foi a vez de Nate.

— Quando eu disse que ele estava bem de prima, não errei, agora digo que ele está muito bem de mulher. — Ele me abraçou, tirando meus pés do chão.

— Parabéns, Cassidy. — Chris, muito mais cauteloso que os outros, me deu um aperto de mão e um beijo rápido no rosto.

E assim foi, um por um, naquela sala. Todos foram me parabenizando, abrindo o caminho, e na hora certa tive a oportunidade de ir ao meu objetivo.

A boca dele se deslocou em um sorriso minucioso assim que me viu caminhar em sua direção, meu coração titubeou mais rápido e naquele momento parecia que existíamos somente eu e ele naquela sala.

— Seja bem-vinda de volta. — Ele me estendeu a mão.

Tentei organizar minhas ideias, mas tudo o que fiz foi apertar a mão dele e sorrir nervosa.

Sem aviso, ele me puxou pela mão, colando meu corpo no seu.

— Senti sua falta, querida — sussurrou ao pé do meu ouvido, me deixando completamente entorpecida.

Reaja! Ordenei a mim mesma.

— Eu também senti falta de tudo isso. — Foi o

melhor que pude fazer em meio a tanta confusão.

Se um dia alguém me dissesse que, após seis anos de casamento, Mason e eu pareceríamos dois estranhos, eu não acreditaria. Eu não pude parar de pensar como seriam as coisas, durante todo o voo eu fiz planos para aquele momento, mas parecia que eu tinha esquecido tudo, inclusive os mínimos detalhes.

— E então... — Quando voltei minha atenção para ele, Mason segurava duas taças de champanhe. Uma para mim, outra para ele. — Agora é definitivo?

— Acho que sim, minha carreira só está começando, sou nova nisso tudo. — Eu recebi a taça em minha mão e beberiquei rapidamente.

Deborah se meteu entre nós, ainda muito eufórica com a minha chegada, Mason e eu tínhamos muito que conversar, mas até lá tínhamos uma recepção em nossa sala e nossa conversa precisava ser adiada.

CAPITULO 2

Minha respiração estava acelerada, abri os olhos, me sentando de presa na cama, eu estava um pouco perdida, demorei para reconhecer o local, meu coração batia descompensado, custei para voltar à realidade e despertar de meus rotineiros pesadelos. Mason dormia esparramado ao meu lado e não notou meu despertar exagerado. Meu corpo formigava e aquela sensação nostálgica estava em mim como em todas as noites perturbadoras. Eu me sentia sonolenta, mas o medo de voltar a dormir e vivenciar aquelas cenas novamente era maior, eu ainda não estava pronta, me disseram muitas vezes que era tudo uma questão de tempo, mas já havia se passado muito tempo desde a última vez em que me senti completamente viva.

O quarto em Atlanta era praticamente do tamanho do meu apartamento em Washington, algumas coisas naquela casa eram extremamente exageradas e eu tinha que me acostumar com toda a nova

rotina, principalmente a de dormir ao lado de Mason todas as noites.

Ele estava completamente apagado, deitado de barriga para baixo, ele mantinha uma postura completamente serena. Eu me sentia tão atraída e, por mim, passaria o dia admirando-o naquela posição.

Emilly ainda estava na cidade, comandando todo um hospital, ela não conseguiu comparecer a reunião, e, quando peguei meu celular em cima da mesinha ao lado da cama, a primeira mensagem que visualizei foi dela.

“Espero que tenha sido uma ótima noite, tive um plantão corrido.”

Tinha sido, sim, uma ótima noite. Deborah foi a última a ir embora, umas duas da manhã, eu fiquei incrivelmente exausta, me esforcei para dar atenção para todo mundo e, quando tudo acabou, só queria uma cama para dormir. Quando subi para tomar um banho, Mason já estava lá. Eu optei por não acordá-lo, tomei um banho rápido e dormi depressa, logo após que deitei.

— Que horas são? — Mason murmurou

sonolento, me tirando de meus devaneios.

— Não sei, umas sete, talvez. — Ele fechou os olhos com força, se espreguiçando.

— Tão cedo? Pesadelos?

— Pensamentos. — Dei de ombros e ele me encarou sério. — Entrava às sete em Washington, o horário aqui é mais flexível, mas meu corpo já se acostumou. Você dormiu rápido ontem.

— Foi mais forte do que eu, me deitei apenas para relaxar e acordei agora.

— Entendi — disse, procurando algo dentro de mim para falar e que fizesse sentido, eu me sentia tão perdida. — Bom dia, querido. — Mason sorriu divertido.

— Bom dia, minha querida — ele disse colando o corpo no meu, depositando um beijo quente no pé do meu ouvido, me fazendo arrepiar.

E desde que eu tinha aterrissado naquela cidade, aquele foi nosso primeiro toque.

— Você fica maravilhosa quando se ouriça dessa forma... Querida — ele provocou e eu senti minhas bochechas quentes formigarem.

— Vai pro inferno — murmurei, o fazendo rir.

Mason saiu da cama, me deixando para trás, indo em direção ao banheiro.

E ali começava mais um dia para nós.

Um bom e relaxante banho me salvou de todo o sono que me consumia.

Eu vestia uma saia social preta, uma camisa de botões rosa-clara e scarpin da cor da saia. O corte do meu cabelo havia mudado muito, eu o tinha na altura do peito, uma franja reta e o cabelo completamente liso. Eu o mantive solto, para o meu primeiro dia.

Guadalupe terminava de arrumar a mesa do café quando entrei na sala de jantar, a surpreendendo.

— Bom dia — disse, me sentando à perfeita mesa de café da manhã que me esperava.

— Bom dia. — Ela sorriu.

Forrei um papel toalha em meu colo e coloquei uma panqueca em meu prato, jogando mel e granola por cima.

— Desculpe perguntar, mas a senhora vai estar aqui antes do jantar? — Ela parecia um pouco perdida. — Quer que eu faça algo em especial?

— Guadalupe, a rotina continua a mesma. Eu

agradeço muito por todo esse tempo você ter cuidado do Mason, mas acho que até eu me adaptar a toda essa vida aqui, vou precisar da sua ajuda. Então o jantar é por sua conta, nos surpreenda.

— Tudo bem! — Ela sorriu gentilmente e depois se retirou para que eu finalizasse meu café.

Tudo começou meses depois de ter perdido Julie.

Eu não podia mudar o que tinha acontecido, mas tentei. Eu não fui até o inferno, mas vivi o inferno todos os dias em que sofri me sentindo a culpada por tudo o que tinha acontecido com a gente, eu dei o meu melhor e foi só quando me empenhei nisso que pude descobrir que a vingança não traria meu bebê de volta, que a vingança somente despertaria o pior de mim e talvez eu não gostasse do resultado. Beatrice, minha mãe, não me criou para ver isso aflorar em mim, não era o tipo de coisa com que ela concordava, e depois de saber como era me sentir como uma mãe, eu pensava em de novo dar orgulho para a minha, mesmo não a tendo mais comigo.

O passo mais difícil que dei foi a mudança, talvez possa ser visto como uma fuga, mas depois de

meses enclausurada naquela casa enorme, eu decidi que não era daquela forma que terminaria meus dias. Lutando contra meus sentimentos e mesmo sem me dizer isso de forma direta, também não era a vontade de Mason, mas após toda a reviravolta que tive na minha vida, eu precisei dar um rumo diferente para as coisas. Passei a ter mais contato com os negócios da família e me empenhei em ajudar ONGs que cuidavam de famílias com pessoas desaparecidas. Eu passava horas me envolvendo em casos de pessoas que tinham sentido a mesma dor que eu sentia todos os dias, e foi desde então que, em uma viagem para Washington, conheci o meu mentor, que viu em mim um grande potencial e me incentivou a entrar na academia de polícia. Aos 19 anos me mudei para Washington para iniciar meu primeiro ano, escolhi outra cidade, outro estado, por medo. Eu ainda não era capaz de enfrentar os conflitos que a vida dupla de Mason traria, caso eu entrasse em uma academia em Atlanta, eu preferi estar em outro lugar. Foram longos anos, me superando a cada dia. Descobrimos coisas que eu não fazia ideia de que fosse capaz de aprender, foi me obrigando a amadurecer que

descobri o quão forte eu era.

Mason nunca se opôs as minhas escolhas de estar em outro estado, mas algumas vezes érea perceptível em suas ações que isso não o agradava, nós criamos entre nós uma barreira e mesmo quando estávamos juntos parecíamos estar muito distantes, Julie se foi e consigo levou um pedaço de nós. Em alguns momentos eu o via tão vidrado em sua vingança que pra ele era melhor me manter longe, Marconny tinha se tornado seu pesadelo e depois de Julie ele vivia como um cão farejador procurando algo para derrubar o magnata. Viver seis anos fora, o visitando apenas nos finais de semanas e nas férias, não foi fácil, mas mesmo contrariado ele nunca me impediu. A cada vez que eu colocava os pés naquela casa, regressando para um início de férias ou começo de um fim de semana, parecia que eu precisava retornar com algo que não tinha ali, mas eu não fazia ideia do que.

Durante minha trajetória em Washington, poucas eram as pessoas que sabiam da minha vida em Atlanta. Meu mentor, que me influenciou na carreira, nas decisões profissionais tinha se tornado

um grande amigo e me acompanhou durante os seis anos em Washington.

A decisão de voltar para uma vida em Atlanta partiu de mim. Mason nunca tinha reclamado da minha ausência, a saudade judiava, mas o meu individualismo não me deixou ver que ele também sofreu com toda a situação, eu estava cega demais para enxergar que em nenhum momento pensei nele, anulei nossa história e fui traçar algo para mim e talvez eu não pudesse recuperar o tempo perdido, mas eu me sentia madura o suficiente para, enfim, enfrentar a vida que ficou pra trás em Atlanta.

Terminei meu café no tempo certo em que Guadalupe voltou para perguntar se eu precisava de mais alguma coisa, ela era sempre muito prestativa, mas de manhã eu não costumava comer muito.

— Deseja mais alguma coisa, menina?

— Não, acho que estou satisfeita. — Ela assentiu.

— Pelo jeito o Mason não passou aqui para tomar café, certo? — perguntei.

— Não, ele sempre me pede para levar algo para ele no escritório, mas não temos o costume de

preparar a mesa. Você acha que devo esperar ou posso recolher as coisas? — Ela se referiu a Mason e eu não fazia ideia, ele estava condicionado à rotina de não ter a mim em casa e eu tinha medo de me meter e interferir na vida dele, mas algumas coisas precisavam mudar.

— Deixe as coisas que ele gosta de comer fáceis e pode tirar a mesa, esqueci de pedir para ele vir tomar café comigo quando ele saiu do quarto, mas fique tranquila, pode recolher tudo — autorizei, comendo o último pedaço de panqueca. — Licença. — Limpei meus lábios e me retirei da mesa, indo até o escritório.

Mason de fato estava lá, bati duas vezes na porta e depois entrei, ele sempre passava parte do dia no escritório de casa, nos dias de reunião, se dirigia até a empresa, mas eram raras às vezes em que ele saía.

Dei duas batidas, antes de rodar a maçaneta devagar.

— Olá — ele disse, erguendo os olhos e me observando passar com cuidado pela porta.

— Olá — murmurei curiosa.

Tinha uma pilha de papéis e uma pasta amarela

em sua mesa e seus olhos vidrados no monitor à sua frente não me deram muito espaço, mas eu ainda persisti.

— E então? — Cruzei os braços, gesticulando os ombros para saber o que era aquilo em suas mãos.

Ele levantou o olhar, arqueando as sobrancelhas, não entendo meus gestos.

— Achei que tomaria café comigo. — E pela primeira vez ele me deu atenção, desviando o olhar do computador até mim.

— Eu... Me esqueci.

— Se esqueceu de que eu estou em casa ou de tomar café?

— De tomar café, Guadalupe sempre me traz algo. Nem passou pela minha cabeça que poderíamos mudar isso.

— Tudo bem. — Sorri. — Mas na hora do almoço podemos nos ver?

Ele me encarou sério.

— E como vai ser isso? Você realmente está aqui para ficar ou apenas por um tempo?

— Você quer esse assunto de novo? Eu estou

decidida quanto a isso. Sou a mais nova detetive do distrito de Atlanta, não acho que meu cargo seja transferível novamente ou que eu tenha que ir a qualquer lugar longe daqui. — Tirei meu distintivo do pescoço e entreguei a ele, que me encarou boquiaberto e, depois de um tempo, deu uma risada nasalada, relaxando totalmente o corpo na cadeira em que estava sentado.

— Cassidy, eu...

— Eu sei que isso parece loucura e que o fato de eu estar no departamento pode, das duas uma: facilitar a vida de vocês ou dificultar. Mas eu realmente não sei, não sei como vai ser se algum dia eu tiver vocês em minhas mãos, o que eu vou fazer, então não me peça para escolher. Eu só vou conseguir ter essa noção quando passarmos por essa situação.

— E eu não quero que essa situação aconteça, eu nunca vou te impedir de seguir sua intuição ou mudar o seu pensamento sobre nossas ações, mas mais uma vez eu vou te alertar, vai com calma. Mas se quer um conselho, eu diria para você cair fora e não se meter com a gente.

— Isso é uma ameaça? — O olhar dele ficou inexpressivo, Mason cerrou os dentes tão forte que pude ouvir o ranger e o estralo que sua mandíbula emitia.

— Entenda como quiser!

— Nós já tivemos consequências demais por nos metermos em lugares errados, mas se tem uma coisa que você não vai me ver fazer é cair fora.

— Cassidy, você não precisa me provar mais nada. Eu não precisei que você entrasse na polícia para saber a grande mulher que você é, eu te escolhi exatamente por saber disso. Eu vi toda essa frieza no mundo que você vê hoje desde que tiraram a vida do meu pai, eu estava lá, eu vi tudo, agachado dentro de um carro, enquanto a vida do homem que me fez ser quem sou hoje era tirada. Então não se meta, eu não vou deixar o que acredito de lado e não vou colocar em risco de forma alguma.

— Eu não estou pedindo para deixar qualquer coisa que você esteja fazendo por mim, isso nunca esteve nos meus planos, mas você acha que a sua vida deve ser arriscada, mesmo sabendo quem é o

Marconny e do que ele é capaz, você ainda vai insistir em se arriscar?

— Eu tenho o direito de ver esses caras apodrecerem na cadeia, a morte seria muito fácil pra eles, eu quero ver cada um daqueles miseráveis no fundo do poço.

— Sua vida, minha vida e de todos os que amamos está em risco por toda essa vingança. Chega! Tudo tem um limite e você está ultrapassando o permitido por uma vingança cega. Pra isso dar certo temos que sacrificar mais uma vez um de nós e eu não estou preparada, não foi esse o meu juramento quando me formei. Eu jurei lutar por justiça, e não por vingança.

— Fale por si só, Cassidy. A sua sentença não é a dos outros.

— Eu sei que a minha sentença não é a dos outros, sei que nós podemos travar uma guerra como selar a paz. Estive seis anos fora, Mason. Eu precisei buscar minha essência, buscar a minha identidade, e agora que encontrei tudo o que eu precisava, eu voltei, e isso não é mais sobre arrombar cofres e correr da polícia em alta

velocidade, é sobre derramar sangue, e nós não somos assassinos nem suicidas.

— Eu nunca arriscaria a vida de nenhum de vocês só para alcançar um objetivo meu.

— Então nem você está preparado para enfrentar toda essa sujeira.

— O Marconny é meu, isso é coisa minha. Eu jurei pelo meu pai que iria até o fim e eu reforço pela minha filha, eu vou até o fim, você aprovando isso ou não.

— O seu pai não está mais entre nós e ele sempre fez de tudo para que você e sua mãe fossem protegidos, mas você não se importa com as regras, não é, Mason Becker?

— Você não vai mudar minha opinião, ninguém nesse mundo vai tirar isso de mim.

— Eu não vou tirar isso de você, mas a dúvida eu sei que vou plantar e, conseguindo pelo menos isso, fico satisfeita, o estrago não vai ser tão grande.

— Eu só estou cansado, estou esgotado, isso tá acabando comigo. Eu preciso de justiça, estou cansado de sempre estar um passo atrás e ver esses caras impune, eles tiraram a vida do meu pai e

financiaram a mulher que levou a minha filha.

— Justiça? Você chama isso de justiça ou vingança barata? E quando tudo acabar, só a partir daí que você vai querer ter uma vida?

— Você ficou seis anos assistindo da plateia, me conheceu assim e é assim que eu sou, você não sabe quem foi o meu pai, não sabe o que tiraram dele, então não fale como se entendesse tudo isso. É uma pena essa história não te agradar, mas eu vou até o fim, você querendo ou não. — aquelas palavras doeram.

— Eu realmente não sei quem era seu pai e não estou aqui para te dizer o que é certo ou errado, desculpa se é assim que me vê quando estou tentando estar ao seu lado sem apoiar as suas consequências. A única coisa que sei é que os problemas da sua vida já me tiraram a pessoa que mais amei nesse mundo e eu não estou preparada para perder mais alguém, inclusive se esse alguém for você. — Ele me olhou confuso, Mason e eu quase nunca dizíamos o quanto nós éramos importantes um para o outro, esses momentos se tornaram raros, mas eu podia ver o arrependimento

brotar em seus olhos e, antes que isso se sucedesse, eu abandonei o escritório, batendo a porta com força.

CAPITULO 3

Guadalupe me ajudou a achar a chave do meu carro, ela estava um pouco desnorteada pela manhã desastrosa que tive com Mason. Eu saí sem me despedir dele e sem combinar o nosso horário de almoço, se é que ele tinha planos para almoçar comigo.

Não era dessa forma que eu imaginei iniciar o meu primeiro dia de trabalho, mas não me abati, assim que entrei no carro deixei os problemas de lado e foquei no meu primeiro dia no departamento de drogas de Atlanta.

O meu carro chamou a atenção, eu notei quando o estacionei. Não me ligava muito naqueles carros de luxo, mas era umas das paixões de Mason e ele fazia questão de me ver dirigindo suas naves.

Por mais que eu soubesse que minha presença era esperada, me sentia uma estranha naquele lugar, quando passei pela sala de espera, e, depois que

entrei na repartição, me senti ainda mais perdida.

— Senhorita — um homem se dirigiu a mim, com um sorriso largo no rosto, ele mirou a aliança em meu dedo. — Senhora — o homem de mais ou menos 1,80 m, cabelos grisalhos e olhos azuis que pareciam serem cinza, corrigiu. — Em que posso ajudar?

— Sou Cassidy Becker, detetive transferida da narcóticos de Washington, estou me apresentando hoje.

— Ah, sim. Sou Roger Santiago. — Ele estendeu a mão e eu a apertei. — Acho que o...

— Cassidy, seja bem-vinda, estávamos à sua espera. — A porta da última sala no fim da repartição foi aberta com brutalidade, eu me assustei. Seis anos tinham se passado e o pesadelo de Mason estava ali, sorridente e completamente convidativo sendo o meu mais novo chefe, era o delegado Devlin.

— Vocês se conhecem? — o homem dos olhos cinza confuso perguntou.

— De uma longa data — proferi entre os dentes, me aproximando de Devlin, que tinha feito um

espetáculo ao me ver. — Delegado, às suas ordens.
— Sorri, estendendo minha mão a ele.

— Duas coisas me fizeram feliz esse ano, minha aposentadoria e, graças as Deus, uma nova detetive mulher neste departamento. E para me deixar mais feliz, nada mais, nada menos do que a Senhora Becker. — Ele sorria como se em suas mãos lhe fosse dado um troféu.

Eu não precisava olhar, mas eu sabia bem que o homem de olhos azuis e todos que ouviram aquela declaração estavam boquiabertos.

Mas eu não deixei que ele me acuasse.

— Detetive Becker! Fui designada para este departamento por minha grande competência e é assim que quero ser tratada.

— Oh! Longe de mim querer ofendê-la, detetive. Eu, um capitão com tantas medalhas, não admito que em meu departamento tenha pessoas que não sejam competentes ao meu nível, creio que é por isso que você está aqui hoje.

— Capitão, ou melhor, delegado, não quero avaliar a quem pertence o mérito da minha competência, pois sei reconhecer os meus e, talvez,

seus esforços, mas o parabenizo, pois tive ótimas recomendações quanto à sua pessoa.

O olhar faminto de Devlin não me surpreendeu, eu já esperava que ele agisse daquela forma, para ele era um triunfo ter uma Becker por perto, mas o que ele não sabia é que nunca conseguiria concluir seus objetivos nas minhas costas, eu estava ali para trabalhar, e não para facilitar a vida de ninguém.

— Thomas? — Rapidamente ele fugiu de nosso assunto, procurando pelo homem e eu acompanhei seu olhar, Thomas estava sentado perto da sala de Devlin e ficou prontamente de pé quando ouviu seu nome. — Esse é o Sargento Thomas e será o seu parceiro. Ele vai te passar todas as regras desse departamento e como as coisas aqui funcionam, nada é bagunçado, mocinha. Sua mesa é aquela ali. — O delegado Devlin apontou para uma mesa no meio da repartição.— Fique à vontade e bom trabalho. — Do mesmo jeito que saiu da sala batendo a porta, ele voltou e fechou as persianas.

Eu ainda era o centro das atenções, mas Thomas se prontificou em me ajudar, assim que Devlin voltou para sua sala, ele tomou o posto de meu

parceiro.

— Detetive, se você achar que essa localização atrapalha, pode falar e nós damos um jeito de melhorar as coisas, o delegado é gente boa, não se assuste.

— Não vai atrapalhar, dá pra ficar bem ali. — Ele sorriu e eu ainda estava um pouco desconfortável por mais atenções que o Delegado tinha chamado para mim.. — Acho que só vou me sentir completamente à vontade quando todos não me olharem mais como uma aberração. — Thomas deu uma risada sonora e um pouco alta.

— Então o primeiro passo é começar a vir com carros menos chamativos, nunca vi esse departamento parar, em treze anos que trabalho aqui, mas quando a sua BMW entrou no estacionamento não teve um sequer que não olhou.

— Meu marido é apaixonado por carros, todos os modelos são escolha dele. Desculpa!

— De fato, Mason Becker tem um ótimo gosto para carros. — Ele me encarou sugestivo como se soubesse mais coisas além dos carros de Mason, mas eu não dei continuidade no assunto.

Quando estava perto da hora do almoço, eu já tinha me arrependido de toda a discussão com Mason. Precisei de um tempo para esfriar a cabeça, mas quando tentei dar o braço a torcer, ele já tinha planos para o almoço sem mim.

Eu estava de volta para colocar as coisas em ordem, mesmo frustrada com a recusa de Mason, decidi que iria almoçar com Claire e Melissa.

O alojamento em que elas moravam ficava no quarto andar de um prédio perto da faculdade. Demorei para achar o quarto em que elas estavam, eu não conseguia lembrar qual escada deveria subir, ou se ficava no térreo, fazia muito tempo que eu não ia ali visitá-las. Umas garotas que estavam indo para o banheiro me deixaram entrar, quando falei de Claire e Melissa, e me ajudaram a chegar até o dormitório delas. Bati na porta e posicionei minha mão direita no olho mágico, para que não me vissem. Dava para ouvir as vozes delas desde o começo do corredor, Claire tinha uma mania de falar gritando e foi ela quem abriu a porta completamente distraída, mas soltou um grito escandaloso assim que me viu.

— Caissy! — ela vibrou, se jogando em cima de mim, me dando um abraço apertado. — Não estou acreditando! É praticamente um milagre ver você por aqui, agora eu entendi por que o céu está tão escuro, vai cair um pé d'água! A Senhora Becker veio nos visitar. Melissa ouviu isso? A Senhora Becker veio nos visitar, quer dizer, ela lembrou que também somos amigas dela, além da Emily.

— Não exagera! — reclamei, me afastando.

— Caissy! — Melissa surgiu logo em seguida, com um sorriso encantador desenhando seu rosto delicado.

— Ai que saudade de vocês, como estão? Ontem não tivemos tempo de matar a saudade, hoje estou aqui.

Elas se entre olharam assim que perguntei e, depois, responderam juntas:

— Estamos bem, entra.

— Qual o problema? — Se tinha uma coisa que eu conhecia bem era o jeito de Claire e Melissa quando estavam escondendo algo, elas agiam exatamente iguais e faziam muitas trocas de olhares.

— Estamos felizes e empolgadas — Melissa justificou, entrelaçando o braço no meu, me levando para o interior do quarto. — E não esperávamos ver você por aqui, aliás, saber que você está de volta na cidade é tão confortante. — Ela me puxou para sentar ao seu lado no sofá e se afastou sem graça quando sentiu o revólver em minha cintura, mas eu ignorei.

— Eu também fico feliz de na hora do meu almoço conseguir dar um pulinho aqui, mas vocês estão estranhas, aconteceu algo? — Elas se olharam e riram, me deixando mais intrigada. — Que coisa chata, sério que vão esconder algo de mim?

— Fala você! — Melissa deu de ombros.

— Eu não, Melissa, a novidade é sua, diz você — Claire rebateu.

— Puta merda, eu vou espremer o pescoço das duas se não falarem agora! — Elas riram.

— Tá bom, tá bom, eu conto. — Claire fez suspense antes de começar. — A novidade do ano é que... Chris e Melissa irão se casar, ele pediu ela em casamento semana passada! — Claire gritou batendo palma como uma retardada e Melissa

sorria sem parar. Fiquei imobilizada por uns instantes até entender a mensagem. Melissa e Chris iriam se casar, eu havia escutado direito?

— Vocês vão...

— Isso, Caissy, eles vão se casar! — Claire parecia mais animada que a Melissa.

— Claire, você foi péssima com a novidade, não é um simples casamento, é o meu casamento — Melissa disse zangada.

— Por que eu não fiquei sabendo antes? — Eu a encarei. — E a faculdade? Você não tinha prometido aos seus pais que só se casaria quando tudo acabasse?

— Sim, mas eu não sei o que deu no Christian e ele decidiu que deveríamos ficar noivos, eu esperei uma semana pra saber se não era apenas uma empolgação dele, mas não. Ele realmente quer se casar.

— Olha o que ele mandou entregar aqui, hoje cedo. — Claire correu até o banheiro e voltou com um buquê de rosas e um cartão em mãos. — Ele programou um noivado pra ela, isso não é a coisa mais romântica do ano?

— Ah, céus, isso é realmente muito romântico!
— Melissa estava rosa como uma bola de chiclete, com os olhos cheio de lágrimas.

— É verdade, Caissy. Ele quer se casar e comigo.
— Ela parecia não acreditar.

— Ah, Melissa, eu estou muito feliz por você. — Eu me emocionei com ela. — De verdade, você vai ser muito feliz, eu tenho certeza disso, o Chris é um cara maravilhoso e ele vai te fazer muito feliz. Parabéns. — Eu a abracei com força. — Meu Deus!

— Desculpa não ter contado antes, nós estávamos pensando em dar um jantar amanhã para comunicar a todos.

— Melissa, eu ainda não sei por que você insiste em esconder as coisas de mim.

— Realmente, você e Claire descubrem as coisas até quando não querem.

— Exatamente. — Sorri. — Eu só não sei o que eu não quero.

— Chega de falar da Melissa e agora vamos falar de você. E aí, garota, como você está?

— Estou bem.

— Isso eu estou vendo, está divinamente linda!

— É mesmo — Melissa concordou. — Seu cabelo está tão bonito, esse corte te deixou com cara de mulher. Nem parece que temos a mesma idade.

— Ah, não é nada especial. Eu só quis mudar o corte, fazer essa franja, eu estava me sentindo muito comum.

— Ai, Cassidy. — Claire revirou os olhos. — Não é disso que estou falando, agora quem está nos escondendo algo é você. Como está sendo a volta pra casa? Você e Mason já...

— Estamos bem, Claire — interferi. — Estamos ótimos.

— A Deborah me falou que você vai começar um tratamento para me dar outro afilhado ou afilhada, mas de verdade eu não acho que você precise de um tratamento, é só ter disposição e... Ai, me conta, onde vai ser a clínica? O Mason gostou da ideia?

Claire falava sem parar e eu estava envergonhada com todo aquele assunto, para mim ainda era delicado bater naquela tecla, depois de Julie, Mason e eu nunca tentamos, o rombo dentro de nós era

muito grande para ser substituído com outra criança, Julie ainda ocupava boa parte de nós.

— Claire, as coisas não funcionam assim, nós ainda não planejamos, não acho que estamos no tempo certo, não planejamos a Julie e agora queremos fazer diferente. Eu quero me adaptar a Atlanta novamente e o resto vamos encaixando — disse sem graça.

— Desculpa — ela disse cabisbaixa, sentindo o clima que se instalou com sua euforia. — Eu não queria ser tão intrometida, só acho que eu deveria ficar sabendo das coisas antes de qualquer pessoa. — Ela sorriu forçada.

— Não estamos mais no colégio. — Revirei os olhos. — E sim, você é sempre a primeira, a saber. — Sorri.

— Eu acho bom, acho muito bom.

— Caissy, você está em horário de almoço, mas já almoçou? — Melissa mudou de assunto instantaneamente.

— Ainda não, e vocês?

— Também não, eu iria almoçar na faculdade, mas se quiserem podemos ir juntas — Claire

sugeriu.

— Abriu um restaurante maravilhoso aqui perto, podemos tentar algo lá, porque eu não estou com disposição para fazer nada e acho que a ocasião é perfeita para sairmos e comemorar.

— Acho uma boa ideia também — palpitei.

— Eu só preciso trocar essa blusa e pegar a minha bolsa — Melissa disse indo em direção ao armário.

— Pega a minha também! — Claire gritou e Melissa resmungou algo, mas não pude escutar o quê. — Caissy, você e o Mason estão realmente bem? — Claire tinha uma grande intuição. Mesmo sem saber de nada ela sentia que as coisas não estavam fáceis.

— Vamos almoçar e eu prometo contar tudo. — Ela me encarou seriamente, avaliando minha resposta, depois sorriu cedendo ao meu pedido.

— Prontinho. — Melissa voltou. — Claire, sua folgada, da próxima vez você vai buscar a sua bolsa — ela reclamou entregando a bolsa para Claire.

— Vamos tirar na sorte em qual carro vamos? — Melissa nos deu a sugestão, mas eu não aceitava

ninguém dirigir para mim, com exceção de Mason, que não me deixava escolhas.

— É claro que nós vamos no meu carro. — Coloquei os óculos e saí andando na frente delas.

— Caissy, vai devagar, eu ainda tenho muito amor à vida — Melissa brincou, mas eu sabia bem o que estava fazendo, quando sentava atrás de um volante.

Elas discutiam o tempo todo, mas faziam as pazes rapidamente, era engraçado o motivo das discussões, completamente exagerados, mas distraía minha mente, me deixava longe de todos os problemas e era isso de que eu estava precisando.

Fomos almoçar em um restaurante japonês, perto do alojamento das meninas, mandei a localização para Mason, mas não obtive respostas. Já não me lembrava mais do que tinha acontecido de errado para me levar de casa, elas tinham me acalmado e a tarde ao lado das duas estava sendo maravilhosa, elas falavam besteira o tempo todo.

— Claire, me diz uma coisa, só estamos falando da Melissa... Mas e você e o Nate? Olha o tempo que estão juntos e vocês não assumiram nada, nem

um namoro. — Eu me sentei em cima de uma zabuton em volta da mesa baixa.

— Somos um casal moderno, ué. — Ela deu de ombros, mas eu sabia que o assunto a deixava nervosa, Claire tinha pavor a relacionamentos sérios.

— Claire e Chaz não querem compromisso, esses dois são do mundo — Melissa disse rindo.

— Isso mesmo, somos do mundo — ela confirmou.

— Eu também sou do mundo, mas eu descobri que o meu mundo fica melhor com o Mason. — As duas gargalharam.

— Isso foi tão meloso que eu preciso encher a cara. — Claire fez um sinal para o garçom.

— Isso não foi meloso, Chris e eu também somos perfeitos uma para o outro — Melissa disse toda apaixonada, chegando até a suspirar.

— Ai, Melissa, isso sim foi meloso — disse rindo.

— Ah, Caissy, vai dizer que o Mason não foi feito pra você? — Ela me encarou de forma constrangedora.

— É, acho que foi...

— Acha que foi? — Claire disse um pouco alto, chamando atenções, mas logo em seguida diminuiu o volume com vergonha. — O Mason não tá fodendo bem, é isso? Você está com...

— Ele é maravilhoso pra mim, eu nunca amei alguém como tenho amado Mason todos os dias da minha vida, mas todo mundo vê, eu não fui feita pra ele. Eu não sou a mulher que deveria estar ao lado dele.

— Você tá comendo bosta? Como pode dizer isso depois de tanta coisa que vocês viveram juntos, agora, nessa altura do campeonato, que você vem dizer isso? Ela tá de brincadeira, não está? — Claire encarou Melissa. — Caissy, você acabou de dizer que não vive em um mundo sem ele e acha que ele é perfeito pra você.

— Você sabe que somos suas amigas e nós estamos aqui para ouvi-la, não sabe? — Aquilo foi bem acolhedor, mas eu não sabia como revelar para elas o turbilhão de coisas que eu vivia.

Respirei fundo e então fui salva pelo gongo, assim que abri a boca para responder, fui

interrompida pela recepcionista.

— Senhoritas, desculpe interrompê-las. Estamos tendo problemas com o manobrista, ele é novo no cargo e alguns carros estão dando certo trabalho para entrar na vaga. Importa-se de estacionar sua Z4? — uma japonesa de estatura mediana, cabelos presos em um coque e sorriso fácil pediu educadamente.

— Sim, claro que posso. — Sorri.

As meninas ficaram na mesa, fazendo o pedido enquanto eu acompanhei a moça educada até o estacionamento.

— Não estou conseguindo manobrar — o homem disse frustrado, encarando o carro. — Acho que estou um pouco nervoso, não é todos os dias que sento em uma Z4. — Ele me estendeu as chaves completamente sem graça.

Homens e seus superegos... revirei os olhos, entrando no carro com facilidade e o ligando. O problema foi resolvido de imediato, em segundos consegui colocar o carro na vaga que o homem um pouco desajeitado almejava. Todos me olhavam um pouco impressionados, mas a vaga não era tão

estreita, ele estava receoso à toa.

Foi então que notei a movimentação na entrada do estacionamento e, quando me dei conta, atrás de mim e um pouco a frente já se posicionavam alguns homens.

“Merda”, sussurrei, me sentindo idiota por não desconfiar da ingenuidade do manobrista e da recepcionista boazinha.

— Boa tarde, minha preciosa. — Respirei fundo, tentando conter a fúria em mim. — Fico feliz em saber que está de volta ao ninho. Você não faz ideia como isso clareou o meu dia. — Ele sorriu, se aproximando, e eu dei um passo para trás, ficando próxima ao carro.

— Oras, Marconny. Pois não posso compartilhar da mesma felicidade, ver sua cara em qualquer dia faz meu estômago revirar de um jeito que você não imagina, me controlo para não sujar seus sapatos com o que quero pôr pra fora. — Ele riu.

— Mason tem mesmo um dedo certo para escolher as mais arredias, isso me encanta, querida.

— O que você quer? Se o Mason sonhar que você chegou perto de mim, ele acaba com a sua vida.

Mas antes de ele sonhar, eu faço um bom serviço para ele não precisar sujar as mãos.

— Eu sei bem o que ele seria capaz de fazer por você. — Ele deu mais um passo à frente, me fazendo dar novamente outro para trás. — Mas, como eu disse, uma mera coincidência nos trouxe ao mesmo lugar.

— Sai da minha frente — rosnei.

— Calma, querida. — Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — O parabeneze por mim, diga que a cada dia que passa eu perco a ousadia de subestimá-lo.

Eu senti todo meu corpo arrepiar, Marconny empurrou minha cabeça contra o carro e minha reação de imediato foi ir para cima dele, mas fui impedida pelos homens que o cercavam, ele me deu uma olhada por cima do ombro e me lançou um sorriso, seguido de um aceno, antes de partir.

Minha cabeça estava dolorida, devido à pancada, eu estava meio tonta.

— A senhora pode ficar com as chaves — o manobrista chamou minha atenção.

— Eu... Eu.... — As palavras não saíam, o

manobrista agia de forma natural, como se nada tivesse acontecido, e eu estava apavorada.

— A senhora espera só mais um pouco que o recepcionista já vem para acompanhá-la de volta para o restaurante.

— Não... Não precisa, eu posso ir até lá. — Não esperei que ele me respondesse.

Fui em direção ao mesmo caminho em que vim. Minhas mãos estavam trêmulas, mas ainda não era hora de ligar para Mason. Eu não podia colocar tudo a perder com as ameaças baratas do Marconny. Mason sempre dizia que ele estava um passo à frente, e, de fato, ele já estava ciente de que eu estava de volta à cidade e deu um jeito de tentar intimidar o Mason me usando, a guerra deles estava ficando cada vez mais quente. Eles sumiram do meu campo de visão, não havia nenhum carro na frente do restaurante, nenhum carro suspeito. Eu não estava convencida de que ele ficaria no mesmo lugar que eu, Marconny sabia bem qual aviso Mason tinha dado para que ele mantivesse distância da nossa família desde que Julie se foi, mesmo com sua ameaça fajuta, ele não era tão louco a ponto de

permanecer ali. Eu já estava subindo as escadas de volta para o restaurante quando algo, não sei exatamente o que, talvez uma intuição ou um pressentimento me fez olhar para trás, e eu pude ver... Pude ver com toda clareza Alexia parada do outro lado da rua. Senti minhas pernas fraquejarem, forcei meus olhos repetidas vezes para confirmar se o que estava vendo era verdade. Foi quando ela se movimentou, cruzando a esquina, não pensei duas vezes e fui atrás dela. Em um ato rápido saquei o revólver que mantinha preso às minhas costas, deixando o restaurante para trás. A cada passo meu coração acelerava, nunca estive tão próximo do que desejava como naquele momento, eu tentava me adiantar, mas ela estava bem à minha frente. Alexia.

Já havia cruzado a esquina e depois de segundos a cruzei também. A chuva estava ficando cada vez mais forte, me deixando ensopada, meu salto fazia barulho ao entrar em contato com o chão, de acordo com os meus passos fortes e apressados. Ela estava a poucos metros de mim e eu sentia meu sangue pulsar de forma rápida. Uma garotinha surgiu do

nada, correndo na direção dela, e aquilo me fez ficar imóvel. Ela era pequena e loirinha, suas mãozinhas estavam cobertas por luvinhas e suas botas a deixavam linda. Fiquei estática e tive uma sensação estranha, não controlei nada, foi espontâneo, foi mais forte que eu...

— Julie! — gritei, no meio daquela chuva. — Julie! — gritei mais uma vez e as duas pareciam ter me olhado, comecei a correr na direção delas, que pareciam se afastar a cada vez que eu corria mais. Eu sentia as lágrimas quentes se misturarem com as gotas frias da chuva. Comecei a correr no meio da avenida, escutava os carros buzinando para mim, mas não estava nem aí, eu precisava pará-las. Alexia estava com ela, eu sabia, sabia, todo esse tempo algo me indicava que ela não havia morrido, eu sempre acreditei nisso, eu sentia isso. Elas atravessaram a rua correndo enquanto o farol estava fechado, mas, quando fui atravessar, o farol abriu. Ela estava ali, eu não poderia perder a oportunidade, eu esperei tanto por esse dia, elas estavam se distanciando e eu as perderia de vista. Olhei para o farol, depois para elas, e avancei na

rua sem pensar no que poderia me acontecer.

Uma buzina alta e os faróis de um carro me cegaram, eu estava sem mira, o carro freou completamente em cima de mim.

— Cassidy? — Eu conhecia aquela voz. — Cassidy? O que é isso? Tá ficando louca?

— Mason. — Ele apareceu do nada em minha frente, e eu não estava entendendo mais nada, como ele estava ali? — Mason, elas foram por ali. Você tem que pegar ela — disse desesperada.

— Pegar quem? Você foi assaltada? Você viu quem era? — ele perguntava preocupado.

— Mason... Ela estava aqui, ela está com a Julie — disse rápido e ele me olhou assustado.

— Caissy... Cassidy... — Ele pressionou os lábios, me olhando de um jeito diferente, como se procurasse a palavra certa para me dizer. — Caissy, a Julie morreu. — Eu via a dor em seu olhar.

— Mason, não! O Marconny estava aqui, ele me ameaçou, eu saí do restaurante e de repente eu as vi do outro lado da rua. Elas estavam bem aqui, elas estavam correndo. Você tem que ir atrás delas. É a nossa filha, Mason, por favor! — disse em prantos

e ele me abraçou.

— Caissy, vem comigo, entra no carro, eu vou te tirar daqui... Vem, vamos pra casa. — Não lutei, deixei que ele me levasse até o carro e me tirasse dali. Os carros estavam atravessados na avenida, as pessoas nos olhavam tentando entender o que estava acontecendo.

Eu só queria a minha Julie e eu tinha mais do que certeza do que eu tinha visto.

CAPITULO 4

A água estava tão quente que, ao tocar minha pele, a deixava vermelha. Submergi minha cabeça, deixando as gotas do chuveiro dominar meu corpo e levar embora tudo aquilo que passei naquela noite. Quando terminei o banho, me enrolei em uma toalha e fui direto para o closet. Peguei uma camiseta do Mason, vesti uma calcinha e um shortinho colado que bem mais pareciam ser uma cueca. Passei creme e penteei meus cabelos, os deixando molhados. A pior parte foi sair do closet e encarar os olhos decepcionados de Mason.

Ele estava com as mãos nos bolsos da calça, o olhar fixo lá fora, completamente sério. Seus olhos mudaram o foco assim que entrei no quarto, eu não sabia o que falar, não conseguia explicar aquele misto de sensações desesperadoras dentro de mim, eu só queria chorar até não aguentar mais e por fim cair em um sono profundo.

O silêncio era mútuo até que dei um espirro um

pouco alto.

— Toma. — Ele pegou uma xícara branca em cima da mesinha ao lado da cama e me entregou. — Guadalupe disse para tomar isso, senão vai ficar resfriada por causa da chuva.

— O que é isso? — perguntei cautelosa.

— Um chá. — Cheirei o líquido dentro da xícara e não tinha um odor muito convencional, olhei Mason e seus olhos analisavam cada movimento meu.

— Você deve estar achando que estou ficando louca. — Beberiquei um pouco do chá, quebrando o silêncio entre nós.

— Por que eu acharia isso de você? — ele disse sério, me encarando sem vacilar.

— O Marconny. — Suspirei. — Eu não sei como, mas ele estava no estacionamento, agora parece que nada faz sentido, mas na hora tudo foi muito intenso.

— Ele estava no mesmo lugar que você? — Mason me questionou sem expressão.

— Ele não fez nada — tentei amenizar. — Como sempre, queria me assustar, ele está desesperado.

— Cassidy... — Mason passou a mão na cabeça, completamente desequilibrado.

— Me desculpa, me desculpa por não te obedecer e sair sem os seguranças, me desculpa de verdade. Meu primeiro dia de volta e eu não pensei que ele já soubesse que eu estava na cidade, sou uma detetive, pensei que ele seria mais cauteloso, mas ele é um cara destemido — disse abaixando o olhar, para as lágrimas não caírem. Senti seus passos chegando até mim, sentando-se ao meu lado na cama, não pensei duas vezes e me atirei nos braços dele, fazendo dali meu refúgio. — Parecia tão real. — Solucei, deixando as lágrimas molharem o tecido leve da blusa dele.

— Caissy — ele sussurrou, acariciando meus cabelos. — Eu não posso trazer ela de volta, e a pior parte de te ver assim é saber que eu não consigo trazer ela de volta, mas eu juro que quem fez isso com a gente vai pagar.

— Eu só não quero acreditar, não posso acreditar que aquilo foi uma alucinação.

— Isso é normal, você anda muito sobrecarregada, foi seu primeiro dia no

departamento, estava ansiosa, eu entendo — ele disse perto, depositando um beijo calmo e passageiro em minha testa.

— Eu só queria que aquilo fosse verdade, queria poder tê-la em meus braços novamente. Por um momento, pensei que pudesse trazer de volta a alegria pra nossas vidas, pensei que poderíamos voltar ao que éramos antes, pensei que poderia ter minha filha de volta, mas foi tão rápido, foi como areia escapando por meus dedos.

— Você acha que não somos felizes? — Ele olhava dentro dos meus olhos.

— Não como pensamos que seríamos, já chegamos a acreditar em felizes para sempre, Mason, mas isso não aconteceu. Roubaram nossa felicidade, destruíram nossas vidas. — Ele abaixou o olhar. — Eu voltei para nos permitir mais uma chance, estou aqui e tudo o que quero é fazer dar certo mais uma vez, você foi maravilhoso permitindo que eu vivesse tudo o que sonhei, e agora eu sinto que é o momento certo para estarmos aqui. Não sei o que aconteceu hoje, não sei se estou louca ou se de fato vi mesmo, agora nada mais faz

sentido, mas é muito bom ter você aqui, me apoiando, como sempre.

As mãos dele tocaram meu rosto delicadamente, ele me beijou calmamente, me levando para um beijo urgente, eu intensifiquei, me entregando, uma das mãos dele desceu, arranhando minha cintura. Suas mãos passeavam pelo meu corpo enquanto ele sugava os meus lábios, algumas lágrimas se quebravam ao encontrar o rosto dele.

— Nunca mais fale isso. — Ele abafou as palavras em meus lábios, ficando longe milimetricamente da minha boca. — Você sempre será perfeita pra mim. Sempre será o que tenho de mais importante na vida — ele disse olhando no fundo dos meus olhos, secando minhas lágrimas, que molhavam meu rosto, com o polegar.

— Eu te amo — sussurrei antes de ele tomar meus lábios novamente.

Procurei a boca dele e a beijei com violência, desejo e urgência. Senti quando os dedos dele tocaram a minha cintura por baixo da blusa, as mãos dele foram subindo lentamente e tiraram a blusa com urgência, me deixando de calcinha e

sutiã, dei uma leve puxada nos lábios dele, o fazendo levantar o canto da boca em um sorriso fraco. Quando suas mãos tocaram minhas costas, era como se minha pele queimasse ao seu toque, senti um arrepio passar por todo o meu corpo, nossos olhos se cruzaram e ele já estava tão perdido quanto eu. Sua língua brincava com a minha enquanto suas mãos subiram, se enroscando em meus cabelos e me prendendo a ele, colando seu corpo ao meu, trocando calor comigo, percorreu um caminho até chegar aos meus seios, abrindo o fecho do meu sutiã e me olhando com aqueles olhos penetrantes. Sorrii como se eu tivesse dado algum presente a ele. Suas mãos eram quentes e me faziam arrepia a cada toque. O único momento em que eu não sentia insegurança quanto ao seu amor era quando estávamos na cama. Seus olhos não deixavam de demonstrar o quanto ele me desejava, o quanto me queria, era como se a cada vez que transássemos ele me amasse de um jeito diferente, de uma maneira diferente.

Aquilo era intenso, me deixava fora de mim, seus lábios encostavam nos meus, causando pequenos

choques, era difícil pensar em qualquer coisa quando estávamos naquele momento. Eu simplesmente não conseguia raciocinar.

Minha respiração estava forte, e meus cabelos, grudando na testa. Eu sentia as minhas pernas completamente bambas, meu corpo estava completamente relaxado, minha respiração cortada foi se ajeitando aos poucos. Mason deitou-se ao meu lado, me puxando para junto dele, também tentando controlar a respiração.

— Claire, Melissa, meu Deus, o departamento! Que horas são? — Dei um pulo, me lembrando de que a última vez que nos vimos foi no restaurante, antes de tudo aquilo acontecer na hora de meu almoço.

— Eu já falei com as meninas e me desculpa, seu celular não parava de tocar, era um número desconhecido... Um tal de Thomas, seu parceiro, acho, ele disse que era do departamento — Mason me tranquilizou. — Informei que você passou mal.

— Não tem problema em ter atendido. Ele disse o quê?

— Pra você ficar tranquila que ele iria segurar as

pontas.

— Agora que vão achar que tenho algum privilégio, meu primeiro dia e já estou passando por mais essa — bufei, frustrada.

— O que aconteceu? — Mason parecia preocupado.

— Coisa boba de funcionário novo, mas eu já esperava por isso, meu chefe é um saco e ele adorou o fato de ter uma Becker em sua equipe.

— Eu imaginei que o Devlin não aliviaria nem um pouco pra você.

— E não está, ele me olha como se fosse um predador faminto.

— Eu confio em você e sei que vai ser a melhor naquele departamento. Se precisar, eu dou um jeito no Devlin.

— Não... Não, Mason, não quero que se meta. Deixa ele. E as meninas? O que você disse para elas? — perguntei mudando de assunto.

— Disse que houve um imprevisto e eu tive que buscar você para me ajudar com uns negócios.

— E elas? — perguntei desconfiada.

— Ah, Cassidy. — Ele deu de ombros. — Sabe como são suas amigas, começaram a falar um monte de coisas, e, como o recado estava dado, finalizei a ligação, o resto não era da minha conta. — Revirei os olhos.

— Você poderia ser um pouco mais educado e ter se despedido.

— Eu tentei, três vezes, mas não me deixavam falar, o jeito foi desligar. — Ele me puxou, encostando minha cabeça em seu tórax, me fazendo relaxar com um beijo tranquilo no alto de minha cabeça.

— Você tem certeza de que ainda me ama? — questionei, soando complexada.

Mason fez um silêncio absurdo, antes de respirar fundo e começar a responder minha pergunta idiota.

— Você não faz ideia do quanto me destrói quando me faz esse tipo de pergunta. — Ele mais uma vez beijou o topo de minha cabeça. — A maior certeza da minha vida é o amor que eu sinto por você, Cassidy.

— E o meu maior medo é perder esse amor.

— Depois de tudo o que passamos, você acha que somos capazes de perder alguma coisa? — Ele ergueu meu rosto para encontrar o seu. — Eu sempre vou estar aqui, não importa quantas vezes você tente desistir, eu nunca vou desistir.

Bateram na porta, atrapalhando todo o nosso momento reservado. Eu quis rir com a cara que ele fez, entortando o nariz, não gostando nada da interrupção, mas eu imaginava que era algo importante quando a segunda batida foi mais firme.

— Cassidy? Senhor Mason? — Guadalupe procurava do outro lado da porta. — Dona Deborah está esperando por vocês lá embaixo, o que digo? — Imediatamente me liberei dos braços de Mason, indo em busca de algo para vestir.

— Diga que já estamos descendo.

Pude ouvir os passos de Guadalupe se distanciando depois do meu pedido.

— Eu mudei da casa dela para ter sossego, mas nem na minha casa ela consegue me deixar em paz — Mason resmungou, se levantando, assim como eu, procurando também algo para vestir.

— Ela tinha avisado que estaria aqui. — Ele me

olhou atônito. — Esqueci-me de avisar. — Mordi os lábios, preocupada, ele não gostava das visitas inesperadas de Deborah, da mesma forma que eu, ele também se sentia sufocado com a alta preocupação que ela tinha.

Prendi meus cabelos em um coque frouxo, peguei uma roupa rápida, calcei umas sandálias rasteirinhas e saí do quarto seguida por Mason. A escada não era como a da antiga casa, reta. Ela fazia uma curva e era bem maior, então minha presença foi anunciada assim que desci o primeiro degrau, batendo o chinelo para ser notada.

Deborah estava sentada, mas levantou depressa assim que me viu.

— Cassidy, ah, meu Deus! — Ela me abraçou. — Como você está? Eu fiquei tão preocupada.

— Estou bem, Deborah — disse embaraçada, no meio dos braços dela, que me apertavam forte.

— Claire e Melissa me ligaram desesperadas dizendo que você tinha sumido — ela dizia atropelando as palavras. Gelei.

— Eu realmente estou bem. — Tentei sorrir, mesmo parecendo desconfortável.

— Eu fiquei assustada. — Deborah se afastou um pouco, notando Mason. — Você não pode fazer essas coisas comigo!

— Era uma emergência, Deborah.

— Que seja, não custa nada avisar! — ela esbravejou.

— Mãe, você consegue entender algo que é urgente? Se foi urgente eu não tinha tempo pra avisar ninguém. — Mason foi ríspido. — O restaurante era perto de onde eu estava.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela respirou aliviada. — Me assusta muito, querida saber como sua profissão é de risco, e do nada esse sumiço.

— Então... — Sorri, sem jeito. — Está tudo certo, não precisa ficar assim, eu e as meninas estávamos colocando todo o papo em dia. Amanhã é o jantar de noivado da Melissa, finalmente o Chris pediu ela em casamento. — Mason me encarou supreso.

— Sêrio?

— Sim. — Sorri. — Ela nem está acreditando.

— Nem eu. — Mason virou um gole de uísque de uma vez.

— Eu ofereci a mansão para eles, mas Melissa achou melhor fazer tudo na casa do Chris. Depois que vocês saíram de lá aquela casa ficou tão vazia. — Deborah suspirou.

— Mas isso não impede de você vir atrás da gente. — Mason serviu um copo para ela.

— Mas eu queria que vocês estivessem lá ao meu lado, eu jamais permitiria que a Cassidy fosse estudar tão longe. — Deborah sempre levava o assunto para um lado que não me agradava, e eu preferia fugir.

— Eu vou ver com a Guadalupe se o jantar já está pronto. — Apontei na direção da cozinha, para ser mais específica, deixando os dois sozinhos na sala.

— A senhora está melhor? — Guadalupe perguntou assim que entrei na cozinha.

— Sim, estou. Acabei pegando toda aquela chuva.

— Ele me disse. — Finalmente ela se virou para me olhar. — Pediu para que eu fizesse um chá para gripe.

— Que por sinal quase morri para tomar. — Ela riu.

— Mas vai te fazer bem.

— Está pronto o jantar? — perguntei, me sentando em um dos bancos que ficavam embaixo do balcão na ilha da cozinha.

— Só mais alguns minutos e colocarei a mesa. — Assenti e ela continuou mexendo com as panelas.

Eu não conseguia escutar a conversa de Deborah e Mason, mas não queria me juntar a eles, fiquei na cozinha com Guadalupe e a ajudei a colocar as coisas na mesa, quando tudo estava pronto, chamei Deborah e Mason.

Mason abriu um vinho de nossa adega, Deborah não tocou mais no assunto do meu sumiço até o fim do jantar, ela estava bem focada em falar do noivado de Melissa. Ficamos um bom tempo conversando e depois de um café Deborah anunciou que iria embora.

— Cassidy. — Ela me deu um beijo no rosto, se despedindo. — Muito obrigada pelo jantar, se cuida. — Seu olhar preocupado nunca a abandonava.

— Pode deixar, você também. — Sorri, a abraçando.

— Vai querer beijo? — Ela se virou para Mason, que ignorou completamente a pergunta e deu um sorriso falso para ela.

Deborah já estava de saída quando ele a gritou da ponta da escada.

— Deborah. — Ela odiava que ele a chamasse pelo nome. — Acha que isso é roupa de mãe?

— Que roupa?

— Essa daí que você está usando. — Ele apontou.

A roupa nem estava tão extravagante, mas Mason gostava de implicar com Deborah, era um costume dele tirá-la do sério.

— Sou uma mulher viúva, meu filho já está casado, não quero ficar sozinha para o resto da vida! E minhas roupas não são da sua conta, rapaz — ela disse antes de fechar a porta.

— Nossa, seria melhor dormir sem essa! — disse segurando o riso.

— Olha só, até você. — Gargalhei.

— Fala sério, você achou mesmo que ela iria agir como se não fosse usar mais uma calça apertada e uma blusinha com decote ousado?

— Agora que ela vai fazer mais.

— Se você fosse filha da minha mãe, não iria parecer tanto com ela, nunca vi mulheres mais birrentas.

— Você provoca, querido. — Eu me lembro de que essa foi à última coisa que eu disse antes de cair no sono.

Quando despertei, me deparei com a linda visão de meu marido escorado em uma das poltronas do quarto, vestindo apenas uma calça de moletom, o cabelo totalmente desgrenhado e a luz do notebook cintilando em seu rosto.

Eu fiquei um bom tempo o olhando até ele perceber que estava sendo vigiado.

— Nada de pesadelos, nada de gritos, tomou algo para dormir?

— Não, acho que só estava precisando de uma boa noite de sono com você.

Ele se ajeitou na poltrona.

— O dia hoje vai ser longo, já se programou?

— Algumas coisas sim, marquei cabelereiro e o maquiador para virem em casa, assim que eu

chegar. — Eu me sentei na cama, cruzando as pernas.

— Pensei que você e as meninas iriam se reunir para fazerem isso juntas.

— Não sei que horas vou sair do departamento, elas normalmente costumam reservar o dia todo para estarem juntas, não tenho tanto tempo assim. — Dei de ombros.

— Aconteceu alguma coisa que eu não saiba?

— Não, o delegado está no meu pé, já não cumpri toda a minha jornada ontem, quero fazer uma hora extra hoje. — Eu me levantei, tendo os olhos de Mason presos em cada passo meu, pelo quarto. — E você? Algum negócio novo?

— Nada de interessante, detetive Becker. — Ele sorriu de canto.

— O que você acha que seria interessante pra mim?

— Sei que absolutamente tudo o que faço, mas te garanto. Não tem nada de novo ainda.

— Ainda?

— Você está cruzando a linha vermelha e isso não é legal. Seu distintivo não vale aqui dentro

dessa casa. Sem ele somos pessoas iguais e comuns, então não tente me interrogar como faz com seus suspeitos.

— Belo jeito de fugir, querido.

— Tenho umas coisas sérias pra resolver hoje, vou chegar bem em cima do horário, mas vou estar aqui.

— Você não precisava de todo esse rodeio para me manter longe dos negócios. — Fui firme em minhas palavras.

— Eu não fiz rodeio algum, não preciso disso. Nunca concordei em te envolver nos meus negócios, as coisas não vão mudar.

— Isso é algum tipo de insegurança que você está desenvolvendo por eu ter me tornado policial? — Ele gargalhou.

— Eu? Inseguro? Pensei que você pensaria em algo melhor.

— Já sei, não gostou que o meu parceiro seja um homem. — Ele riu.

— *Touché!* — Ele levou a mão ao peito como se tivesse sido tocado.

— Sério, qual o problema?

— O problema? Até agora nenhum, querida. — Ele me deu as costas e foi para o banheiro.

Quando terminei de me arrumar, Mason já não estava mais em casa.

As coisas naquele departamento estavam sendo difíceis, as pessoas duvidavam da minha competência o tempo todo, era como se eu tivesse privilégios. Não reconheciam o meu trabalho, pela situação financeira que eu vivia. O nome Becker interferia muito no meu trabalho e a perseguição acirrada do delegado Devlin me deixava mais cansada.

Eu mal tinha chegado e ligado o computador quando ele passou por minha mesa dando ordens.

— Becker, quero relatórios de caso na minha mesa em duas horas. — Eu estava começando a criar o meu segundo relatório quando o delegado passou por minha mesa.

Thomas me lançou um olhar confortante e a minha hora do almoço tinha sido adiada. Eu queria estar em operação, queria mesmo ter o meu próprio caso e ir para a rua em busca de suspeitos e provas, mas precisava de um treinamento, de uma

adaptação no departamento, eu sabia que ficar sentada naquela mesa fazendo relatórios não era a forma certa, mas eram ordens do chefe e eu tinha que cumprir.

— Se isso ajuda. — Thomas me entregou um pendrive. — Tenho algumas anotações do caso que você acompanhou ontem. Eu sempre coloco tudo em um bloco de notas, na hora de fazer o relatório é mais fácil.

— Mas isso não são as suas anotações?

— Ele nunca pede relatório de dois parceiros, você foi a eleita da vez. Vai que na próxima ele passa pela minha mesa e exige os relatórios em duas horas. Não se esqueça de quebrar o galho pra mim.

— Pode deixar. — Peguei o pendrive mais animada.

Entreguei os relatórios para o delegado antes do prazo estipulado, não ganhei nenhum ponto positivo.

— Está com pressa para ir embora? — ele me questionou com os relatórios em mãos.

— Não!

— Então na próxima não tenha pressa ao fazer um relatório.

— Tem anexado dois testemunhos e alguns relatos de populares que estavam por perto.

— Certo, deixe minha sala e vá ver com seu parceiro uma nova atividade que você possa executar melhor. — Bufeí frustrada. — Detetive, você não precisa ficar no departamento, se não quiser, se estiver incomodada, me avise para fazer uma substituição, pois preciso de uma equipe completa.

— Estou completamente satisfeita, delegado. Não tenho nenhum interesse em ser substituída.

— Certo, então saia e feche a porta.

Eu estava uma pilha de nervos, não conseguia me concentrar em mais nada depois daquilo.

— Ei, quer me acompanhar em uma investigação de incêndio?

— Incêndio?

— Vai ser bom dar uma aliviada do departamento e resolver as ocorrências na rua.

— Uma aliviada? — questionei, querendo uma justificativa melhor.

— Olha, passei o dia todo com a cabeça enfiava na tela de um computador, fazendo relatórios, acho que seria bom um café quente e um interrogatório, o que me diz?

— Eu acho que você tem capacidade de ler a minha mente, não consigo mais colocar palavras nesses relatórios. — Eu me levantei, pegando meu casaco, acompanhando Thomas.

Saímos em direção ao seu carro parado no fim do estacionamento do departamento, Thomas não disse nada sobre o caso, mas eu sabia que ele fazia investigações extraoficiais, inclusive dei uma boa conferida em seu pendrive.

— Então, esse incêndio não é apenas um incêndio qualquer, é?

Ele sorriu, destravando o alarme do carro.

— Por incrível que pareça, não! — Ele entrou no carro e logo em seguida fez o mesmo.

— Então você acha que o incêndio de hoje tem a ver com as mulheres que estão sendo contrabandeadas? — Entrei no carro, colocando a arma no suporte ao lado do banco e depois o cinto.

Ele ficou me encarando sem sair com o carro.

— O quê? Acho que você se esqueceu de apagar o pendrive, fui um pouco intrusa e li suas investigações de Julho pra cá, estou um pouco por dentro, parceiro!

— Não se culpe, eu não faria diferente. — Ele ligou o carro. — O local do incêndio foi no endereço que a Anelise residia, antes de declararem seu desaparecimento. Salvatore é o nome de um dos caras que eu procuro. Na noite em que essa jovem sumiu, ele foi o último registro do seu celular. — Ele finalmente soltou o arquivo que tinha nas mãos e me entregou para que eu desse uma olhada completa e não tivesse apenas a visão vaga de seus relatórios guardados no pendrive. — É muito cedo para ligar um ponto no outro, mas até lá tenho que ficar nessa, colhendo um depoimento aqui e ali.

CAPITULO 5

Thomas agia como um Sargento, sua autoconfiança o denunciava totalmente, eu fiquei de dentro do carro, o observando caminhar ao redor dos destroços do incêndio. A vizinhança era bem pacata, um dos pontos mais pobres da cidade, ele pediu para que eu ficasse no carro até ter algo para colocarmos em nossos relatórios, mas tudo o que eu podia ver eram pessoas que não abririam a boca por tão pouco, ou talvez não quisessem se comprometer.

Eu estava impaciente, não queria mais esperar no carro. Puxei minha arma do suporte, saindo do carro e a colocando na cintura. Thomas não viu que eu me aproximava, mas sua testemunha me enxergou de longe.

— Não sabemos nada sobre o proprietário — a mulher dizia receosa e, quando me juntei a eles, parecia estar em pânico.

— Dona Lourdes, nós somos apenas investigadores a serviço, queremos esclarecer o que aconteceu com esta propriedade. Não iremos envolvê-la em nada, aliás, a senhora só está cooperando com a polícia.

— Meu filho, você não sabe o que os homens daqui fazem com quem tem contato com a polícia?

— Ela fez um gesto passando a mão no pescoço, insinuando que estava o cortando. — Isso é tudo o que sei.

— Dona Lourdes — eu me intrometi. — Prazer, sou a detetive Becker, parceira dele. — Eu sorri um pouco nervosa, não sabia o que Thomas estava achando daquilo, eu tinha o desrespeitado, mas estava tentando. — Queremos que diga apenas o que viu, nada disso vai comprometê-la.

Ela ainda me olhava desconfiada.

— Olha, a propriedade sempre foi abandonada, o que eu sei é que a garota surgiu e o que se dizia por aí é que o dono da casa era o patrão dela, um tal de Salvatore, a garota não prestava!

— Certo, e a senhora chegou a ver esse tal de Salvatore? Ele algum dia já apareceu por aqui?

— Via só os carros, ele tinha dinheiro, muito mesmo. Carros bons, marcas boas, os vagabundos daqui ficavam de olho.

— A senhora consegue me dizer alguma característica dele ou o modelo exato dos carros? Se lembra de algum?

— Não! Não me lembro, e isso é tudo o que eu sei, posso ir agora? — Eu e Thomas nos entreolhamos.

— Sim, claro — eu disse cuidadosa, para não assustá-la mais. — A senhora pode ir a hora que quiser, só estava nos ajudando mesmo, nada de mais, e ninguém vai fazer nada com a senhora. Se por acaso se lembrar de mais alguma coisa, me ligue. — Entreguei um cartão do departamento para ela.

— Muito obrigada. Com licença. — Ela se retirou as pressas.

Thomas cruzou os braços sem dizer nada, ele tinha um olhar de quem muito pensava e ao mesmo tempo não tinha respostas, era como se permanecêssemos sempre na estaca zero.

Voltei para o departamento apenas para bater o ponto e pegar minhas coisas, Thomas ainda era uma incógnita, ele não tinha reclamado da minha intromissão, mas também não tinha agradecido.

Eu senti vontade de fazer uma visita à Emilly, na verdade, ela era uma pessoa que poderia me ajudar a clarear as coisas, e, se soubesse de algo ela me contaria, ou não, mas mesmo assim eu decidi arriscar e aproveitar para matar as saudades.

— Uau! Entre. — Ela sorriu ao me ver. — Não me avisou que viria.

— Não deu, foi de repente que resolvi vir pra cá. — Ela me analisou por um tempo e depois me deu espaço para entrar.

— E você e o Mason, como estão? — ela perguntou, respirei fundo e segui para a cozinha, sentindo um cheiro bom de comida.

— Ele mais uma vez está querendo dizer o que devo ou não fazer.

— Cassidy, o Mason é assim, você sempre soube disso. — Ela me serviu uma xícara com café.

— Ele pode ser do jeito que for, mas eu não sou obrigada a concordar.

— Eu nunca disse que você tem que concordar, mas evitar esses problemas você deve.

— Eu tento, mas, quando vejo, estamos no meio de um debate sem sentido nenhum. Seis anos fora e muitas coisas mudaram, mas isso não foi mudado nem um pouco.

— Você não pode deixar que ele seja o vilão, você sabe que o maior medo dele é que você vá embora.

— E eu iria pra onde? — Ela me olhou curiosa.

— Você não iria embora. — Eu me calei, eu não tinha coragem, mas a ideia já tinha passado por minha cabeça diversas vezes. — Donuts? — Ela colocou uma cestinha cheia de donuts ao meu lado.

— Adivinhou que eu viria pra cá? — disse abocanhando um. — Só compra isso pra mim, certo?

— Fui ao supermercado e me deu vontade de comprar, então comprei. — Ela deu de ombros. — Mas estou com uma ótima intuição, pelo jeito.

— Vai estar no noivado? — Voltei a comer.

— Provavelmente, não, tenho plantão hoje à noite e uma cirurgia.

Um barulho no andar de cima nos interrompeu.

— Tem mais alguém aqui? — Ela se virou, procurando alguém, mas não apareceu.

— O Dylan deve estar se arrumando.

— Ótimo, por que não me avisou que eu estava atrapalhando? — disse sem graça.

— Daqui a pouco ele já está de saída.

— Sim, parece que eles têm coisas sérias para resolver — ironizei.

— Nunca entendi essa sua obsessão para estar nos negócios, já não basta as deles, quer por a sua vida em risco também?

— Emilly, você não faz ideia o que é viver o tempo todo pensando que posso perder ele e viver no escuro.

— Cassidy, o Mason não faz parte do seu trabalho na polícia, não investigue a vida dele, se é isso o motivo maior que te trouxe aqui. — Revirei os olhos.

— Eu realmente achei que você me contaria algo.

— Eu vou contar, posso falar sobre minhas novidades? Depois você me conta as suas, quero saber tudo sobre o departamento — ela disse

empolgada.

Emilly me distraiu o fim da tarde e acabei pegando no sono quando ela começou a se arrumar para ir assumir seu plantão no hospital.

— Caissy. — Senti algo me chacoalhar. — Caissy, seu celular não para de tocar. — Abri os olhos com preguiça, tentando entender o que estava acontecendo.

— Quem é? — perguntei esfregando os olhos.

— Da sua casa. — Ela encarava o visor do celular. Bufei e peguei o celular, rejeitando a ligação.

— Que horas são? — perguntei, me sentando e fazendo um coque frouxo no meu cabelo, que estava completamente embaraçado com o cochilo que tirei.

— Seis. — Emilly caminhou para o Closet, enrolada em uma toalha.

— Merda, agendei cabelereiro e maquiador às cinco. — Abaixei o olhar derrotada.

Meu celular voltou a tocar e dessa vez era o número do Mason, eu rejeitei a ligação e corri, vestindo meu sapato, pegando minha bolsa. Ele

deveria estar bravo por eu estar tão atrasada, ele disse que estaria em casa em cima da hora e, no final, eu estava em cima do horário.

Cheguei em casa e fui direto para o quarto. Tomei um banho e, como perdi a hora, tive que me virar sozinha. Dispensei o maquiador e o cabelereiro, quando saí da casa da Emily, mandei uma mensagem, que não chegaria a tempo, avisando que eles poderiam ir embora. Foi difícil escolher a roupa, não tinha comprado nada em especial, mas dentro do closet havia milhares de vestidos que nunca havia usado. Eu tinha bastante roupa em Atlanta e algumas coisas novas que vieram de Washington, no final eram muitas roupas, não achei que precisava de algo novo.

Eu estava terminando de arrumar meu cabelo quando Mason entrou no quarto furioso, mas relaxou assim que me viu.

— Ah, você já chegou? — Mason disse sem graça. Eu o ignorei e voltei a me arrumar. — Poxa, achei que iria ter que te buscar no departamento.

— Eu perdi a hora, desculpe o atraso, mas acho melhor você ir se arrumar. Não quero chegar tarde

— desdenhei, o deixando contrariado.

Mason foi tomar um banho e o tempo que ele levou para se arrumar foi o tempo que precisei para finalizar tudo.

Era a noite de folga da Guadalupe e aquele jantar caiu como uma mão na luva. Mason dirigia em silêncio e o rádio estava em um volume baixo, eu balançava minhas pernas, distraída, de um lado para o outro, sentia que ele queria dizer algo, mas não fazia ideia de como começar.

— Está nervosa? — Mason segurou o volante com as duas mãos, virando à esquerda.

— Deveria?

— Não sei. — Ele deu de ombros e repousou a mão em minha coxa, subindo e descendo, e, sem querer, encostou na arma presa em minha coxa.

— Armada?

— Não saio sem minha arma.

— Caissy, você está indo para um noivado.

— E daí?

— Não precisa disso.

— Então me diz, você sai sem a sua arma? — Ele bufou.

— Comigo é diferente.

— Sinto vontade de matar do mesmo jeito que você e preciso me proteger do mesmo jeito que você precisa, aliás, até mais! — disse nervosa, ele me deu um olhar de soslaio, pisando fundo, elevando a velocidade do carro.

Se era um casal bonito que as pessoas gostavam de ver, ali estávamos nós! Um casal bonito e que aparentava estar muito bem juntos. Mason segurou em minha cintura, me guiou até pararmos à porta da casa do Chris e apertou a campainha. Sua mão estava repousada em minha cintura de forma sossegada, colando seu copo junto ao meu, a noite estava um pouco gelada. Respirei fundo antes de abrirem a porta e sorri quando foi aberta, deixando tudo o que aconteceu para trás. Tinha que esquecer e curtir o noivado.

— Caissy! — Claire gritou assim que nos viu. — Nossa, achei que não viriam mais! Que demora — ela reclamou me abraçando forte.

— Amiga. — Melissa veio ao nosso encontro. — Você merece uma bronca por ontem, mas estou feliz por estar aqui. — Ela me apertou em seus

braços.

— Parabéns — disse próximo ao ouvido dela.

— Achei que não viria, Mason. — Ela sorriu e antes de qualquer resposta o abraçou.

Todos próximos a Melissa e Chris estavam ali, uma música clássica de fundo acompanhava as vozes das pessoas. Melissa desfilava de um lado para o outro, esbanjando um sorriso e uma felicidade que não cabiam dentro dela.

O garçom passou por nós e eu me atrevi a pegar uma dose, me sentia um pouco absorta, precisava de algo para me animar, mesmo não sendo muito de beber, até eu me surpreendi quando virei aquela dose de uísque puro. Era horrível.

— Vai com calma — Mason murmurou, me olhando intrigado.

— Eu estou calma, meu amor. — Dei as costas, o deixando sozinho.

Dylan foi minha distração, quando o vi, alheio aos convidados, apenas com um copo na mão, resolvi me juntar.

— Queimou? — ele perguntou rindo assim que me aproximei.

— O quê?

— A golada que você deu.

— Não!

— Mas o Drew queimou. — Ele gargalhou. —
Queimou em raiva.

— Quero que ele se exploda! — Soei um tanto insensível, mas Dylan não se importava, mais uma vez ele riu.

— Marrenta você.

— Ninguém te falou que isso é um noivado? — zombei, mudando o assunto.

— É exatamente por isso que estou bebendo como se não houvesse amanhã, olha essa música e essas pessoas. Na moral, não entendo o que vocês, mulheres, estão fazendo com os meus amigos.

— Eu ainda vou viver para ver um noivado seu com mais detalhes do que esse.

— Considere a opção de ser imortal, cunhadinha.

Mason não aguentou muito tempo longe e se juntou a nós.

— Tenho que aproveitar muito hoje, porque amanhã o dever me chama. — Ele e Mason fizeram uma rápida troca de olhares, e Deborah surgiu para

me tirar de um lugar confortável e me envolver no meio das mulheres da família de Melissa e Chris.

Elas falavam sobre casamentos, rotina do dia a dia, e eu não tinha muitas coisas para contar. Deborah sempre falava por mim e um sorriso era o bastante para permanecer no meio delas. Tive a oportunidade perfeita para deixar aquela roda, Mason e Dylan tinham ficado no mesmo lugar em que eu havia os deixado. Ficaram um bom tempo conversando entre si, na medida em que eles iam bebendo, iam ficando mais sorridentes, mais convidativos e chamando mais atenções, eu entrei em alerta quando uma loira bem elegante se aproximou.

— Acho que meu marido está se metendo onde não deve — sussurrei no ouvido de Deborah, que acompanhou meu olhar.

— É — ela cochichou delicadamente para que não fôssemos ouvidas. — Acho que você precisa participar do assunto.

Dylan foi o único que notou minha aproximação, ele ficou completamente sem jeito, mas não deu tempo de avisar o amigo, que estava bem engajado

no papo com a loira. A moça ria alto, forçando qualquer clima, Mason não era uma pessoa engraçada e ela agia como se estivesse em um *stand up*.

— Vejo que se enturmaram. — Eu me juntei a eles, interrompendo o assunto, fazendo a moça que ria sem parar se recompor.

Dylan rapidamente virou na boca o resto de sua bebida.

— Querida, essa é a Michely. Prima do Chris. — Mason tomou a frente, apresentando sua coleguinha, que estava me fazendo transbordar por dentro, de perto ela era mais linda ainda.

Ela esticou a mão, mostrando todos os dentes que tinha na boca.

— Sou Cassidy. — Apertei a mão dela com mais força do que eu esperava. — Sou esposa do Mason. — Sorri com imodéstia e tudo o que ela estava apresentando recuou de imediato, o sorriso deslumbrante na hora se fechou, a moça dando uma de desentendida encarou Mason, completamente sem graça.

— Drew, meninos? Vocês cresceram muito

rápido, achei que o Chris seria o primeiro a juntar as escovas de dente.

— Ah, querido, isso é uma ótima oportunidade.
— Fui para o lado do Mason e entrelacei meu braço no dele. — Precisamos de alianças novas, a Michely não conseguiu enxergar essa, quero outra, uma maior — alfinetei.

Fingir surpresa de que Mason era um homem casado foi o ápice, a mulher era bem cara de pau e não negava isso. O olhar dela era completamente ardiloso, eu estava irritada. Mas quem havia dado a oportunidade da prima bonitona do Chris se aproximar foram os dois safados. Pisei de proposito no pé do Dylan e depois belisquei o braço do Mason, eu queria aquela mulher longe.

— Eu costumava passar as férias na casa da tia Vivian, me divertia tanto com todos esses meninos.

— Sério? Mason, por que você nunca me falou da prima Michely? Podíamos incluir ela na lista de convidados sempre.

— Eu me esqueci, querida. Ela viaja bastante. — Ele me beijou sem jeito.

— Mas o convite está aberto, nossa casa é bem

receptiva, você vai adorar, Michely, quando puder, está convidada.

— Obrigada, Cassidy. Parabéns pela esposa, Mason. Muito educada. — Eu queria empurrá-la para bem longe, mas não foi preciso. Michely se ligou que o assunto não estava mais agradável e deu uma desculpa para se distanciar. — Ops. — Ela mostrou o copo. — Com licença, vou buscar algo para beber, meu copo está ficando vazio.

Todos sorriram e ela se afastou, Dylan começou a rir sem parar.

— O que foi isso? Uma crise de ciúmes? — Mason perguntou com um olhar indecifrável.

— Ciúmes? Eu deveria jogar toda a minha bebida junto com o copo na sua cabeça. Fazer surpresa que você é um homem casado? Ela não viu sua aliança? Não viu você chegando acompanhado? Enquanto vocês estão indo eu estou voltando, e pode ficar com essa cara de mané, Sr. Dylan. A Emilly não está aqui, mas estou de olho por ela. — Eu despejei as palavras rapidamente e dessa vez Mason acompanhou Dylan na risada, me deixando mais irritada.

Claire e Nate se aproximaram, querendo saber do que os dois riam sem parar.

— Amiga, não acredito que ela fez cara de surpresa quando você disse ser esposa dele, se fosse eu desfazia a surpresa dela no tapa — Claire disse, mostrando que teria uma reação pior que a minha.

— Olha, de verdade, vocês estão acabando com os meus amigos. É por isso que eu fico bêbado, é tanta decepção que meu coração não aguenta. — Ele agarrou mais um copo quando o garçom passou. — Todos estão sendo amarrados e virando uns pau-mandados. Eu era seu fã, Mason. Reage, cara! — Ele virou a bebida de uma vez, fazendo cara de choro, arrancando mais risadas.

Eu precisava ir ao banheiro retocar o batom, pedi licença educadamente e me afastei. O fecho da bolsa estava um pouco aberto e fui caminhando até a escada, distraída, eu e o garçom nos trombamos, a bandeja que ele carregava espatifou no chão e minha bolsa caiu, arremessando minhas coisas para o lado. Senti todos os olhares voltados para nós.

— Perdão — ele disse assustado, tentando me ajudar.

— Não foi nada — disse gentilmente.

Aquilo foi embaraçoso demais, me abaixei apressada, pegando meu celular e recolhendo o resto das minhas coisas em meio aos cacos de vidro dos copos espalhados pelo chão. Eu sentia minhas bochechas pegando fogo, completamente envergonhada, que mico. Senti uma mão apertar meu braço e me erguer do chão rapidamente, e a dificuldade que eu tive para recolher minhas coisas do chão ele resolveu em segundos.

— Eu disse para ir com calma quanto à bebida.
— Ele guardou minhas coisas dentro da bolsa e me entregou.

— Estava distraída, não vi que o garçom estava na minha direção — eu me expliquei, ainda atrapalhada, sem ter a coragem de encarar as pessoas à minha volta.

Ele passou a mão ajeitando meu vestido, sendo totalmente cuidadoso, como se naquele momento só existíssemos eu e ele ali.

— Acho que furei o dedo — disse, sentindo minhas bochechas ainda coradas e com a cabeça baixa.

— Vamos ao banheiro cuidar disso. — Ele pegou minha mão e saiu me guiando em direção ao banheiro.

Um filete de sangue escorreu de meu dedo, o coloquei embaixo da torneira, estancando o pouco do sangramento. Estava tudo certo com meu cabelo, e o batom, tive que tirá-lo e retocar mais uma vez, Mason esperava do lado de fora com os braços cruzados.

— Tudo bem? — Ele se aproximou da porta quando a abri.

— Foi só um filete de sangue — disse o tranquilizando.

Ele ergue meus dedos e depositou um beijo carinhoso.

— Desastrada. — Sorriu e em um passo me empurrou para dentro do banheiro, travando a porta.

— Mason, estamos em uma festa — disse espantada com a atitude dele.

— Você está linda essa noite e eu não consigo ficar só olhando. — Mais um passo e então eu estava disputando espaço com a pia de mármore

atrás de mim.

— Não podemos, não aqui, e se alguém quiser ir ao banheiro?

— Deixa isso pra depois, relaxa. — Ele me calou com um beijo assim que eu hesitei em dizer mais alguma coisa.

Esbarrei, deixando algumas coisas que estavam na pia cair no chão, o zíper do meu vestido desceu facilmente e os dedos dele tocaram minha pele desnuda, me causando arrepios. Seus lábios chegaram fazendo contorno por minha clavícula, subindo para meu pescoço, depositando beijos por todo o percurso.

Mason me ergueu em seu colo, me colocando sentada em cima da pia, finalmente passando o vestido por meus pés. Sua mão desenhava cada centímetro do meu corpo e seus olhos estavam totalmente fascinados e entregues ao momento. Seu beijo era urgente, aplacando qualquer vazio existente em mim, eu arfava a cada vez que seus dentes pescavam meus lábios, os arranhando com cuidado. Seus dedos dedilharam o pano da minha calcinha, o afastando para o lado, estimulando e

acariciando toda a parte interna no meio de minhas
coxas.

CAPITULO 6

Quando voltamos do banheiro, Melissa e Chris estavam prestes a fazer um pronunciamento, todos estavam reunidos em volta deles, segurando taças para que fosse feito um brinde. Mason me entregou uma taça e segurou outra, e conseguimos participar do comunicado sem que notassem que havíamos acabado de chegar.

— Gente. — Melissa começou pedindo atenções, ela tinha um sorriso enorme no rosto, nunca a tinha visto tão feliz como naquele momento. — Vocês não têm noção do quanto eu estou feliz, ou melhor, do quanto estamos felizes. — Ela admirou Chris, sem deixar aquele sorriso largo e bonito que ela exibia. — Eu sei que muitos de vocês gostariam de saber isso em primeira mão, mas nós decidimos fazer essa surpresa para todos, porque para nós foi um susto, mas agora está sendo o motivo de maior alegria e eu juro para vocês que nunca me senti tão feliz como agora, principalmente por compartilhar

isso com vocês.

— Fala logo! — Claire pediu impaciente.

— Eu estou grávida — Melissa comunicou sorrindo.

Aquilo foi um choque, confesso, eu e a maioria das pessoas naquela sala não esperávamos por aquela notícia. Eu me senti um pouco estranha, depois de tanto tempo, o bebê de Melissa seria o primeiro com que teríamos contato. Estava muito feliz por ela, muito mesmo, mas não estava sabendo lidar.

— Você está bem? — Mason me abraçou, colando o corpo atrás do meu.

— Estou feliz por ela. — Ele apertou os braços, me rodando para ficar à sua frente. Ele me conhecia melhor do que ninguém e eu não conseguia esconder dele toda aquela dor violenta que tomava conta de mim. — Vamos embora? — sussurrei, ele assentiu, balançando a cabeça sem ao menos me questionar.

— Tudo bem, meu anjo. Vamos sair daqui.

Mason foi completamente cortês, não me perguntou e nem quis saber o que estava

acontecendo, ou por que eu queria ir embora tão rapidamente, ele só acatou meu pedido.

Ele sempre estava ali para me sustentar em todas as minhas falhas e para me mostrar que quando eu achasse que não conseguiria mais, ele me impulsionava. Acordei com uma bandeja de café da manhã aos pés da cama e um bilhete.

“Bom dia, amor da minha vida. Saiba que você sempre foi e sempre vai ser a mulher da minha vida e que, se algo acontecesse com você, eu não sei o que seria de mim.

Com amor, Mason Becker.”

Eu estava faminta e ele tinha preparado tudo o que eu gostava de comer, cereal e iogurtes com mel.

As cortinas estavam entreabertas, deixando entrar um pouco da luz do sol que invadia o quarto, aquilo me encorajou a levantar daquela cama e me arrumar, mas eu sabia que não estava tudo certo, Mason estava, sim, me escondendo algo, e aquele bilhete com café na cama só confirmavam minhas suspeitas.

Eu sentia que aquele bilhete era uma forma de se

desculpar pelo que ele estava fazendo.

(PARTE MASON)

Depois de sair sem acordar Cassidy, eu decidi dar uma última revisada no prédio empresarial. Eu precisava verificar os últimos detalhes para aquela noite. Mais uma vez uma recepcionista simpática me ajudou, ela realmente via muita gente por dia, pois em nenhuma das vezes que apareci naquele lugar, ela me olhou como se seus olhos me reconhecessem.

A reunião que eu tinha marcado com os caras era só depois das três, mas antes eu precisava fazer com que Dylan aceitasse o que eu iria propor. Tê-lo como aliado era como ter o voto positivo de todos, eu não tinha certeza, mas sabia que ele iria entender tudo aquilo.

Há um tempo eu tive minha vida afetada por um único homem, eu perdi o meu pai, perdi minha filha e também perdi uma parte da Cassidy. Seis anos fora foi tudo o que precisei aguentar para vê-la bem, mas eu ainda sentia que ela estava distante. Tudo o que eu mais queria agora era acabar com

esse homem e fazê-lo pagar por toda desgraça que causou à minha família.

— Vocês vão falar qual é o plano ou vamos ficar aqui montando os equipamentos sem saber qual o objetivo? — Nate disse impaciente após todos se reunirem.

— É o seguinte, eu sei que existe uma transportadora no nome do Marconny, ele está se destacando no transporte de petróleo refinado. A carga vai toda para a Alemanha, o principal comprador, e de lá é distribuído toda a coca importada do México. — Todos eles estavam com expressões indescritíveis.

— Cara, não é por nada não, mas você faz ideia quanto vale um carregamento desses? Você sabe que o dinheiro que eles vão perder se você fizer algo não é só do Marconny? E os outros investidores e fornecedores? Você pretende rodar com todo mundo? — Brian fez uma sacada inteligente.

— Eu pretendo envolver nisso apenas os investidores das ONGs, não quero entrar mais a fundo. O problema do tráfico é da polícia, não meu.

— E você sabe como funciona o embarque da carga? — Chris perguntou.

— Os ficiais do porto estão corrompidos, os três primeiros containers são verificados, no resto é feito vista grossa.

— E você tem o que em mente? Chamar a polícia e delatar que um dos containers está transportando quilos de coca? Acha que não tem nenhum policial recebendo propina pra cuidar que a polícia não saiba disso?

— Eu estou pensando em provocar um incêndio pequeno em um dos containers e deixar o resto com o delegado Devlin.

— Cara, você realmente está com a conta da Netflix em dia — Nate se manifestou. — Isso saiu de qual filme? Porque tenho certeza que uma coisa dessa só em filme.

— Você quer colocar fogo em líquidos inflamáveis? Acha mesmo que esse incêndio vai ser contido antes de tudo ir pelos ares? — Brian debochou.

— Eu acho que o plano do Mason é bom, mas ainda não temos a certeza de que o delegado vai até

lá, afinal ele não vai ter motivo para revistar nenhum dos containers. Mas eu tenho uma ideia melhor. — Todos prestavam atenção no que Dylan dizia. — Os caras estão fazendo marcação cerrada pra uma coisa no porto. Imigrantes!

— Ainda acho fraco — Chris opinou. — Vamos levar o Marconny para a cena do crime e o que prova que ele realmente está envolvido nisso?

E foi o momento certo para terminar de informá-los sobre tudo o que consegui. Peguei a pasta e entreguei a cada um deles a cópia dos arquivos que tinha.

— Faz um tempo que eu consegui juntar todas essas provas, mas a principal precisa ser feita hoje à noite.

— Eu desacredito que ele vá até o porto, é fazer provas contra ele mesmo, isso é mais improvável do que o incêndio planejado — Brian duvidou.

— Precisamos de algo hoje, eu não faço ideia de quando outro carregamento desse vai partir — atestei. — Ele não precisa ir até o porto, podemos ir até ele.

— Vamos fazer hoje. Nate, você consegue levar

todas as unidades para o centro empresarial?

— Quantos homens estão corrompidos nesse carregamento? — Chris perguntou.

— Para receber a carga, tirando os motoristas, uns 10.

— São poucos, perto do que imaginei. — Brian cruzou os braços e estufou o peito, soltando o ar de forma alta.

— Isso é só uma suposição, não é um número exato — informei. — Os homens do Marconny estão reunidos em um galpão, até onde sei, os containers serão carregados somente na madrugada, quatro carretas transportarão a carga até o porto.

— Quem são os motoristas?

— Aqui a ficha de todos eles. — Entreguei a papelada na mão de Chris.

— O mais vulnerável?

— Cooper, um aposentado, 63 anos, faz esses bicos de motoristas para bancar o medicamento da mulher com Parkinson.

— Eu sei bem o que você está pensando, Dylan, e quem de nós vamos sacrificar? — Brian se opôs.

— Tudo tem uma consequência, Brian. Se você não está disposto a se arriscar, pode cair fora, nós vamos continuar aqui. — Eu nunca tinha visto Nate tão certo de si quanto naquele momento.

— Temos a isca perfeita, o Cooper vai nos ajudar!

— Isso tem 40% de chances de dar certo, vocês estão contando com o “e se”, e nunca trabalhamos contando que pode dar certo, sabendo que a chance de erro é muito maior do que a de acerto. Isso é um carregamento de drogas, vocês acham mesmo que o Marconny vai dar o vacilo de se envolver nisso? Essa noite ele quer estar bem distante, ele vai montar o álibi perfeito — Brian rebateu, sendo sensato.

— Eu ainda acredito no 1% de chances que temos, se vocês são contra isso, podem deixar que faço tudo sozinho, mas se toparam chegar até aqui temos que ir até o fim.

— Nate, acione o Jason. Peça para que ele faça uma visita à senhora Cooper. — Dylan tomou a frente dando seguimento no plano, ignorando os questionamentos de Brian.

— Pra já! — Nate pegou o celular e se afastou para fazer a ligação.

Já estava decidido, erámos quatro contra dois.

O galpão estava silencioso, Chris e Brian já tinham saído para fazer a parte deles e nós esperaríamos até que eles estivessem com o Senhor Cooper. O plano era o seguinte: com a visita que Jason fez à esposa do aposentado, Chris e Brian o obrigariam a mudar a rota da carga, o caminhão dele não tinha nenhum tipo de rastreio, ele seria levado até ao galpão e, quando parte da carga estivesse em nosso poder, Marconny viria até nós no centro empresarial da cidade, onde o grupo de empresas dele tinha sede.

Eu tinha todo o planejamento em mãos, mas quem executou tudo foi Nate e seus computadores.

Andei um tempo de um lado para o outro, tentei fazer algumas coisas, mas nada surtia efeito. Eu sentia uma tensão enorme crescer em mim, eu estava muito pilhado. Tentei me distrair um pouco com o celular, mas também não foi o suficiente e eu não queria mandar nenhuma mensagem pra Cassidy. Qualquer coisa que eu dissesse para ela

naquele momento geraria suspeitas, ela era uma policial agora e eu a queria fora de tudo.

— Chris e Brian estão dentro, o senhor Cooper cooperou — Nate avisou, me trazendo de volta de meus pensamentos.

Depois de um tempo, ficamos sabendo que eles estavam com a carga e a caminho do galpão. Eu e os demais começamos a nos preparar e, quando tudo já estava pronto, ouvimos o barulho do caminhão vindo de fora do galpão. Brian e Chris entraram, trazendo o motorista com eles.

— O senhor faz ideia do que estava transportando? — Brian empurrou o homem até uma das cadeiras e o prendeu em umas amarras para que não saísse dali. — Sabe que se fosse descoberto nunca mais compraria os remédios e nem ajudaria a sua senhora? O senhor sabe que essa noite seu caminhão estava repleto de cocaína, senhor Cooper?! — Brian gritou se alterando.

— Olá, Cooper. — Tirei a venda dos olhos dele.

— O que vocês querem comigo? Cadê minha mulher? Eu não vou dizer nada enquanto eu não souber que ela está segura — ele dizia zangado sem

parar.

— Senhor Cooper, não vamos machucar sua mulher nem o senhor, quando terminarmos isso tudo o senhor não vai nem se lembrar do que aconteceu, mas precisamos que o coopere conosco. A senhora Cooper já recebeu uma visita, eu não quero pedir para meus homens visitá-la novamente.

— Não se metam com ela! — ele esbravejou, tentando se soltar das amarras.

— Então coopere conosco.

— Tudo bem, tudo bem. O que tem que ser feito? Eu não me importo, podem fazer o que quiserem comigo, mas deixem-na em segurança.

— Você vai falar com o seu patrão e dizer que estamos com você e com a carga.

— Mas eu não faço ideia de quem seja o mandante. Eu fui contratado no porto, pelo Richard, ele repassa serviços para todos os motoristas. Eu não faço ideia de quem seja o mandante disso tudo.

— Nós sabemos, fica tranquilo. — Dylan se aproximou, entregando o telefone.

Brian colocou o cano da arma no pé do ouvido

dele e no outro deixou o telefone encostado enquanto ele falava com o Marconny. O cara se tremia todo, aquilo foi bem calculado desde o primeiro dia que criei coragem para executar aquele plano e Brian era a melhor pessoa para coagir o homem a falar sem demonstrar emoções. Eu estava me guardando para a melhor parte da noite, que seria quando eu colocasse as mãos no filho da puta que acabou com a vida da minha família.

Depois de uns dez minutos, escutamos um barulho de carro do lado de fora, estava na hora!

— Eu deveria ter desconfiado — Marconny parecia não acreditar.

— Quietinho e coloca a mão na cabeça — eu disse com a arma apontada para ele, qualquer gracinha e eu não hesitaria em deixá-lo mancando, sofrendo um pouco até que os policiais chegassem.

— Pra que colocar a mão na cabeça? Acha que tenho chance de fugir, Becker? — ele debochou.

— Ele mandou pôr a mão cabeça — Dylan tomou a frente, apontando sua arma na direção do desgraçado.

— Se eu colocar a mão na cabeça vou ter que

soltar a bengala e sem ela não consigo ficar em pé...

— Foda-se! — não me importei. — Mão na cabeça ou vai sentir a mesma dificuldade na outra perna!

— Seu moleque! — ele rosnou, mas por fim obedeceu, soltando a bengala e colocando as mãos na cabeça.

— E agora, onde estão seus homens? Cadê a sua proteção? Cadê toda a sua proteção? — Eu o olhava com superioridade, esperei muito tempo por aquele momento. — Eu te disse que um dia iria te pegar, eu sempre soube que a minha hora iria chegar. Não adiantou nada você ter aquele exército e ser tudo o que você se tornou em cima da imagem suja que criou do meu pai, eu disse que esse dia iria chegar e aqui estamos.

— Qual é seu preço? — Ele ainda se sentia em um pedestal. — Fala seu preço que eu pago, assim como seu pai, você deve ser fraco, vocês têm uma visão muito complexa da vida, isso não vai durar muito, você vai acabar com tudo antes mesmo de começar. O poder não foi feito para estar nas mãos

de um Becker.

— Meu preço é ver você acabado. — Chutei o rosto dele o fazendo cair no chão.

— Sabe que isso não tem como, no final, eu vou sempre te vencer.

— Tem, e eu vou mostrar que tem. — Eu sentia o sangue fervendo dentro de mim, minha vontade era quebrar a cara dele, mas eu não iria acabar com tudo o que planejei de forma tão errônea.

— Mason, mais cinco minutos — Dylan alertou.

— Cadê as notas? — pedi e Chris se prontificou em me trazer todos os malotes, todos recheados com as notas, todo o dinheiro que Marconny tinha em cofre estava ali, e Nate já tinha hackeado suas contas e os números estavam exibidos nas telas que reproduziam anúncios para o edifício. — Tá vendo isso daqui? — Eu peguei um bolo de dinheiro em minhas mãos. — Isso foi o seu fim e a minha vitória.

— Acha mesmo que eu não vou ter como provar que é você que está por trás de tudo isso?

— Não desta vez!

— Eu já provei que nada é impossível para mim,

Becker. Mas se você estiver disposto a perder mais um ente querido, vamos lá, continue com a palhaçada.

— Você vai ter que dizer isso pra polícia. — Marconny gargalhou.

— Quando eles virem essas pilhas de dinheiro vão mudar de ideia rapidinho — ele disse sarcástico.

— Será mesmo? — Brian e Dylan apareceram segurando duas tochas de fogo na mão. Eu me afastei e eles atearam fogo nas cédulas. — Acho que você vai ter que ter outra forma de pagamento, porque com esse dinheiro não vai dar pra pagar propina, e o que está nas contas, inclusive as do exterior... — Eu apontei para as telas. — Acaba de voltar para as ONGs que você desfalcou. — Quando as telas zeraram as contas, Brian e Dylan jogaram as tochas em cima dos malotes.

— Filho da puta! — Ele começou a rir compulsivamente. — Isso não vai ficar assim. Isso não vai ficar assim, Mason!

— Nate, liga pra polícia e nos dê as coordenadas para evacuarmos esse local. — Eu olhei mais uma

vez para o homem que desgraçou a minha vida e da minha família, completamente derrotado. Marconny não era mais ninguém, naquele momento eu tinha feito tudo o que prometi ao meu pai. — Acabamos por aqui, pessoal.

CAPITULO 7

O delegado Devlin estava eufórico. Ele comandava todas as unidades através do rádio para o Centro empresarial de Atlanta. Eu imaginava que naquele lugar só poderia ter acontecido algum roubo muito importante, nem um homicídio teria feito tanto alarde como ele estava fazendo convocando todas as unidades. Ou se tratava de um exagero ou algo muito grande.

Quando encostei o carro, não parecia tão ruim quanto ele anunciava, alguns repórteres já estavam a postos para alguns furos de reportagem, mas nem todas das unidades de apoio que o delegado havia convocado tinham chegado, apenas uns carros. Deixei a viatura que estávamos a poucos metros de distância de onde estava sendo feita a ocorrência e seguimos a pé.

— Delegado. — Thomas o cumprimentou se aproximando de onde Devlin estava reunido com os patrulheiros. Eu apenas enfiei minhas mãos nos

bolsos do sobretudo, pronta para saber do que se tratava, mas sem muito ânimo para ouvir a voz do delegado.

— Thomas, que bom que chegou. Estou auxiliando estes homens para quando a imprensa chegar. Temo que este lugar vire um verdadeiro caos quando estiverem todos sabendo o que aconteceu aqui esta noite.

— Mas, chefe, o que de tão grave aconteceu por aqui? — Thomas, assim como todos nós, quis saber.

E com um olhar incriminador o delegado cravou os olhos em mim, como se eu tivesse culpa de algo, e depois se voltou para Thomas.

— Me acompanhe, detetive.

Thomas o seguiu e fez um gesto para que eu o acompanhasse.

As vidraças do prédio estavam intactas, mas notei que havia algo de errado. As luzes de segurança estavam todas acesas, os alarmes de incêndio, disparados, e duas pilhas de papel no fim do saguão pegavam fogo.

O que realmente prendeu minha atenção não

foram as pilhas de papéis pegando fogo, muito menos o barulho irritante dos alarmes, o que me chamou a atenção foi aquela cena inusitada. Encarei-o com desprezo, sentindo a fúria tomar conta de mim a cada respiração. Não gostava daquele cara, muito menos quando meu coração gritava, berrava, dizendo que ele tinha alguma coisa a ver com o sumiço de Julie.

Marconny estava preso, acorrentado a uma das pilastras do prédio, sua boca estava amordaçada e ele estava inquieto, mas parou assim que me enxergou ao lado de Thomas e do delegado.

Eu senti meu corpo inteiro arrepiar, mas não desviei os olhos dos dele, que me fuzilavam.

— Mas o que está acontecendo aqui, delegado?
— Thomas perguntou preocupado.

— Esse é Marconny Salvatore. Não sei nem do que posso chamá-lo, mas esta noite esse homem, com ajuda de alguém, teve seus crimes revelados e parece que a pessoa fez questão de nos entregá-lo.
— O delegado estendeu uma pasta amarela a Thomas e meu coração disparou.

Eu tinha visto por diversos dias aquele material

na mesa de Mason, e, de repente, ele estava nas mãos do delegado.

Eu encarei Marconny mais uma vez, no chão, e tudo fez sentido, aquilo tudo fazia parte da vingança do meu marido e o que justificava o olhar do delegado quando cheguei. Ele suspeitava que aquilo tivesse o dedo de Mason. Já eu? Tinha certeza de que ele fazia parte daquilo.

Procurei ficar o mais distante que pude de toda a cena, quando finalmente conseguiram tirar as correntes e a mordaça do Marconny, ele permaneceu calado como o delegado havia dito que era direito dele. Eu me senti mais aliviada, talvez ele pudesse dizer algo que levantaria suspeitas contra minha pessoa, mas ele não disse nada, apenas me encarava com muito ódio.

— Detetive Becker. — Eu ouvi meu nome romper o silêncio em que eu permanecia. — Preciso que a senhora acompanhe o Sr. Salvatore até o departamento, acho que ele prefere falar na presença de seu advogado. Ou talvez um Becker por perto pode ajudar muito a fazer ele soltar a língua — ele provocou, mas eu fingi não ter

ouvido.

— Sim, senhor. — Eu caminhei até onde o Marconny estava, pegando em seu braço para conduzi-lo até o carro.

— Delegado, se me permite, posso acompanhar a detetive? — Thomas pediu.

— Ela é sua parceira, pensei que uma ordem para ela executar deixava subentendido que você também deveria estar envolvido. — sem mais ele saiu nos deixando para trás.

Thomas tomou a frente e pegou Marconny pelo braço o conduzindo até a viatura. Dirigi em silêncio até o departamento e quando chegamos fui convocada para participar do interrogatório, aquele era o meu trabalho, mas eu tinha certeza que o delegado suspeitava que Mason fazia parte daquilo. O olhar dele para mim denunciava que ele esperava pelo menos uma contradição para dar o bote.

Mas não seria naquela noite.

Os jornais já anunciavam que o grande magnata de Atlanta, Marconny Savatore, estava no departamento dando depoimento sobre o ocorrido da noite anterior. Mas os jornais não tinham acesso

ao fato de que ele não abriu a boca nem para molhar os lábios. Foram quarenta e cinco minutos tentando uma confissão ou, talvez, até mesmo uma acusação de quem tinha feito aquilo. Mas ele se negou a falar.

O delegado decidiu que seria melhor mantê-lo em prisão preventiva pela sua alta posição econômica, caso ele fosse realmente acusado de algo, poderia fugir do país com facilidade. Marconny era um homem poderoso, os advogados dele derrubariam aquele mandado de prisão preventiva assim que amanhecesse e fariam de tudo para a promotoria não aceitar as provas que foram deixadas para o delegado.

Saí do departamento e não tinha uma mensagem, nem uma ligação, eu ainda estava aérea com todos os acontecimentos da noite. E nada ainda estava por acabar, Mason era a pessoa que eu mais queria enfrentar naquela noite. Minhas mãos suavam, segurando o volante com tanta força que os nós dos dedos chegavam a doer. Eu pensei diversas vezes em encontrá-lo e conduzi-lo até o departamento, mas antes de cumprir a lei eu precisava olhar nos

olhos daquele mentiroso.

Cruzei os portões com mais pressa que o normal, deixei o carro próximo ao jardim e segui em direção à entrada da casa, mas, quando estava me aproximando, os barulhos vindos da piscina não me deixaram entrar. Eu sabia que Mason estava na área externa da casa e, por sinal, dando uma festinha particular.

O som não estava tão alto, mas as risadas, sim. Mason, Brian, Dylan, Nate e Chris celebravam o desfecho daquela noite e eu me sentia uma idiota, aquilo tudo foi planejado debaixo do meu nariz e eu não me dei conta. Eu tive a atenção que queria quando a música parou, joguei o pequeno rádio que animava a festinha dentro da piscina, o aparelho deu um breve pipoco e todos eles me olharam, completamente assustados.

— Caissy? — Mason estava supresso, um pouco assustado, sua reação não dizia muito sobre seu estado. — Você tá ficando louca? — Ele me encarava incrédulo.

Rapidamente, com a minha arma na mão, ordenei:

— Todo mundo para o chão!

A reação que obtive deles foi completamente contrária à minha ordem, eles me olhavam como se eu estivesse falando em outra língua algo absolutamente desconhecido. Mason se mostrava no mínimo indignado com minha atitude.

— Cassidy, que brincadeira idiota! Abaixa a porra dessa arma!

— Eu mandei vocês deitarem no chão. — Destravei a arma, a engatilhando, causando mais indignação.

— Cassidy...— foi a vez de Brian tentar, mas eu não deixei que continuasse.

— Detetive Becker — eu o corriji. — Soltem as bebidas e deitem, com o peito no chão e as mãos na cabeça! — Desta vez gritei, reforçando as ordens anteriores, e todos, menos Mason, obedeceram.

Ele me olhava ferozmente, como se a qualquer momento fosse me atacar.

— Você está ficando louca? Esses... — Ele passou as mãos na cabeça, tentando visivelmente se controlar. — Cassidy, esses são nossos amigos.

— Ninguém está abaixo ou acima da lei para que

ela não seja cumprida. Esta noite tivemos uma ocorrência no centro empresarial de Atlanta, alguns idiotas decidiram brincar de Robin Hood, fizeram justiça com as próprias mãos e prenderam um dos maiores magnatas de Atlanta. Entregaram-no de bandeja para polícia, invasão a propriedade privada, invasão de cofres públicos e incendiaram o local. Tudo isso configura crime, minha função é investigar e identificar os suspeitos e vocês fazem parte disso.

— É sério isso? Ela vai prender a gente mesmo?
— pude ouvir Nate incrédulo perguntar ao Chris, que nada respondeu.

— Você vai me prender, detetive? — Mason cruzou os braços, meneando a cabeça para o lado.
— Você quer prender alguém? Então abaixa essa arma e me leva, pois você sabe que o único suspeito dessa porra toda sou eu. Eles não têm nada a ver com isso.

— Eu te disse que não saberia qual iria ser a minha reação caso um dia você fizesse parte de uma ocorrência minha...

— Agora nós já sabemos do que você é capaz.

Manda ver, detetive, eu sou o suspeito da noite — Mason debochou com os olhos grudados nos meus.

— Sem provas? — Ele realmente achava que eu era uma idiota. — Se eu pedir para coletarem as digitais naquela merda de pasta que ficou dias em cima da sua mesa e depois apareceu como a prova concreta para prender o Marconny, eu tenho certeza que você deixa de ser uma suposição minha e um suspeito principal, não só do departamento, como do FBI. Eu realmente deveria prender você, Mason. Mas eu vou deixar você se enforcar sozinho. Quando eles colocarem as mãos em você, a merda vai estar muito maior do que está agora. — Eu guardei o revólver de volta no cinto, dando as costas para eles. — Boa noite, meninos — falei sem olhar para trás, não me importando com a reação deles.

— Eu não acredito! — Brian disse nervoso. — Você não disse nada pra ela?

— O que eu poderia dizer? Se liga, Brian, quanto menos ela souber, melhor pra ela.

— Melhor, imagina o que ela passou quando foi

fazer a prisão daquele babaca, todos nós sabemos que o detetive é louco para um deslize seu. Imagina como ele se sente sabendo que a Cassidy, uma subordinada dele, é esposa do homem que ele mais persegue.

— Por isso que eu acho necessário esse distanciamento, quanto menos ela souber, melhor para todos nós.

— Você sempre quer controlar o que é bom para todo mundo e nunca quer saber o que realmente as pessoas querem, Becker.

Ele nos deixou, seguindo pelo mesmo caminho que Cassidy foi, arruinando nossa comemoração.

— Merda! — Chutei uma das cadeiras de sol em minha frente e o silêncio entre os demais continuou.

Ela não podia saber, não até eu terminar com tudo aquilo. Eu temia que envolvendo o nome dela nisso tudo ela perderia seu cargo, que amava tanto, e sua liberdade. Eu não me perdoaria em mais uma vez enxergar dor nos olhos dela, como era quando perdemos a Julie, eu não queria mais fazê-la sofrer.

— E então, cara, você vai abrir o jogo com ela?

— Depois de um tempo Dylan voltou a falar.

— Eu não posso, Dylan. Não posso fazer isso com a vida dela, cara.

— Acho que você está sendo egoísta, quem decide isso é ela.

— Não desta vez!

— Aí, Drew, dá um jeito nisso, cara. Eu não vi nos olhos dela nenhum pouco de piedade e eu tenho certeza de que ela acabava com todos fácil, não duvido daquela mulher, ela tem sangue nos olhos.

— Eu não tenho dúvida de que ela atiraria, Nate.

— É aquela coisa, Deus escreve certo por linhas tortas, ela é a sua versão feminina. — Ele ainda estava extasiado.

CAPITULO 8

Eu não esperei para ter um segundo confronto com Mason, os canais comunicativos não falavam de outra coisa a não ser a prisão do Marconny. Eu me recolhi antes de ele aparecer no quarto e peguei no sono mais rápido do que esperava, o dia seguinte estaria à minha espera, recheado de surpresas, e, para o meu desespero, Marconny ainda estava no departamento sem nenhum alvará de soltura e provavelmente seria ouvido por mim a mando do delegado.

Quando acordei, Mason já não estava mais no quarto e não fiz questão de encontrá-lo, me arrumei e saí pelos fundos, a única a me ver foi Guadalupe.

A frente do departamento estava um caos, repórteres e curiosos aglomerados, querendo informações sobre o Marconny.

— Com licença — pedi, tentando furar o fluxo de pessoas aglomeradas na escadaria do departamento, aquilo estava um inferno e eu tinha certeza de que

lá dentro estava pior.

Quando entrei, Thomas estava concentrado em sua mesa, coloquei meu blazer na cadeira e deixei minha bolsa em cima da mesa, indo até onde Thomas estava.

— E aí, detetive? — ele disse quando me aproximei. — O que achou dos repórteres lá fora?

— Me senti um alimentador de animais no zoológico. — Ele riu.

— O que temos hoje? — Thomas tinha um charme natural, tudo o que ele fazia parecia que era para conquistar, ou que estava flertando, mas em poucos dias ao lado dele pude perceber que ele tinha somente uma beleza absurdamente rara e não fazia de propósito.

— O delegado não obteve êxito nenhum com o depoimento do Marconny, mas eu não entendi por que ele pediu para que quando você chegasse fizéssemos um novo interrogatório.

— Ele deve estar testando vários meios de persuadir o cara. — Pensei rápido, mesmo suspeitando que o motivo pelo qual o delegado quisesse um novo depoimento era por suspeitar que

tivesse dedo do Mason naquilo e queria saber qual o meu grau de envolvimento naquilo tudo, o que me irritava mais, pois eu não sabia de nada.

— É, pode ser também, eu não tinha pensado por esse lado.

— Então vamos lá, fazer o meliante abrir o bico.
— Eu saí na frente, rumando para a sala do delegado, minhas mãos suavam frio, bati duas vezes na porta e depois entrei.

Ele estava de costas, com o olhar fixo na janela.

— Delegado — eu chamei sua atenção. — Já estou aqui, podemos iniciar um novo interrogatório ao senhor Salvatore?

— Positivo, detetive. — Ele se virou com as mãos ainda dentro dos bolsos da calça, me encarando de um jeito diferente. — Prepare a sala de conferência e peça para que o Thomas me acompanhe do outro lado do vidro.

— O senhor quer que eu faça o interrogatório?

— Sim, por quê? Precisa se declarar incapaz de fazer este interrogatório por alguma relação pessoal?

— Por que o senhor acha que tenho qualquer tipo

de relação pessoal com o suspeito?

— Não acho, estou comunicando que este é o único motivo para eu aceitar a sua ausência nesse depoimento.

— Me considere presente, eu irei fazer o interrogatório. — Eu dei as costas, deixando a sala, minhas mãos tremiam e eu estava uma pilha de nervos.

Antes de começar, tomei um café para me acalmar, mas não adiantou. Thomas testou a sala, checando todos os microfones, ele me deu um gravador, as provas e algumas perguntas selecionadas que eram cruciais que o Marconny respondesse.

Quando entrei na sala de conferência, ele já estava à minha espera. Eu estava lá, não tinha como fugir. Marconny não aparentava ter envelhecido, mas o clima ruim que eu sentia ao estar na presença dele tinha aumentado desde a última vez que nos vimos. Ele estava algemado e do outro lado da mesa, eu me sentei de frente para ele, que pareceu não se importar com minha presença.

— Senhor Salvatore, eu só preciso fazer umas

perguntas para esclarecer o seu envolvimento nos crimes denunciados. Sou a detetive Cassidy Becker. — Só obtive a sua atenção quando pronunciei meu nome, o homem que se mantinha algemado, com os cotovelos cruzados em cima da mesa, esticou os lábios lentamente, me mostrando um sorriso satisfatório.

— Bom dia, detetive. — Eu senti meu corpo todo arrepiar, tinha pavor da presença daquele homem.

— Bom dia! Nossa conversa será gravada.

— Eu tenho direito a um café? Uma água, talvez?
— Eu ignorei, respirando fundo e dando início à gravação.

— Aqui é a detetive Cassidy Becker, com Marconny Salvatore, a respeito do caso 201103120397. Senhor Salvatore, este interrogatório está sendo gravado, o senhor permite?

— Sim. — Ele sorriu.

Eu optei por iniciar o interrogatório com as perguntas prontas, eu me sentia mais confiante.

— Senhor Salvatore, o senhor declara ter algum envolvimento com o tráfico de mulheres e de

drogas identificado nessas provas preparadas? — Ele apenas riu e eu prossegui. — O senhor tem algo a dizer sobre a sua inocência com relação à lavagem que estava sendo feita em favor do tráfico com a sua transportadora? — Dessa vez ele somente preferiu o silêncio. — Aconselho que fale algo para a sua defesa, vai ajudar muito, caso consiga uma audiência de custódia.

— Uma audiência de custódia? Acha mesmo que eu consigo um advogado competente para uma audiência de custódia? Tudo o que ele fez foi calculado, eu não tenho nada a dizer, não quero me defender e vou assinar todos os crimes que caírem nas minhas costas.

Eu engoli em seco, estávamos chegando próximo de ele começar a citar o nome do Mason.

— Quando diz *ele calculou tudo*, se refere a quem, Senhor Salvatore? — Abandonei as perguntas já feitas, arriscando um passo para o meu calvário.

— Ora, detetive, é função da polícia investigar e descobrir os seus próprios casos, já estou detido, se querem saber de algo, investiguem. — Ele deu de

ombros, Marconny era inteligente demais, ele sabia que se citasse o nome de Mason seria um tiro no escuro, eles não tinham relação nenhuma para apontá-lo como suspeito de ter feito tudo aquilo com ele.

— Como te disse, isso ajudará a sua defesa, mas se não quiser falar, é um direito seu.

— Não, eu não vou falar. Inclusive, acho que você e os dois babacas que estão atrás desses vidros não têm mais o que fazer, eu já disse que assumo tudo, eu não me importo com isso. — Ele mostrou as mãos, balançando as algemas. — A pessoa que me colocou aqui só não contou com uma coisa: uma hora tudo isso vai acabar, e, quando eu sair daqui, vou cobrar cada hora que vi o meu sol nascer quadrado. — Ele cruzou os braços, aproximando-se mais da mesa. — Se é que me entende, detetive, em matéria de vingança, eu garanto para a senhora que sei fazer o serviço bem melhor do que fizeram comigo, não é mesmo? — Eu estava pisando em ovos, mas não podia demonstrar que ele estava tentando me intimidar. Para as pessoas do departamento, Marconny era um homem

desconhecido, e para mim também, naquele momento.

— Declaro que o senhor Salvatore recusou-se a cooperar com as investigações, desacatando autoridades aqui presentes. Finalizo esse depoimento com um demérito em função do réu. — Eu desliguei o gravador e comecei a recolher as pastas.

— Já acabou?

— Está preocupado? Achei que não se importava com tudo isso. — O policial que escoltaria Marconny de volta para a cela entrou na sala.

— Pode ter certeza que o preocupado nessa história não vai ser eu, detetive, se é que me entende. — Ele sorriu, ficando de pé, cooperando com o policial que o conduziria.

Eu sabia que aquele depoimento não renderia nada e somente aconteceu para satisfazer o ego do delegado. Como eu esperava, Marconny não disse nada de útil, somente destilou seu ódio e sua sede por Mason sutilmente. Eu voltei para a minha mesa sem trocar uma palavra com ninguém, eu estava irritada para falar, as ameaças de Marconny me

atingiam diretamente, mas ali não tinha ninguém para eu desabafar.

No fim da tarde, Thomas já tinha dado andamento aos inquéritos que estavam com a gente, ele me passou uns arquivos trabalhistas para descobrir o endereço de alguns suspeitos, mas nenhum parecia ter sido demitido recentemente, como ele tinha me pedido para observar. Eu não tinha ido almoçar, depois do depoimento do Marconny, eu não senti fome, mergulhei em um monte de tarefas para não pensar em tudo o que tinha acontecido.

— Aceita um café? — Thomas ofereceu.

— Obrigada, mas estou sem fome — disse, ainda sem olhá-lo.

— Vento não dá sustância, detetive. O que tanto te incomoda?

— Ainda estou com aquele filho da mãe na cabeça, o depoimento de hoje cedo não foi bem digerido. — Ele riu.

— Relaxa, esse é o primeiro de muitos engraçadinhos que vão te tirar o sono.

— Você acha mesmo que alguém está tentando

incriminá-lo?

— Com toda certeza tem alguém brincando de Batman. — E aquilo me fez querer olhá-lo.

— Batman?

— Não se trata de alguém que queira ficar no lugar do Marconny, mas, sim, de alguém que queira vingar o que ele fez de errado. É definitivamente uma briga de egos.

— E como você se sente com o homem que você passou meses procurando em suas mãos?

— Nada de bom, tem um tal de Drew na área, o cara assumiu tudo em menos de 24h e parece que quer que as pessoas saibam que ele está no comando. — Meu coração acelerou de um jeito tive que disfarçar o meu espanto, ao ouvir o apelido de Mason.

Eu só conhecia um “Drew”, e se aquele fosse o meu “Drew”, as coisas que Mason andava fazendo eram piores do que eu pensava.

— Que rápido, não? — foi o máximo que consegui dizer, meus lábios pareciam ter recebido cola.

— É, mas nem tudo são flores e o dever nos

chama, você pode me acompanhar em uma visita, se quiser, meu foco agora é esse tal de Drew. — Thomas arrastou sua cadeira para mais perto da minha, fazendo um barulho irritante.

— Visita? — perguntei um pouco distraída.

— Sandra Britney foi agredida na noite passada e encontrada desacordada em um beco. Preciso pegar o depoimento dela.

— E você precisa da minha companhia para pegar o depoimento de uma mulher recém-agredida? — Eu estava tentando ser o mais natural possível, mas o dia não estava sendo favorável para mim.

— Caissy, se eu não me engano, ela faz parte do grupo de garotas que trabalhava para aquele magnata e... Agora temos que começar tudo desde o começo, meu intuito não é ficar prendendo os cabeças, mas acabar com esse tráfico, mas se agora tem um novo chefe, eu o quero.

— O que você sabe sobre esse caso? — Eu me levantei, pegando meu sobretudo, desligando a tela do computador e arrancando um sorriso vitorioso de Thomas quando passei por ele, indo em direção

à saída.

— Sei o que está na ficha. Vinte e três anos, nascida em Chicago, está residindo em Atlanta desde os 18 e suas atividades são basicamente trabalho na rua. — Ele deu de ombros quando o encarei.

— Trabalha na rua?

— Como disse, apenas o que está na ficha. — Thomas nem tentava mais dirigir, ele sabia que esse posto era meu.

Ele avisou que a vítima estava no central, aquele hospital não era tão longe do departamento, e com o trânsito livre eu encurtei o tempo, chegando lá em dez minutos.

Antes de irmos até o quarto em que a garota estava, Thomas colheu o depoimento dos paramédicos que a socorreram, não me interessei muito pelo que eles diziam, pois toda aquela parte era secundária, afinal, eles tinham chegado à cena após a garota ser agredida.

Quando entramos no quarto, Sandra estava fazendo uma pequena refeição, ela era loira de olhos claros e parecia bem machucada. Diversas

escoriações por seu rosto e alguns hematomas fortes em volta do olho, o braço direito estava imobilizado e ela parecia ter tomado alguns pontos na boca. Fiquei um pouco chocada com a situação da garota.

— Boa tarde... Sandra? — Thomas se pronunciou, enquanto ela nos olhava. — Sou o detetive Raptin e essa é minha parceira...

— Anderson. Cassidy Anderson. Fomos acionados quanto ao seu caso e viemos pegar o seu depoimento, estamos aqui para ajudar no que for preciso. Você tem o direito de permanecer calada, mas eu acredito que você queira que quem fez isso pague, então nos diga a verdade. — Aquela garota poderia saber mais do eu gostaria de ouvir, aquele depoimento seria muito útil para mim.

Thomas me encarou confuso, pigarreou e prosseguiu:

— Sandra, você pode nos contar o que aconteceu? Quem fez isso com você?

— Eu estou bem, não preciso da polícia por perto, e se estou nessa situação é porque fiz coisa errada.

— Mas nós podemos te ajudar. — Thomas tentou parecer o mais amigável possível. — Você não precisa ter medo, nós estamos aqui para te proteger. — Ela começou a rir histericamente.

— Me ajudar? Qual é, cara? Eu estou bem, mais uns dias e esses machucados vão desaparecer e minha vida vai voltar ao normal, sua amiga mesmo disse que tenho o direito de permanecer calada.

— Certo. — Mais uma vez eu interfeiri. — Thomas, ela não quer nos dizer nada, na frente de um juiz é melhor ela se explicar. Terminamos o nosso trabalho por hoje — eu disse ríspida, indo até a porta, mas Thomas nem se mexeu do lugar que estava, me obrigando a parar.

— Sandra, você tem certeza de que isso é tudo?

— Sim, as coisas na rua são perigosas, o Drew é o novo cara, ele me ofereceu moradia, emprego e boas condições, mas, você sabe, quando a esmola é demais, o santo desconfia. Eu quis então tentar algo nas ruas, mas parece que lá o território tem dono e eu me ferrei — ela conversava com Thomas, mas eu não conseguia me concentrar em mais nada além do “Drew” que ela havia dito.

— Mas você tem ideia de quem possa ter feito isso? — Thomas continuava insistindo em pegar o depoimento dela, mas eu ainda estava um pouco aérea.

— Não, eu estava parada entre a Brooks 190 a e Prytes, quando fui surpreendida por duas pessoas que me surraram até ficar mole. Depois disso eles subiram o beco da Brooks correndo, e a última coisa de que me lembro foi que liguei para a emergência.

— Certo — Thomas disse um pouco contrariado.
— Você se lembra de alguma característica deles, alguma marca que chamou sua atenção?

— Se eu tivesse visto alguma coisa eu até poderia lembrar, mas eles estavam encapuzados e estava totalmente escuro. Não vi nada.

— Eles te agrediram com os punhos?

— Não, um deles tinha um taco de baseball. — Ela descobriu as pernas, mostrando os hematomas que o taco havia feito.

— Bom, Sandra, eu acho que é só. Talvez você seja chamada para prestar mais esclarecimentos, por isso peço para que esteja à disposição.

CAPITULO 9

Eu não conseguia parar de pensar no que aquela garota havia dito, Thomas ainda não havia feito a ligação de que o Drew a que ela se referia poderia ser o Mason, mas eu não fazia ideia de como seria a reação dele quando toda aquela história viesse à tona. Ele provavelmente acharia que eu fazia parte de tudo aquilo e estava obstruindo alguma coisa no departamento para servir de informante do Mason, mas a verdade é que eu não fazia ideia do que o homem ao meu lado tinha em mente e andava planejando.

No caminho de volta para o departamento, Thomas me convidou para um café, eu estava tão aérea, depois de termos falado com aquela moça, que era visível que ele queria apenas me distrair.

— Boa tarde. — A garçonete veio até a mesa dos fundos que escolheu e nos entregou um cardápio.

— Café? — Thomas perguntou.

— Sim, por favor!

— Dois cafés pretos, por favor.

— Se precisarem é só chamar. — A moça se retirou rapidamente, indo para outra mesa que já sabia o que pediriam.

— E quanto seria justo por seus pensamentos? — Eu sorri.

— Nada, é que às vezes me concentro nas coisas de casa. — Eu me mexi desconfortável.

— Se tem uma coisa que mulher não sabe esconder é quando algo não vai bem, e digo isso com muita experiência de campo.

— Como assim? — A moça voltou rapidamente e com cuidado colocou as xícaras na mesa, próximo a mim e Thomas.

— Minhas amizades são de maioria feminina, a cara fechada o olhar perdido... você possui todos os sintomas. E, arriscando um palpite, na maioria das vezes, o problema é conjugal. Vamos lá, abre o jogo.

— Ok. — Eu respirei fundo, pensando até em qual parte eu poderia fazer aquele desabafo. — Eu estive seis anos fora, estudando e me

profissionalizando, antes disso, passamos por uma grande perda, parte de mim também foi junto com essa grande perda e eu precisei de muitos anos até estar preparada para tudo isso novamente. Mas quando eu voltei, me deparando com essa realidade, somos simbolicamente um casal, mas ao mesmo tempo estamos no enganando. Sinto que Mason me esconde algo.

— E você tem ideia do que seria esse algo?

— É exatamente por isso que estou assim, podem ser diversas coisas, Thomas. — O que eu dizia era totalmente verdadeiro, mas era preciso omitir uma parte, a parte em que eu tinha quase certeza de que Mason era um dos suspeitos no caso do Marconny e poderia estar se envolvendo em mais coisas que eu ainda não tinha suspeitado.

— A rotina do Mason mudou?

E naquele momento eu me senti culpada.

— Eu não sei qual é a rotina do Mason. Eu fiquei seis anos fora, vindo pra cá apenas aos fins de semana e nas férias de verão. Nas vezes em que estava aqui, ele deixava o tempo dedicado pra mim, mas agora é diferente, eu não vou mais para

Washington, não é mais uma briga que semana que vem já vai ter acabado e tudo voltado ao normal, agora eu estou aqui e isso faz parte da gente. — Bufeí frustrada.

— Não se sinta culpada, na verdade, sinta, mas aja para saber se a culpa é 100% sua. — Ele deu de ombros.

— Aja? Eu estou perdida por não saber nem o que dizer ou se devo dizer algo de que suspeito e você está dizendo para eu agir? Você não conhece o Mason.

— Não conheço mesmo, mas eu conheço você e, pelo pouco que te conheço, ainda vejo que tem muita bondade dentro de você. — Eu o encarei surpresa. — Toda essa história triste de seis anos, a mudança repentina do Mason e mais alguma coisa que você não citou estão te incomodando, e muito, isso é visível, mas eu acho que a pergunta mais importante da qual você precisa saber a resposta é se o seu casamento resistiu às ruínas de seis anos, ou se ele já acabou de vez e só você não percebeu. Sabendo isso, você também vai saber lidar com outros problemas que virão. Além do mais, o

Mason não parece ser das melhores pessoas. — Aquilo foi mais forte que um tapa na cara.

Eu não imaginava minha vida sem o Mason, mas com as palavras que Thomas usou talvez pudesse fazer sentido.

— Eu queria muito descobrir o que tanto tem ocupado os dias dele e por que ele mudou tanto. Só depois disso eu vou conseguir ter uma conclusão sobre em qual rumo está meu casamento. — Thomas sorriu.

— Use suas vantagens, ué.

— Vantagens?

— Cassidy, ser policial te dá certos privilégios, você tem como saber o que o Mason faz e tem privilégios para isso. — Eu não consegui controlar minha reação, eu o olhei com espanto. — Eu posso te ajudar com uns equipamentos e, talvez, no tempo vago, ser um detetive particular.

— Você está falando de seguir ele? — eu perguntei abismada.

— Sim, por que não? Rastreador que fala, hoje em dia.

— Thomas...

— Cassidy, você coloca o dispositivo no carro dele e eu te dou o computador de bordo para você rastrear os passos dele, longitude, latitude, localização... tudo vai ser oferecido.

— Eu sei como funciona um rastreador, Thomas...

— E por que ainda não o usou? — Ele virou o resto do café que tinha na xícara. — Vem, eu tenho um no carro.

Eu demorei a captar, mas beberiquei um pouco de meu café e depois me apressei para acompanhar Thomas.

Ele estava falando muito sério quando disse que tinha equipamento no carro, e eu fui mais louca em aceitar aquilo tudo, quando voltamos para o departamento. Thomas foi embora mais cedo, e eu demorei a ir para casa, minha cabeça estava a mil. O dia foi bem carregado e parecia que de última hora tudo iria desmoronar, eu pensava em tantas coisas e ao mesmo tempo não conseguia pensar em nada.

Eu não fazia mais ideia de quem ele era, eu sentia como se Mason fosse um desconhecido, que nós já

não tínhamos mais a mesma confiança de antes, eu não imaginava que a polícia nos afastaria tanto. Ou talvez eu fosse inconsequente o bastante para não calcular as consequências de estar ao lado de um transgressor. Naquele momento, nada fazia sentido, nem a minha permanência naquela casa.

A garagem estava aberta, parecia que tudo estava a favor de Thomas. O carro que Mason mais usava estava estacionado ao lado de onde eu tinha parado o meu, aquilo indicava que ele possivelmente poderia estar em casa. Eu fiquei um tempo sem sair do carro, avaliando as minhas chances e o quão patético seria colocar um rastreador no carro dele, mas tudo dizia que seria preciso, Mason nunca daria o braço a torcer e me falaria a verdade de maneira fácil.

Eu decidi entrar e subi direto para o quarto, precisava de um banho e relaxar um pouco antes de fazer qualquer coisa, eu não iria agir de cabeça quente, para depois me arrepender.

Antes de ir para o andar de baixo, encontrei Guadalupe pelos corredores, ela estava verificando algumas roupas de cama dos outros quartos e se

assustou quando me viu.

— Quê isso, menina? Está parecendo fantasma, nem te vi chegar. — Eu sorri.

— Subi direto para tomar um banho. — Eu vestia um jeans básico, uma regata preta e um cardigã, meus cabelos estavam molhados, e meus pés, descalços.

— O jantar sai em pouco tempo, quer que eu adiante algo?

— Não, Lupe, eu não tenho pressa. Preciso pegar umas coisas no meu carro.

— Quer que eu pegue?

— Não! — Sorri. — Pode deixar, é só um computador, nada de mais, não me importo de pegar. — Aquilo poderia ser um sinal de que eu não deveria colocar o rastreador no carro do Mason. — Vou lá. — Apontei na direção da escada, um pouco desconcertada, ela apenas assentiu.

Meu coração estava inquieto, passei pela cozinha fazendo o mínimo de barulho possível, as panelas de Guadalupe borbulhavam com algo no fogo. Eu fechei os portões da garagem e verifiquei pela

câmera se realmente estaria sozinha. Tudo estava limpo, criei coragem e fui.

Eu deixei apenas as luzes principais acesas, entrei no carro, pegando o equipamento e ativando o dispositivo de rastreamento. Eu tinha que ser rápida. Peguei o computador de bordo, pareando com o dispositivo, e, quando tudo estava pronto, encaixei o aparelho mínimo, pouco perceptível, na lateria lateral do para-choque, me senti mais aliviada quando tudo estava pronto.

Voltei rapidamente para a cozinha e foi só o tempo de colocar o laptop em cima do balcão e me sentar em um dos bancos que Guadalupe surgiu, acompanhada por Mason.

— Aí está ela — Guadalupe completou, indo ver as panelas, e Mason veio até mim, depositando um beijo em minha testa.

Eu sorri, me sentindo uma traidora, mas desfiz o pensamento assim que me lembrei de que ele estava me escondendo as coisas.

— Chegou tarde, hoje — ele comentou enquanto pegava um vinho da pequena adega que tínhamos na cozinha e duas taças.

O laptop estava fechado e minhas mãos nervosas batucavam em cima dele.

— Estava abarrotada de coisas para fazer no departamento. — Eu pude ver um sorriso sacana brotar em seus olhos, enquanto ele manuseava o saca-rolhas na garrafa.

— Parece que o nosso amigo se ferrou legal, não?

— Não posso compartilhar assuntos do departamento com ninguém que não faça parte de lá. E como foi seu dia, querido? — Ele riu e eu queria enforcá-lo pelo jeito que ele agia, como se não tivesse acontecido nada.

— Maravilhosamente bem, e o seu? — Mason colocou um pouco do vinho na taça e o degustou.

— Se fosse melhor, acho que estragaria. — Ele me entregou a taça, arqueando a sobrancelha.

— Guadalupe, está servida? — Ela me olhou rapidamente e negou, meneando a cabeça negativamente.

Era visível que Mason e eu estávamos prontos para atacar um ao outro e que estávamos carregados, esperando o momento certo para usarmos o que tínhamos. Enquanto isso, agíamos

com a velha e boa política da boa vizinhança.

Eu me sentia vitorioso, mas não um campeão, meu objetivo final era acabar com a Alexia. Marconny iria pagar cada sofrimento que fez minha família passar e eu assistiria a tudo de perto, tinha vingado tudo de ruim que passei, ele iria apodrecer sob tutela do Estado. Tudo o que era dele agora me pertencia, as coisas ruins e boas estavam em meu nome, eu precisei assumir o risco e iria até o fim.

— Becker? — Jason entrou na sala. — Esse daqui é o Jaden, ele tem um assunto importante para tratar com você. — Analisei o homem em minha frente de cima a baixo, um corpo magro esguio, pele escura, alto e bem desconfiado.

Jaden me encarava inexpressivo e eu sentia que os problemas começariam a partir dali.

— Então é assim? Qualquer um que diz ter uma coisa importante para me falar você deixa entrar?! — esbravejei.

— Não, é que esse cara...

— Aí, parceiro — Jaden interrompeu. — Pode

deixar que eu me apresento, sou o Jaden Mendonza, homem de confiança do Marconny.

— E o que você quer aqui? — disse, abrindo a gaveta, puxando a arma escondida.

— Era o braço direito do patrão, fazia todo o serviço sujo, cuidava da parte podre dos negócios e tentava deixar o nome dele o mais limpo possível.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— É por isso que estou aqui, oferecendo meus serviços a você.

— Acha mesmo que um capanga do Marconny tem capacidade de trabalhar pra mim?

— Se a casa do chefe caiu e agora é você que tá mandando, é melhor não mexer em time que tá ganhando.

— Pra trabalhar pra mim é preciso ser fiel, meus homens são fiéis. E os que não são terminam em uma vala com a metade da língua pra fora.

— Então acredito que tenho plena autorização de matar o seu chefe da segurança.

— Como?

— Jason, obtínhamos informações dos Beckers

através dele, acha que ele me deixou entrar aqui tão fácil por quê? Inclusive, pude ver o meu antigo patrão comemorar sua morte quando ele disparou um tiro contra você dentro de sua própria casa, mas parece que não foi tão eficaz, não é, Jason? — Jason estava completamente pálido.

Eu não estava entendendo, eles se entreolharam e, quando eu pensei em disparar, o tal Jaden em minha frente foi mais rápido, atingindo Jason no peito.

— Você está louco? — Eu tinha o homem em minha frente, sob minha mira, mas ele nada fez, abaixou a arma, a deixando em cima da mesa.

— Minha vida é a garantia de que você terá a minha fidelidade, não tenho coisa melhor a que jurar minha fidelidade do que minha própria vida.

— Está querendo trabalhar pra mim? — Eu estava completamente assustado com Jason ali, morto em minha frente. — E o que me garante que o que você disse sobre ele é verdade?

— Minha palavra, não viu o jeito como ele ficou? Mas se quiser posso te fornecer provas de que tem sido vigiado por todos esses anos. Marconny ficou

no passado, agora eu estou com você.

— Acha que eu preciso de você?

— Você é novo, pode ter toda essa fama e esse seu jeito de dono do mundo, mas você cai fácil com metade de um assopro, e eu te garanto que nesse momento sou o único que pode te ajudar, em vez de te afundar.

— Em vez de me afundar? Minha mulher é policial e nesse momento você deixou um cadáver na minha sala, no caso, o meu chefe de segurança, você está me ajudando em quê? — Eu ainda apontava o revólver na direção dele, mas sem a certeza de que iria atirar.

— A polícia não vai ficar sabendo e, a respeito do corpo, pode deixar que eu cuido de tudo.

— Você acha mesmo que depois de tudo isso ainda tem alguma chance? — Ele riu.

— É, realmente, você é um cara que não sabe o risco que está correndo sentando nessa cadeira e se dizendo chefe. Nada aqui é fácil. O tráfico, as meninas... se você não tiver controle, acaba que nem o Marconny, ou pior.

— Não quero me envolver com isso. — Ele

sorriu sem vida.

— Está tudo ligado: drogas, putas, propinas. Você pode até não querer, mas uma hora o seu nome vai estar nisso tudo e eu sou o único que pode limpar você disso. — O cara tinha uma boa lábia, isso eu não poderia negar, mas quem me garantia de que ele também não me trairia? Ou que ele estivesse falando a verdade sobre o Jason?

— Eu quero provas, você tem uma boa lábia, mas pra mim isso não é o bastante, prove tudo o que me disse e podemos conversar. — Ele bufou, puxando um envelope de trás das calças.

— Eu sabia que iríamos chegar nessa parte, você é osso duro de roer. — Ele jogou o envelope em cima da mesa para mim. — Veja com seus próprios olhos.

E realmente ele tinha as provas de que eu precisava para tê-lo do meu lado, não para ser o meu homem de confiança, como Jason era, mas eram provas de que ele dizia a verdade. Jason era de fato um traíra.

As fotos dentro do envelope me impactaram por um tempo, eu senti o ódio tomar conta de mim.

Eram diversas fotos de Alexia na frente do hospital, fugindo com minha filha nos braços, com a ajuda de Jason. Tudo o que tinha sido apagado das câmeras de seguranças estava registrado naquelas fotos, ele facilitou a fuga dela usando um dos meus carros. Por isso foi tão difícil naquele dia identificar como ela tinha fugido, eles haviam feito um ponto cego usando um de meus carros.

— Desgraçados! — Joguei as fotos em minhas mãos no chão.

— Vou precisar dos seus serviços, mas se você ousar me trair, eu vou acabar com a sua raça, e, se você tiver herdeiros, reze para que a morte deles não seja tão dolorosa como a sua.

— Nosso acordo está fechado! — Ele estendeu a mão e eu a apertei com força, selando um trato entre nós. Talvez fosse um erro, mas eu não podia negar que ele era a pessoa que me levaria até onde eu precisava, ele me ajudaria a conquistar o próximo passo: Alexia!

CAPITULO 10

Perdi a noção do tempo e só fui ver as horas quando estava anoitecendo. Vi pelas vidraças que o meu carro era o único no estacionamento do departamento. Achei estranho não ter nenhuma chamada perdida do Mason, mesmo sabendo que eu poderia ainda estar no departamento, eu estava muito fora do horário e não tinha nenhum sinal dele, talvez estivesse muito ocupado, ou me ignorando de verdade.

Eu desliguei os computadores, ajeitei minhas coisas e estava pronta para sair quando encontrei Thomas, entrando apressado.

— Uau! — Eu o surpreendi. — Qual o motivo de tanta pressa, rapaz?

— Nossa! — Ele levou a mão ao peito, contendo a reação do susto que levou. — Cassidy, o que ainda está fazendo aqui? Não pagam hora extra, você sabe, né?

— Claramente, mas se menos de duas horas é pouco para um relatório, quem sabe o dia todo não compensa? — Ele sorriu, balançando a cabeça.

— Vim pegar minhas chaves, as esqueci aqui na minha mesa. — Ele foi até sua mesa, pegando seu molho de chaves, mas Thomas era tão correto que era estranho ele dizer ter esquecido algo.

— E aí? Alguma novidade sobre os equipamentos?

— Nada de gratificante, mas pode deixar que, quando eu tiver algo concreto, você será o primeiro, a saber. — Ele sorriu.

— Estarei lisonjeado, detetive, e fico feliz que acatou o conselho e esteja usando os seus privilégios. — Ele piscou, sendo charmoso, sem precisar se esforçar para fazer aquilo. Eu apenas ri e fui para o estacionamento.

O caminho do departamento para casa não era tão longo, precisei de dezessete minutos com os faróis livres para estacionar meu carro na garagem e começar a projetar a ideia que a partir dali teria um descanso. Quando entrei, senti um cheiro maravilhoso, as panelas estavam no fogo e

Guadalupe estava fazendo o jantar.

— Que cheiro maravilhoso, está inspirada hoje?
— Eu a fiz notar minha presença. — Pensei que não chegaria a tempo, mas ainda vai dar tempo de comer algo fresquinho.

— Ah, que bom que você chegou. — Ela sorriu feliz ao me ver. — Mason pediu para avisar que não vai estar para o jantar, achei que perderia tudo isso.

— E que horas foi que ele deu esse aviso?

— No começo da tarde, se eu não me engano.

— Certo — disse um pouco intrigada. Mason estava de fato se metendo em algo novo e aquilo não me cheirava a negócios da empresa, tinha muito sigilo e mistério no que ele andava fazendo.
— Vou tomar um banho e volto rápido.

Ela assentiu, meneando a cabeça para cima e para baixo positivamente. Utilizei as escadas da cozinha, chegando mais rápido ao quarto.

Depois do banho, eu tive que me render e liguei algumas vezes para o celular do Mason, que só dava caixa de mensagens. Jason também não estava em casa, tentei também contato pelo celular dele e

foi falho, os dois estavam incomunicáveis.

Voltei para a cozinha um pouco irritada, meu corpo ainda vibrava com todo o estresse do dia. Guadalupe já tinha terminado de fazer o jantar, eu pedi para que ela me acompanhasse e, para me distrair, ou talvez só para desabafar, ela começou a contar lendas antigas de seu povo.

— Você não acredita em profecias, menina? — ela perguntou depois de me contar algumas histórias e perceber que nenhuma delas havia me comovido.

— Guadalupe, não faz parte de a minha cultura acreditar nessas coisas, mas acho interessante quando você nos conta sobre todo esse seu mundo.

— Acredito, e muito, é possível que a história de vocês seja origem de alguma profecia. A cigana espanhola me disse, uma retaliação muito grande há de acontecer na vida de vocês.

— Eu também acredito nessa retaliação, Lupe. Mas não por força de uma profecia, e sim porque minhas mãos vão concretizá-las.

— Não espere ver para crer, a menina ainda vai ter que ser muito forte...

Meu celular vibrou, interrompendo Guadalupe e mesmo tendo muitas chamadas minha Mason não fez questão de respondê-las, ele apenas me mandou uma mensagem comunicando que passaria do horário habitual de estar em casa e provavelmente passaria a noite fora.

— Esse filho da puta de fato está me escondendo algo! — disse irritada, assustando Guadalupe.

— O que foi? — ela perguntou preocupada.

— Mason avisou que não vem para casa esta noite.

— Aconteceu algo? — Eu não tinha o direito de deixá-la preocupada.

— Não, Lupe, deve estar preso com algumas coisas da empresa, mas nada de grave.

— Ah, sim! — ela respondeu desconfiada. — A menina já vai se recolher?

— Não. — Pensei rápido. — Na verdade, preciso que você peça para um dos meninos que prepare um carro, em meia hora estarei pronta.

— Essa hora e a senhora vai sair? Não está muito tarde?

— Não vou para longe, Lupe. — Eu a deixei

resmungando e fui me arrumar.

Eu precisava de um álibi e Claire me ajudaria muito. Enquanto escolhia uma roupa, liguei para ela.

— Oi, amiga! — ela atendeu no primeiro toque.

— Oi. — Eu não sabia nem como dizer aquilo de forma simples. — O que você está fazendo?

— Nada, estava estudando e dei uma parada. E você?

— Você, hm... Vamos sair?

— Sair? — Ela fez uma pausa dramática, como se estivesse processando meu pedido. — Sair para onde? Quer ir jantar? Ir ao shopping?

— Não, Claire. Sair, ainda não sei, mas quer ir?

— Pode ser, Caissy. Aconteceu algo? Brigou com o Mason?

— Nada do tipo, posso te contar no caminho, mas estou a fim de me divertir.

— Ok, então eu te pego que horas?

— Na verdade, se importa se formos com o meu carro?

— Não, pode ser também, assim eu aproveito e

encho a cara.

— Claire... — Revirei os olhos e, mesmo sabendo que ela não era capaz de me ver, pelo tanto que ela me conhecia sabia que essa tinha sido a minha reação. — Então fechou, quarenta minutos e estou aí.

O rastreador do computador de bordo estava de fato pegando, o carro do Mason estava em uma localização desconhecida de todos os lugares que ele costumava frequentar, ele estava do outro lado da cidade. Eu precisava descobrir, precisava saber no que ele estava se metendo, e eu sabia que não se tratava de um caso extraconjugal, como Thomas tinha insinuado, Mason estava mergulhado em uma enrascada, eu sentia e eu precisava saber o que era. Imprimi o endereço que o GPS apontava e pesquisei na internet sobre o local. O carro do Mason estava próximo a uma boate muito famosa no centro, então era para lá que iríamos.

Eu escolhi um vestido de festa, ele não era tão social como o habitual do meu guarda-roupa, dava para disfarçar, me arrumei rápido, até, coloquei um sobretudo por cima para me proteger do vento

gelado que estava lá fora, mas talvez o deixaria no carro. Eu não podia utilizar o meu carro, daria muito na cara, por isso pedi para que os seguranças preparassem outro. A Mercedes estava à minha espera no jardim, nem Mason nem eu utilizávamos muito aquele carro. Guadalupe quis saber para onde eu ia, mas eu não disse, apenas pedi para que ela não me esperasse.

Claire já estava à minha espera na frente do prédio, ela vestia um vestidinho preto, colado ao corpo, de mangas longas e alguns detalhes dourados. Claire e eu aparentávamos sermos irmãs, nós éramos parecidas e tínhamos gostos muito próximos.

— Ainda não estou acreditando que você está aqui. — Ela entrou no carro, colocando o cinto de segurança.

— Por que não? — Saí com o carro e ela não parava de falar.

— Detetive, você está muito sexy, mas me conta, o que te traz até aqui?

— Quero conferir esse endereço, uma coisa do trabalho e descobri que perto tem uma boate bem

badalada, não pensei em pessoa melhor para me acompanhar do que você. — Ela caiu na gargalhada.

— Fala sério, Caissy. Você veio investigar algo e eu sou seu disfarce. — Eu não iria conseguir esconder dela se visse algo suspeito, então decidi não continuar.

— É isso mesmo, não sei me habituar a esses lugares sem denunciar que sou uma policial.

— Deve ser porque você age o tempo todo como se estivesse em campo, mas pode deixar que eu vou fazer tudo ser natural esta noite. Pode me dizer alguma coisa sobre o caso?

— Procuro por uma pessoa. — Eu não podia contar que estava rastreando Mason. — E só preciso checar a localização e nada mais, o resto é com o meu parceiro.

— Ok, então vamos nessa. Eu sempre quis ter um dia de detetive. Você vai me dar uma arma?

— Está louca? — Ela me fez rir. — Se precisar usar a arma, pode deixar comigo.

— Cassidy, se eu não amasse tanto os meus croquis, eu faria teste pra ser assim tão poderosa

como você.

— Vai por mim, não deseje isso.

— Enfim, tem algum plano?

— Plano?

— É, quando chegarmos, vamos dar nomes falsos e fingir que somos mercenárias, ou podemos fingir que somos acompanhantes de luxo?

— Não, Claire. Vamos agir o mais natural possível, estamos aqui somente para observar.

— Pode deixar, o meu olhar vai ser 43 e muito mais. — Eu balancei a cabeça, prevendo as palhaçadas que ela faria a noite toda, mas de uma coisa eu tinha certeza: aquilo renderia boas risadas.

Claire realmente tinha entrado no espírito da coisa, quando chegamos à tal boate, ela cuidou da entrada e conseguiu um bom lugar para ficarmos. Estacionei o carro a uma quadra do endereço de onde iríamos, fiquei um pouco com Claire, tomei uma bebida e arrumei uma desculpa para checar o perímetro fora da boate.

Passei na chapelaria e peguei meu sobretudo, a pulseira em meu pulso indicava que na volta eu podia retornar para dentro da boate, mas eu não me

importava se, ao voltar, me berrassem, eu precisava localizar o carro do Mason e o aparelho o indicava que ele estava naquela rua. Eu voltei para o carro, me sentindo mais segura se estivesse dentro dele, começando a minha busca. O carro de Mason apontava estar em um lugar que não tinha muito acesso para que o meu carro entrasse, eu não estava entendendo muito bem ou aquele GPS estava louco, mas o carro dele estava estacionado em um beco, ou muito próximo a um, o local também não ajudava o bom funcionamento do GPS. Minha sorte foi que, antes de sair, anotei o endereço e passei a usar o do celular.

Eu dei mais umas duas longas voltas por toda a região, mas o meu instinto não me deixava ir embora sem verificar o perímetro. Eu precisava saber o que ele andava fazendo por ali, ou se somente o aparelho que não estava tendo um bom uso.

O lugar parecia ser bem barra pesada, eu decidi guardar tudo de valor no porta-luvas e só descer com o meu celular no bolso do casaco, mas fui impedida de abrir minha porta, quando notei um

homem bem próximo ao meu carro.

“Merda”, sussurrei, dedilhando a arma.

— Posso ajudar? — ele disse batendo no vidro, fazendo sinal para que eu o abaixasse um pouco.

Eu quis surrar minha cabeça, o que eu estava fazendo ali? Estava claro que eu era uma policial, a questão era se eu dizia a verdade ou deixava o cara reagir primeiro, para depois eu me responsabilizar pelos meus atos. Mesmo assim, sem muito o que fazer, já conseguia ter a minha mão completa na arma.

Abaixei dois dedos do vidro e ele envergou um pouco o corpo, me encarando.

— A senhorita está perdida por aqui?

— Não! — fui rápida. — Sei bem onde estou.

Ele se abaixou mais um pouco, me dando a visão completa de seu rosto.

Era um homem jovem, deveria ter no máximo 35 anos, seus olhos eram fundos, pele escura e ele era bem alto, o gorro em sua cabeça não me deixava ver a cor de seus cabelos, mas eu apostava que ali escondia mechas escuras.

— Então o que procura nessa região?

— O senhor é algum tipo de guarda da rua? —
Fui um pouco ríspida sem me importar. — Porque
eu não me lembro de ter que sair por aí dando
satisfações do que procuro ou não nos lugares em
que vou. — Tentei abrir a porta, mas mais uma vez
ele me impediu e a empurrou com força, a
fechando novamente.

— Acho bom a senhora voltar pelo caminho de
onde veio, senão a coisa pode ficar ruim para o seu
lado, e não costumamos mexer com tiras por essa
região, mas, se for preciso... — Ele me encarou
completamente sério.

— Isso é uma ameaça?

— A senhorita é bem valente. — Vi pelo meu
retrovisor central que mais uns homens se
aproximavam do carro, eu não sabia se daria tempo
de descarregar um pente em todos eles, alguns eu
poderia atingir, mas ao abrir fogo estando sozinha,
eu tinha grandes chances de me ferrar naquela, e eu
ainda tinha que voltar à tal balada para pegar a
Claire, aquilo não daria certo.

— Ok, você tem toda razão, quem sabe um outro
dia. — Sorri falsamente, ligando o carro, sendo

obrigada a sair dali.

CAPITULO 11

Ter repentinamente toda aquela responsabilidade era cansativo, principalmente por saber que eu estava arriscando muita coisa, era o único meio que eu tinha para encontrar a Alexia, eu acreditava que o sacrifício valeria a pena, mas, para a minha vida, por isso acreditava que a Cassidy deveria estar alheia a tudo isso, eu não tinha o direito de acabar com a carreira dela melando o nome dela em tanta sujeira, não era isso o que eu queria para nós.

Aquele Jaden estava sendo útil, eu não tinha total confiança nele, mas o pouco que rodamos na noite ele realmente demonstrou que estava disposto a me ajudar. Eu não tinha ideia de como deveria lidar com todo aquele negócio, mas ele já estava envolvido há mais tempo e ia conduzindo a situação bem melhor do que eu.

— Essa daqui eu chamo de fervo — ele disse assim que chegamos ao centro das boates que Marconny chefiava. — As melhores mulheres de

Atlanta com certeza estão aqui.

— Essa casa é maior que as outras. — Eu reparei a dimensão daquele lugar.

— Daqui as outras casas são controladas, se você quiser, pode controlar tudo daqui, não precisa nem rodar a noite toda, como fizemos hoje... Quer conhecer seu escritório?

— Meu escritório? — perguntei confuso.

— Sim, o Marconny tinha um escritório no andar de cima, vamos lá.

Eu apenas o acompanhei, passamos pelo meio do salão e depois subimos umas escadas de caracol que havia no fim da boate. O corredor que dava acesso ao escritório tinha a visão completa do lugar, tudo podia se ver lá de cima.

— Seu escritório, chefe. — Jaden abriu a porta de uma sala e eu entrei, o escritório tinha uma cor vermelha e umas luzes meio escuras. Examinei tudo, meus olhos corriam por cada parte, notando tudo sem deixar escapar nada. — Ali é o cofre, tem uma garota que trabalha aqui que é muito competente, era a antiga gerente. De confiança, a meu ver — Jaden assegurou.

— E quem é ela? — Eu me sentei em uma das cadeiras, ainda observando todo o local.

— Bruna. — Ele sorriu com malícia. — Ela é responsável, pode confiar.

— Puta?

— Não, digamos que ela é a coordenadora de todas as meninas. Ela cuida das despesas da casa, da contratação das meninas e do dinheiro que é recolhido.

— E ela não faz programas?

— Não. — Ele sorriu mais uma vez. — Ela é exclusividade do chefe, conferência da casa, sabe como é, não é?

— Não, não sei. — Ele me olhou espantado mais uma vez.

— Vou chamá-la para você ver a qualidade do pacote. — Ele saiu apressado, fechando a porta, me deixando sozinho no novo escritório.

Eu já previa a merda que iria dar. Cassidy nunca me aceitaria chefiando boates, mesmo se o meu objetivo não fosse cuidar de nada daquilo.

Não demorou muito e Jaden voltou, acompanhado de uma morena de no máximo um

1,70 m. Ela vestia um vestido curto e bem colado ao corpo, era confiante no jeito de andar, sabia que era bonita e chamava a atenção.

— Chefe, essa é a Bruna.

— Sente-se. — Apontei a cadeira em minha frente e assim ela fez.

Jaden ficou parado ao lado.

— Sou o...

— Drew Becker. — Ela sorriu. — Já ouvi falar muito sobre você.

— Que bom, assim encurtamos as apresentações. Jaden me disse tudo o que você faz aqui e que você é uma garota de confiança, fez boas recomendações sobre você. — Ela se virou um pouco e sorriu para ele.

— É, digamos que eu sou bem prestativa, quando precisam de mim

— Acho bom! — Ela sorriu me olhando.

— Só não confio no pessoal do Marconny, então um de meus homens vai ficar por aqui.

— Me vigiando?

— Não, cuidando dos meus interesses.

— Por mim, tudo bem. — Ela deu de ombros. —
Daqui a um tempo vai ver que não vai precisar
disso. — Ela mexeu no cabelo de forma sensual. —
Só te peço que meu emprego seja mantido, Drew.

— Becker — eu a corriji, e ela sorriu sem graça.

— Tudo vai continuar como antes? Vou cuidar de
tudo aqui enquanto vocês não estiverem?

— Por enquanto, eu vou te apresentar um cara, o
nome dele é Dylan, você vai prestar contas com ele
e ele vai me reportar tudo.

— Pode contar comigo para o que quiser, sou sua
escrava, sua serva. — Ri, achando aquilo patético.

— Minha serva?

— Sim, tudo o que quiser.

— Só faça o seu serviço e eu vou ficar bem
satisfeito. Você vai ser uma funcionária, a partir de
hoje, como todas as outras meninas. Eu não aceito
prostituição dentro dessa boate nem que vocês
usem qualquer tipo de droga. — Ela e Jaden se
encararam espantados. — Quantas garotas
trabalham aqui?

— Trabalham? — Ela me encarou sem entender.
— Temos garotas aqui que não veem nem o olho

da rua.

— Como é? Ele fazia cárcere dessas meninas? — Encarei Jaden sem acreditar, e ele deu de ombros. — Dispense todas elas, ninguém trabalha comigo à força, fica quem quer e, se ninguém quiser ficar, contrate novas meninas que sejam dançarinas, não quero nenhuma delas se prostituindo. Feche a casa para reforma também, esse lugar está um nojo. — Eu dei as mesmas regras que estava dando em todas as boates que fui e Marconny estava chefiando. A tal da Bruna me olhava como se eu estivesse falando em outra língua.

— Você realmente apareceu para salvar nossas vidas!

— Eu vou dar o meu melhor como em tudo o que faço e espero que vocês dois cooperem comigo, eu não suporto traições.

— Eu garanto, não vamos ter problemas — Bruna assegurou e Jaden assentiu. — Eu vou lá embaixo dar a notícia para as garotas. Mais alguma coisa, patrão? — ela perguntou empolgada.

— Becker! — Ela sorriu sem graça.

— Mais alguma coisa, Becker?

— Por ora é só isso, procura se vestir menos vulgar. Nada contra, mas eu prefiro que a minha gerente se apresente um pouco mais formal, se é que me entende. — Ela assentiu e depois saiu da sala às pressas.

— Patrão, essa daí eu nunca tive a sorte de provar. Ela é conferência dos chefes, mas e aí, o que achou? Quando quiser ela está disponível pra você, a hora que quiser. — Encostei as costas na cadeira e apoiei meus braços nos de descanso.

— A mulher que eu tenho em casa não vale a pena perder.. — Ele me olhou surpreso.

— Fiel?

— Dou valor à minha mulher. — Dei de ombros.

— Uau! Ainda vou aprender muito com você. — Ele relaxou na cadeira à minha frente.

— Vai mesmo, agora para de folga e vai trabalhar. Recolhe o dinheiro que quero ir embora logo. — Saí do escritório e fiquei no corredor que tinha em cima da pista, olhando o movimento e a forma suja como as pessoas tinham se acostumado com aquele lugar.

Uma menina me serviu com uma dose de uísque

e eu não recusei, estava cansado demais. Algumas mulheres me olhavam lá de baixo e cochichavam, no mínimo já deveriam saber as novas regras. Estava com uma das mãos dentro do bolso e a outra segurando meu copo. Não esperava quando meu corpo foi entrelaçado por mãos me abraçando. Não me movi.

— Já ficou sabendo que tem direito a conferência? Para saber se o material que está dando aos seus clientes é bom? — uma voz sussurrou no meu ouvido. Tomei outra dose do meu uísque e Bruna escorou na grade que tinha na minha frente, ficando apoiada apenas pelos cotovelos. — Não vai querer fazer um teste? — Ela me olhava com malícia.

— Como eu te disse, sem programas, sem clientes e, muito menos, conferência.

— Acho que sou o que tem de melhor aqui — ela disse passando a mão no meu peito. Balancei a cabeça, molhando os lábios. — Podemos ir para o melhor quarto. Posso fazer tudo o que sei pra você ficar satisfeito com o seu produto. — Ela me puxou para frente. Apoiei minhas mãos, ficando bem

próximo dela, senti a garota arfar e me aproximei do ouvido dela.

— Eu não preciso fazer o teste em você, pois esse lugar deixou de ser um puteiro e eu sou casado, muito bem casado. — As mãos dela passearam pelo meu corpo.

— Não tenho ciúmes — ela disse bem próximo à minha boca, esbarrando os lábios nos meus.

— Minha mulher tem. — Ela riu. — Posso até prever ela arrancando sua cabeça quando souber que você esteve tão perto assim de mim.

— Então sua mulher é brava? — ela se insinuava, jogando o corpo para cima de mim.

— Muito. — Então eu a parei, com uma das mãos afastei Bruna de mim.

— Então acho que ela não vai precisar saber das nossas brincadeiras.

— Ela não vai precisar, porque elas não vão acontecer, e da próxima vez que você se insinuar dessa forma, ou me desrespeitar, além da relação de minha funcionária, você está no olho da rua, está entendido?

— Pronto, chefe. — Jaden apareceu, nos

interrompendo.

— Vamos embora. — Saí andando na frente com um pouco depressa.

Deixei o Jaden perto do centro e voltei para casa a milhão. O lance daquela vagabunda tinha mesmo mexido comigo, eu realmente estava procurando ter um problema com a Cassidy e, quando ela descobrisse tudo aquilo, a reação dela não seria das melhores. Eu não sabia como contar, mas precisava.

Parei o carro de frente à garagem e apertei o controle que tinha no porta-luvas para abrir o portão principal. Era madrugada e eu estava chegando em casa, não fazia ideia do que dizer para Cassidy, se ela ainda estivesse acordada.

Eu deixei Claire em casa e, quando cheguei, Mason já estava no décimo sono. Eu não quis acordá-lo, não era a hora, ainda, de colocar as cartas na mesa, apenas me arrumei e fui dormir.

No outro dia, ao me levantar, me deparei com um buquê de flores à minha espera e um café da manhã lindo. Aquilo foi o fim, definitivamente, Mason

estava aprontando. Eu estava esperando algum questionamento ou talvez até uma boa briga por ele não me encontrar em casa ontem, ao chegar, mas não, o que ele fez foi totalmente inverso e isso me encucou. Eu não tive tempo nem de engolir o café, eu me arrumei o mais rápido possível e, quando descí, tive a sorte de ouvir as vozes vindas do escritório e constatar que ele ainda estava em casa.

Eu estava a todo vapor, mas tomei um choque quando abri a porta do escritório de supetão e me deparei com aquela pessoa.

Mason realmente estava envolvido em algo que eu não fazia ideia, o homem que tinha debruçado no meu carro para me dar um aviso ameaçador estava no escritório de casa. Eu não sabia se gritava, o acusando, ou esperava por mais provas concretas. Eu só tinha suposições, mas elas estavam me dando certezas.

— Com licença — eu disse sem graça e um pouco assustada.

— Querida. — Mason sorriu, se levantando, vindo em minha direção e depositou um beijo rápido em meus lábios. Eu não correspondi,

continuei parada, com as mãos no trinco da porta, encarando o homem desconhecido. — Essa é a minha patroa. — Mason se dirigiu ao homem. — Cassidy, esse é o Jaden, nosso novo chefe de segurança.

— Novo chefe? E o Jason?

— Ele pediu demissão, disse que o trabalho não estava mais satisfazendo suas expectativas.

— Quando foi isso?

— Faz uns dias. — Ele deu de ombros.

— Esse Jaden veio de onde, hein? — Eu falava como se o homem não estivesse presente naquele lugar para me responder aquilo, mas eu queria saber da boca do Mason.

— Dos novos negócios. — Mason estava muito sorridente.

— Depois me passa o seu nome completo para eu pesquisar seus antecedentes. Quero saber quem entra e sai dessa casa — eu disse ao homem e Mason me encarou surpreso.

— Sim, senhora. Creio que não vai encontrar nada que lhe desagrade, estou aqui para cumprir ordem dos Beckers.

Um curto sorriso amarelo foi tudo o que pude oferecer àquele homem totalmente suspeito.

— Mason, tem como agilizar aqui? Preciso falar com você. — Ele parou os olhos em mim completamente surpreso.

— Agora?

— Agora e em particular!

— Certo. — Ele relaxou o corpo no encosto da cadeira, com um ar um pouco desafiador. — Terminamos por hoje, amanhã te pego às nove no mesmo lugar. — Ele encarou o tal do Jaden e o rapaz foi ágil, saindo do escritório mais rápido do que eu esperava.

Bati a porta com um pouco de força e cruzei os braços sobre o peito.

— O que está acontecendo? No que você está metido? — Eu me aproximei da mesa, sendo direta, não tinha provas o suficiente para acusá-lo, mas minhas suspeitas não costumavam me enganar. Eu tinha certeza de que ele estava metido em algo.

— O que é isso? — Ele me lançou mais um sorrisinho, completamente confortável. — É mais um dos seus interrogatórios, detetive Becker?

— Não, Mason, não é um interrogatório, e você não tem o direito de permanecer calado. — Apoiei minhas duas mãos no vidro, nivelando nossos olhares. — Eu quero saber tudo, absolutamente tudo!

— Você está achando que eu estou tendo algo extraconjugal? — Nem ele acreditava que eu pudesse estar pesando aquilo. Eu o conhecia, ele estava enrolando.

— Não, Mason, eu não acho que você esteja me traindo. Isso não seria algo que eu gostaria de discutir com você, caso eu suspeitasse.

— Então sobre o que eu tenho que me explicar?

— Sandra Britney foi encontrada surrada ontem à tarde em um beco. A garota sofreu diversas escoriações e está cheia de hematomas, durante o depoimento ela me contou algo extremamente curioso...

— Como o quê? Ela te contou que você precisa ser mais discreta ao seguir o seu marido? — E eu não estava esperando por aquela, me senti completamente ingênua quando ele me desarmou daquela forma.

— Eu... Eu...

— A não ser que eu esteja sendo investigado, não vejo outro motivo para você estar me seguindo, ou tem? — Aquela reunião entre ele e o cara que me ameaçou deveria ter servido para contar que eu estava atrás do Mason. Ele, como um funcionário novo e um bom baba ovo, provavelmente tinha me entregado.

— E tem algum motivo para a garota dizer que poderia ter evitado a surra que tomou se tivesse aceitado a oferta do Drew? Não me diga que não é você, por incrível que pareça, o lugar que a garota foi encontrada é onde o seu carro tem encostado em boa parte dos seus dias na última semana. E não subestime a minha inteligência dizendo que não tenho provas para dizer que não foi vocês, porque eu sei que foi.

— Então você confirma que está me seguindo?
— ele desconversou.

— Eu afirmo que você está em uma encrenca muito grande e dessa vez eu não vou aceitar. Mason o departamento está a um triz de ter o seu nome nas nossas investigações. Meu parceiro só

não se ligou que o Drew em questão é você, mas quando ele se ligar, eles vão vir com tudo pra cima de mim querendo a sua cabeça.

— Preciso dizer umas coisas que aconteceram na última noite, talvez você não goste do que vai ouvir. — Ele finalmente se rendeu, melhorando o rumo da conversa. Mason se mantinha sério, procurando as palavras certas. — Eu assumi uns negócios meio duvidosos, você não vai gostar, mas eu pretendo mudar todo o ramo do funcionamento daquele lugar.

— Duvidosos? — Cruzei os braços, querendo saber mais.

— Estou administrando umas boates, dinheiro, noites. — Ele parecia perdido.

— Está me dizendo que, além de brincar de Robin Hood, você agora é cafetão?

— Não! — Mason parecia desesperado para se explicar. — Cafetão, não, ninguém trabalha obrigado naquele lugar e muito menos tem relações com alguém. Eu só estou tentando investir em um negócio.

— Investir em um negócio? Mason, você pirou?

Esqueceu toda a reputação das ONGs? Esqueceu a porra da minha profissão e quem é o meu chefe? Você vai acabar sujando tudo o que sua família construiu, os seus novos negócios são suicídio social!

— Cassidy, é tudo limpo, você precisa ver, precisa saber como é, me dá uma chance e, depois, qualquer coisa que você disser eu aceitarei — ele suplicava.

— Devo? — Eu não estava certa disso, estava prestes a abandonar o escritório quando ele voltou a falar.

— Tem uma garota, uma garota que trabalha lá, e ela está investindo pesado. Quero ter você ao meu lado pra mostrar que não preciso de ninguém além de você. — E tudo o que ele disse já não importava mais.

— Uma garota?! — eu me exaltei. — Você vem me dizer que uma garota que trabalha pra você está investindo em você e eu que tenho que resolver? Quem é casado na situação? Você ou ela? Quer que eu faça o quê? — disse surpresa.

— Quero que você esteja do meu lado. Quero

mostrar que tenho você e não preciso de mais nenhuma.

— Se tiver um documento irregular naquele lugar, eu mesma te coloco na cadeia sem dó e sem fiança. — Ele parecia surpreso com a minha resposta, mas não disse mais nada.

Eu precisava ver de perto sobre o que se tratava os novos negócios de Mason.

CAPITULO 12

Quando Mason apareceu no quarto, eu já estava pronta. Escolhi o meu melhor vestido, se ele tivesse me dito antes, eu pediria a ajuda de Claire para algo mais ousado, mas naquele momento, tão em cima da hora, eu tive que recorrer ao meu guarda-roupa. Passei a tarde em casa, Thomas tinha me liberado depois da madrugada em que o Marconny foi preso, aquela folga caiu dos céus, eu estava precisando.

Meus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo alto, o batom vermelho desenhava meus lábios carnudos, combinando com o dourado do vestido em meu corpo. Fazia tempo que não me arrumava daquele jeito, até eu estranhei meu reflexo no espelho.

— Uau! — Mason sorriu ao me ver.

— Gostou?

— Eu adorei. — Ele caminhou até mim, me abraçando por trás, depositando um beijo em meu

ombro.

— Também gostei muito. — Eu rocei meus lábios nos dele, mesmo tendo aquela ponte de problemas entre nós, meu corpo ainda sentia necessidade de tê-lo por perto, e a sensação de proteção que ele me causava, pessoa nenhuma no mundo era capaz de passar.

— Preciso só trocar a camisa e podemos ir, pode ser?

— Claro. — Sorri, ajeitando o brinco, ele me deu mais um beijo antes de se dirigir ao closet.

Quando Mason voltou eu já estava completamente pronta, apenas esperando por ele.

— Vamos? — Ele estava lindo, eu não me cansava de admirar, aquele com certeza era o homem da minha vida.

— Vamos, quero conhecer seus negócios e a sua amiguinha. — Coloquei um sobretudo e o abotoei, o vento estava gelado lá fora.

— Só uma coisinha. — Antes de sair do quarto, ele parou. — Me dê sua arma. — Estendeu a mão.

— O quê? Está louco? Pra quê?

— Só não quero arriscar, e eu disse que quando

você estiver comigo não vai precisar disso!

— Tudo bem. — Tirei a arma da cinta-liga e coloquei na mão dele. — Mas eu estar desarmada não quer dizer nada.

— Eu não duvido da sua capacidade, querida.

O carro em que iríamos já estava pronto, nos esperando no jardim. Mason estava totalmente tranquilo esta noite, ele sorria fácil e estava menos tenso, isso era bom, eu também tentei entrar na vibe.

— Como é o nome dela? — quebrei o silêncio.

— Quê? — ele disse sem tirar os olhos do caminho.

— O nome dela — disse séria.

— Dela quem?

— Não se faça de sonso, da garota.

— Bruna. — Silenciei assim que ouvi o nome dela, mas para ele não era o bastante. — Ela me ajuda no controle das garotas e na parte do dinheiro.

E eu continuei calada, somente aquelas informações bastavam.

O carro de Mason chamava muita atenção, e, quando chegamos àquele lugar, eu não me senti bem com toda aquela sujeira. Passamos por uma imensa fila de homens e eu me senti constrangida com o tanto de olhares. Entramos com os seguranças cumprimentando Mason sem ao menos notarem minha presença, ele era maior do que eu e estava em minha frente, sendo meu escudo.

A música estava alta e as luzes psicodélicas eram fortes, o lugar tinha um clima sensual, iluminado por uma luz vermelha na entrada e, dentro, havia uma pista de dança enorme com hastes de pole dance distribuídas por todo canto. Mulheres bonitas e sensuais, todas muito arrumadas chamavam atenção tinha bartenders, garçonetes e algumas dançarinas.

Jaden estava sentado no bar e ficou de pé assim que nos aproximamos.

— Salve, patrão. — Ele bateu na mão de Mason.
— Sra. Becker. — Ele fez um aceno com a cabeça e mais nada, depois que descobriu quem eu era, até o tratamento mudou.

— E aí o que, que tá pegando? — Mason

perguntou.

— Não quer subir pra gente conversar?

— Vou ficar um pouco aqui embaixo com a Caissy, depois subimos.

— Becker. — Uma morena se aproximou de nós, ela estava sorridente, mas pude ver seu sorriso se desmanchar assim que me viu.

Mason me puxou para perto, como se me desse um sinal.

— Cassidy, essa é a Bruna, Bruna essa é senhora Becker. — Ela continuou me olhando sem dizer nada.

— Oi, Bruna. — Estiquei a mão para cumprimentá-la, Bruna não era minha inimiga, ela só precisava saber que Mason era bem casado.

— Oi. — Ela sorriu sem graça, abaixando o olhar, pegando em minha mão.

— Ouvi falar muito sobre você.

— Que bom, pelo visto vamos nos ver muito por aqui, espero que meus serviços sejam satisfatórios.

— Eu também espero. — Sorri.

— Jaden, estamos tendo um problema com um

cliente lá em cima, nos dormitórios — ela disse bem sem graça.

— Vou resolver esse B.O enquanto você fica aí com a sua garota e, quando eu voltar, a gente conversa. — Mason o liberou e ele saiu apressadamente.

— Bruna. — Mason não deixou que ela acompanhasse Jaden, quando ela se virou, sua irritação era visível. — Você pode levar o casaco da Caissy para o escritório?

Eu nem tinha me ligado de que precisava tirar meu casaco, mas Mason me ajudou a me livrar dele e o entregou para Bruna. Ela segurou meu casaco em seu braço com muito cuidado.

— Mais alguma coisa? — Ela parecia disposta

— Se não for pedir muito, eu quero uma água.

— Vou pedir para uma das meninas trazer. — Ela sorriu e depois se retirou.

Bruna nos deixou a sós e eu rodei em meus calcanhares, passando meus braços pelo pescoço de Mason, o puxando para um beijo rápido.

— O lugar ainda está uma merda, mas não está tão ruim quanto eu esperava.

— Uffa! — Ele sorriu, passando a mão na testa.
— Mas eu sabia que no final você daria o braço a torcer.

— Eu daria? — Ele me puxou rapidamente, me envolvendo em seus braços.

— Se tem uma coisa que eu tenho certeza é que você daria. — Mason mordeu meu lábio inferior e eu dei passagem para um beijo, ele me apertou mais e minhas mãos foram até sua nuca, intensificando mais o beijo, deixando meu corpo descompensado.

— Com licença. — Fomos interrompidos com um pigarro alto. Afastei-me levemente de Mason e Bruna estava parada logo à nossa frente, segurando uma bandeja. — Aqui está. De nada — ela falou baixo. — Vou ver se o Jaden está precisando da minha ajuda.

Mason autorizou com um aceno e ela se retirou. Eu e ele fomos para a pista dançar, fazia tempo que não nos divertíamos daquela forma.

— Você tá querendo me embebedar — conclui, virando o copo de alguma coisa que ele me deu.

— Você está muito ranzinza — ele disse rindo.

— Não estou!

— Está, sim, ranzinza e deliciosa. — Ele mordeu minha bochecha e eu fugi.

— Se contenha, preciso ir ao banheiro.

— Agora? — ele questionou desacreditado.

— Sim, pra já!

— Vem cá. — Ele pegou na minha mão e saiu me guiando até o banheiro, tirando o fato de que tropecei e quase caí duas vezes no chão. — Caissy, para de rir e vai logo ao banheiro. — Mason disse em minha frente, tentando me colocar dentro do banheiro.

— Para, eu não consigo respirar! — disse rindo.

— Se você me fizer molhar as calças eu vou te dar umas palmadas. — Gargalhei.

— Uau, que medo! — Ele me puxou, quando tentei entrar em uma porta escura.

— É o outro banheiro, aí é o dos homens. — Ele me colocou de frente com o banheiro feminino.

— Qual é o problema de ir ao banheiro dos homens? — Ele me olhou.

— Entra aí logo, vai. — Entrei no banheiro, mais

uma vez tropecei e pude ver pelo espelho em minha frente Mason segurando a risada. — Se demorar muito eu entro pra te buscar — ele disse antes de eu fechar a porta na cara dele.

O mais difícil foi entrar em uma cabine do banheiro, eu não tinha bebido tanto para ficar bêbada, mas eu estava tão desacostumada a beber que três copos me deixavam tonta fácil, no quarto eu provavelmente desmaiaria.

Eu demorei um pouco na cabine, desabotoando e abotoando meu vestido, urinar me fez ter a sensação de uma aliviada na alteração do meu estado, fiquei menos zozza.

Eu estava pronta para sair quando as vozes entrando no banheiro me fizeram parar, eu verifiquei mais uma vez se minha roupa estava realmente certa, se meus sapatos estavam no lugar, respirei fundo e, com medo de tropeçar e pagar um mico de verdade, me concentrei, e foi graças àquilo que pude ouvir.

— Eu não estou mais suportando. — Uma voz feminina chamou minha atenção.

— Ah, ele é o chefe, ela é a mulher dele você tem

que aceitar, ué — outra voz feminina disse.

E na hora eu entrei em alerta.

— Tenho que aceitar é uma ova! Quase joguei a bebida na cara daquela enjoada, você viu como ela olha as pessoas, ela sente que tem um rei na barriga, intimida todo mundo. Minha vontade era dar um *box* bem dado na cara dela.

— Bruna, eu não percebi isso, vi de longe ela te tratando muito bem, por que você está assim? — Um breve silêncio foi feito.

— Você não entende? Meu emprego depende disso, olha para esse cara, o único jeito de ter um vínculo com ele é transando.

— Meu Deus, ele garantiu seu emprego e você ainda consegue pensar nisso?

— Vai ter que ser assim! — ela disse irritada.

— Bruna, ele não é nada seu e você nem pra cama com ele conseguiu ir, desiste disso, o cara é casado, pelo amor.

Eu não acreditava no que estava ouvindo.

— Eu *ainda* não fui. Mas você vai ver, é só questão de tempo e ele vai ficar na palma da minha mão rapidinho, vida de casado é chata. — Ela riu

alto e estava na minha hora.

Abri a porta do banheiro, a surpreendendo, acho que ela esperava qualquer pessoa, menos eu, ali dentro.

— Vida de casado é chata, Bruna? E você tirou essa conclusão de onde? Por todas as vezes que você foi *step* de homem casado, ou por nunca ter tido a felicidade de encontrar alguém para você? — Eu a encarava.

— Ah, você estava aí...

— Sim. — Sorri irônica, me aproximando dela. — Eu estava aqui o tempo todo, ouvindo sua frustração e a sua ameaça. — Dei de ombros. — Isso não me atinge, conhecendo o marido que tenho, vai por mim, você não faz o tipo dele.

— Foi como você ouviu, isso é só questão de tempo, e eu não sou mulher que desiste fácil, então cuida bem do que é seu.

— Eu realmente não preciso me cuidar, nem me assustar. Cachorro que rosna não morde, de você eu tenho apenas dó, Bruna. — Eu sentia meu corpo em combustão, mas não iria dar o gosto de me rebaixar ao nível dela.

Desviei das duas, que estavam em minha frente, indo lavar a mão, e a garota foi mais louca que o normal. Ao passar por ela, senti o tranco que ela deu no meu braço, tentando projetar um soco na minha direção. Eu me esquivei e Bruna não ficou contente, partindo para cima de mim. Eu estava um pouco tonta e demorei para reagir, ela me empurrou contra a parede, fazendo minhas costas baterem com força. Eu me recuperei, a empurrando de volta, acertando a cabeça dela contra o espelho, eu tinha o dobro da força e da agilidade dela. Quando Bruna deu por si ela já estava no chão e eu estava por cima dela, com seu corpo totalmente imobilizado embaixo do meu, e ela se contorcia, tentando se soltar.

— Quê isso?! — a amiga dela gritou, se afastando.

— Isso é pra ela nunca mais desrespeitar uma mulher.

Eu desferi sem dó dois murros contra o abdômen dela, e, no segundo, ela cuspiu sangue. Eu segurei firme a cabeça dela e me aproximei para que ela me ouvisse perfeitamente bem.

— Eu espero que essa seja a última vez que você tenha tentado tocar em mim, cachorra. — Eu ergui a mão e depois baixeí com força na cara dela, deixando um olho roxo de presente.

— Socorro! — ela gritava desesperada.

— Isso, grita — disse com ódio.

— Caissy, o que é isso? — Mason apareceu do nada, mas isso não foi o suficiente para eu parar. — Caissy, para! — Ele me puxou pela cintura, me erguendo, me tirando de cima dela.

— Mason, me solta! Tira a mão de mim! — Eu dei uma cotovelada com força na costela dele e, na hora, ele abriu os braços, me soltando. — Eu falei pra tirar a mão de mim, porra! — disse, limpando o rosto, tentando conter meus cabelos.

Ele me encarou furioso e eu saí andando, sem me explicar. Mason veio logo atrás.

— O que foi aquilo no banheiro? — Ele parecia irritado.

— Legítima defesa. — Eu tentei sair e ele me segurou para que eu não andasse mais.

— Calma aí. Calma aí, meu! Me escuta, vamos lá em cima, você toma uma água, se controla. Não sai

assim, por favor. — Eu pensei na proposta e, então, desvencilhei meu braço da mão dele com força e sai andando na frente, em direção à escada.

Quando chegamos ao segundo andar, Mason guiou o caminho, me levando até a última porta do corredor. Eu entrei ainda um pouco acelerada, ele foi até o frigobar, servindo um copo de água, voltando até mim e me entregando.

— Cassidy, eu nunca esperaria isso de você, juro — ele quebrou o silêncio e pela primeira vez pude ver que ele apresentava um misto de surpresa e receio.

— Eu também não, aliás, até eu estou surpresa que minha autodefesa funcionou tão bem naquela vagabunda. — Toda aquela adrenalina ainda estava em mim.

— Você se machucou. — Ele me examinou preocupado.

— Não, a franga não conseguiu nem me dar um tapa decente — disse, passando o dedo no canto da minha boca, ficando com a pontinha suja de sangue.

— Fica aqui, vou buscar curativo pra isso aí. —

Ele levantou.

— Mason, não, vai por mim, eu já fiquei bem pior que isso. — Ele não fazia ideia do que eu tinha sofrido nos treinamentos da polícia.

— Caissy, fica de boa aí, não quero saber se você já esteve pior, nesse momento eu vou cuidar de você. — Ele saiu e eu pude ouvir que trancou a porta pelo lado de fora.

Bruna tinha arranhado o canto da minha boca, fiquei irritada, esperando Mason voltar, ele demorou muito, mais de dez minutos, para pegar um curativo. Eu sabia que ele não tinha ido fazer somente isso, estava preocupado com o estado em que a vadia ficou.

Eu já estava calculando a minha saída pela janela quando o ouvi destrancando a porta e entrando logo em seguida, segurando uma pequena maleta.

— Que demora, já estava quase dando um jeito de pular a janela. — Ele balançou a cabeça, em negativa.

— Você acabou com o rosto da Bruna. — Eu não estava contente com o que tinha ouvido, mas não dei o braço a torcer.

— Eu só me defendi, não tenho culpa se ela não sabe com quem anda mexendo. Se não tem pra trocar, o melhor é não arriscar. — Dei de ombros.

— Vem cá, deixa eu limpar isso aí. — Ele colocou a maleta em cima da mesa, me aproximei calmamente.

Ele me encostou à mesa e encharcou um algodão com um remédio estranho.

— Precisa mesmo disso? — perguntei impaciente.

— Cassidy, para de frescura — ele disse sério.

— Mason, isso arde.

Eu me afastei, cobrindo o canto da boca com as mãos, onde ele tinha tocado com o algodão e a substância estranha.

— Para de graça. — Ele chegou mais perto e afastou minha mão, pressionei os olhos, aguentando aquilo.

— Ai! — disse enquanto ele limpava meu machucado. — Tá doendo.

— Eu realmente deveria ter entrado naquele banheiro. — Abri os olhos assim que ele disse aquilo.

— Você está reclamando demais, tá com dó da amiguinha, é isso?

Ele se calou e só se afastou, eu estava impaciente, queria ir embora dali e estava descontando nele o que não deveria.

— Já falou com o Jaden?

— Ainda não. — Bufeí.

— Queria ir pra casa — disse cabisbaixa. — Acho que já deu por hoje.

— O que ele tem pra falar é importante. — Ele se afastou e se jogou no sofá.

— Meu sono também. — Eu me sentei ao lado dele, baixando a guarda.

— Quem é você, hein? O que foi que fez com a minha Caissy? — Ele me encarou inexpressível, sem desviar o olhar, e eu mordi os lábios.

— A última vez que nos sentamos juntos conversa não era o seu forte, o que mudou? Vai dizer que vamos ter uma DR, depois que eu esmurrei a cara da sua gerente no andar de baixo? — Ele continuava me encarando e aquele olhar doía, era um misto de decepção e tristeza.

— Eu sei que a culpa dessa merda toda estar assim é minha, que eu sempre deixei você decidir tudo sozinha, mas foram seis anos, e agora são alguns meses que eu fico tentando decifrar quem é você e o que você se tornou, eu vejo que a cada dia que passa você se torna algo inimaginável.

Pela primeira vez ele tocou no assunto que eu desejava ter, mas não tinha a coragem para começar. Mason jogou as cartas na mesa, abrindo seu leque, eu não sabia o que dizer.

— Eu só aprendi a me defender.

— E eu aprendi a esperar. — Ele riu amarelo. — Você não faz ideia do que eu vivi nesses anos, Cassidy, eu perdi parte de mim quando a Julie se foi e a outra parte está com você. — Os olhos dele pareciam perdidos.

— O que eu me tornei não é o seu maior orgulho, mas eu tenho certeza de que foi o melhor pra mim. Eu precisei de todo esse tempo pra hoje estar aqui completa e trazer a sua parte comigo de volta.

— Você se tornou uma estranha, em outros tempos você já teria descarregado caminhões de palavras em cima de mim, me cobrando mil coisas.

Mas agora, não, agora você é fria e se mantém na linha.

Dei de ombros, cruzando os braços.

— Você não sente minha falta, você sente falta de estar no controle, Mason. Se o meu jeito fosse o de antes, algo teria mudado? — Ele riu, endireitando a postura, me dando um breve “não”. — Então não vale a pena me esquentar.

— E o que vale a pena pra você hoje, Cassidy?

— Você vai descobrir quando parar de me esconder as coisas!

— A quais coisas você se refere? — Ele jogava, mas não conseguia mais invadir meu psicológico e comandar as jogadas.

— Às quais um dia não estejam novamente na minha mesa para serem investigadas. Você é um contraventor, Mason, e eu sou leviana por ainda aceitar tudo isso.

— Tudo isso? Você não faz ideia e nem nunca vai saber a profundidade de toda essa merda, quando eu digo que você tem uma parte minha, é a melhor parte, você é o melhor de mim, e, se não fosse por esse olhar, esse jeito e essa mulher que

você é hoje, eu não seria metade do Mason que eu me tornei. Eu sou um contraventor, talvez, não me importa, dependendo do parâmetro que você usar, eu posso ser muitas coisas, não me choca que você e o resto do mundo esperem o pior de mim, mas por você eu sempre vou me esforçar para dar o meu melhor. E eu nunca vou envolver um fio de cabelo seu nessa porra novamente, nem que eu tenha que sacrificar a minha vida. Entendeu? Então para de falar comigo como fala com seus suspeitos nos interrogatórios, para de ficar ouvindo pelos cantos ou vasculhando minhas coisas. Deixa de me encarar no olho e vasculhar desconfiança, você nunca vai saber e, se não parar de procurar, vai se ferrar, nos ferrar. Quando você estiver comigo, eu quero a minha Cassidy, não quero uma policial me vigiando.

Ele despejou tudo isso em cima de mim e eu busquei internamente armas para me defender, mas, ao mesmo tempo em que desejava rebater, me sentia de mãos atadas.

— Não é só bancar a policial, eu sou uma policial, e você, um fora da lei. Eu sinto que a

qualquer momento o mundo vai ruir embaixo dos meus pés.

— Eu sei o risco que é a minha vida para você e a agonia que virá com as consequências dela, mas você precisa confiar e aceitar que eu estou buscando o melhor para a minha família e o meu grupo. E quando eu digo a minha família, me refiro a você, em especial, e todos à nossa volta, Cassidy. Eu sou exatamente assim, não consigo mudar, e o seu distintivo não vai me amedrontar. — Ele deu de ombros.

— Não é sobre o meu cargo te amedrontar. — Eu alterei o meu tom pacífico para algo rude. — Existem leis a serem cumpridas aqui, Mason, e eu trabalho em função delas.

— Seu marido fazer a merda que os seus suspeitos fariam faz parte do show, querida! As leis não são quebradas, mas encontramos brechas para facilitar muita coisa que você não poderia usar, só fique de fora, é o melhor que posso dizer.

— Seis anos foram muito tempo, tenho me mantido ocupada, foi dolorido, mas foi necessário, assim como essa conversa foi necessária há muito

tempo, mas tem que haver um outro jeito e eu vou te mostrar que sim. Nunca tivemos coragem para chegar até essa risca, hoje eu tenho a certeza de que, de todos os lugares do mundo, é aqui que eu deveria estar.

Ele se aproximou com alguns passos e me enfrentou mais perto.

— Você fode comigo, me deixa vulnerável, Cassidy, e eu também tenho certeza de que, de todos os lugares do mundo, é aqui que você deveria estar. Seja bem-vinda de volta.

Eu cobri seus ombros com meus braços, ficando na ponta dos pés, selando meus lábios nos dele, deixando meus sentidos falarem mais alto que minha razão, necessitando urgente do toque dele e provando para mim mesma que eu era sua mulher.

Mason brincou com os botões de meu vestido, se livrando dos dois primeiros e se afastando milimetricamente para ter a minha autorização para se livrar do resto da roupa que cobria minha pele.

Eu arfei, mais uma vez buscando seus lábios para mim, e ele em segundos se livrou do vestido, me deixando seminua. Seus dedos tocaram

carinhosamente meus seios, meus braços, me fazendo arrepiar. Sua língua dançava em minha boca, enquanto suas mãos faziam reconhecimento por cada parte do meu corpo. Contornou meus braços, deslizou por minha silhueta, encostou levemente em minha barriga e, por fim, encaixou o dedo na lateral da minha calcinha de renda, abaixando lentamente até cair em meus pés. Ele passou a calcinha por meus pés e depois desabotoou minhas sandálias, as jogando para trás sem se importar com o barulho. Voltou a subir, deixando amorosos beijos por todo meu corpo até voltar a ter meus lábios mais uma vez colados nos seus, dessa vez, tendo-me nua.

CAPITULO 13

Eu terminei de me vestir e ele não tirava os olhos de mim. Mason estava largado no sofá, com os dois braços atrás da cabeça, em uma posição completamente relaxada, me observando. Eu admirava cada traço daquelas tatuagens e estava resistindo para não tirar mais uma vez o vestido e só sair daquele escritório quando estivesse totalmente esgotada.

— Vai ficar aí? — Eu sorri. — Não acho minhas sandálias, meu Deus, estou me sentindo uma adolescente em uma transa casual!

— A diferença é que essa transa vai ser repetida diversas vezes. — Ele se levantou, me ajudando a procurar minhas sandálias e vestindo suas roupas, que encontrava pelo caminho. — E eu sugiro utilizarmos alguma mesa do departamento, o que acha?

— Loucura, o Devlin com certeza mandaria um

esquadrão antibomba para aquele lugar se soubesse que você pisou lá.

— Ele me odeia tanto assim? — Ele parecia afetado.

— Um pouco, quase nada. — Dei de ombros.

— Ele é um zé ruela — ele disse sobre o meu chefe, sem se importar se eu iria achar ruim, sendo apenas o sincero Mason de sempre. — Jaden deve estar puto. — Ele pegou seu celular, me mostrando o horário na tela.

— Por quê? — Encontrei minhas sandálias atrás do sofá, um pouco longe de onde estávamos.

— Só 17 chamadas perdidas.

— Mas foi por uma boa causa. — Eu me aproximei para dar um beijo rápido nele, mas não consegui escapar.

Ele me deu um selinho retribuindo, me apertando em seu corpo, e eu pude sentir seu membro enrijecendo mais uma vez.

— Chega, nós precisamos ir! — eu o alertei. Contrariado, ele me deu um beijo na testa, entrelaçando os dedos nos meus, destrancando a porta e me guiando pelos corredores.

Avistei Jaden sentado no bar do mesmo jeito que o encontramos quando chegamos, aquele cara não me dava um bom pressentimento. Tinha algo errado.

— Nossa! Pensei que vocês tinham ido embora — Jaden disse apreensivo.

— Não. Estava cuidando do curativo da Caissy — Mason disse me aninhando ao corpo dele, passando uma das mãos em volta do meu pescoço, mas o tempo que ficamos dentro daquele escritório tinha sido absurdo somente para um curativo, era o período de uma cirurgia.

— Então vamos levar aquele lero? É importante o que tenho pra dizer. — Mason deu de ombros.

— Fala. — Jaden me olhou, insinuando que não queria falar em minha frente.

— Não escondo nada dela — ele disse sério.

— Mas é que...

— Amor, eu vou tomar alguma coisa. — Eu não queria participar daquele papo não sendo bem-vinda e sabendo que era sujeira. — Quando terminar, me procura.

Mason assentiu e eu os deixei a sós.

Eu não confiava nas pessoas em volta daquele bar, então pedi para que Jaden me acompanhasse até o escritório. Assim que entramos, fiquei constrangido com a bagunça, abrindo as persianas, tentando me livrar do cheiro. Sentei-me em minha mesa e ele se sentou na cadeira de frente.

— Podemos agora?

— Fala aí, o que você tem tanto pra me dizer? — Eu me encostei às costas da cadeira, cruzando os braços em cima do vidro fumê.

— Lembra que eu te disse que o Marconny tinha vários aliados? — Balancei a cabeça positivamente. — Então, um deles chegou hoje à cidade.

— E no que isso me interessa?

— A mensagem que recebi é que simplesmente querem encerrar os laços com Atlanta, não querem nem parceria e não somos bem-vindos a Miami.

— E o que você acha sobre isso?

Jaden sabia de tudo, eu não entendi por que a conversa era tão importante só para dizer que estávamos perdendo um de nossos clientes, eu iria

dar um jeito de falir aquele esquema mesmo, mas ele não precisava saber nem tão cedo que eu odiava tráfico de drogas.

— Cara, é a Dama do tráfico, o território dela é tão grande quanto o seu.

— Dama do quê?

— Do tráfico, eu não faço ideia de quem se trata, mas todas as vezes que vi Marconny negociar algo com Miami era assim que ele se referia, era um contato principal. Pra falar a verdade, eles eram sócios, ela meio que ajudava ele algumas vezes.

— Como essa mulher é? — perguntei desconfiado.

— Hã?

— Quais as características dela?

— Não sei. — Ele levantou os ombros e subiu em movimento rápido. — Nunca a vi pessoalmente, na verdade, não sei nem se pode se tratar de uma mulher.

— Como não sabe? Não foi com você que ela desfez a sociedade com Atlanta?

— Não, o pessoal de Miami nunca mostra a cara. Sempre usam um porta-voz que faz tudo pra eles, o

cara aparece do nada e também some com a mesma frequência, acredito que possa se tratar de uma mulher, mas não dispenso a hipótese de ser um homem também.

— Quero conhecer essa pessoa — disse eufórico.

— Impossível, o porta-voz deles deixou bem claro que não quer mais nenhum laço com Atlanta.

Tudo me levava a crer que era ela, território de Miami, sigilo sobre sua pessoa e a quebra da aliança comigo bem no momento em que me tornei chefe de tudo, mas eu tinha que conter meu interesse em colocar as mãos nela, porém Jaden era de fato a pessoa certa que me levaria até ela.

— Eu preciso que você dê um jeito, não podemos perder um contato assim dessa forma.

— Creio que não deve restar mais vestígios deles em Atlanta.

— Por quê? Você acha que ela estava aqui? — disse nervoso.

— Ao que tudo indica, sim.

— O encontro foi o mais peculiar de todos os que já participei, três carros de segurança para uma Mercedes blindada e, não, esse carro com toda a

proteção não estava trazendo o porta-voz. Tenho certeza que a Dama do tráfico estava dentro dele.

— Você não conseguiu ver nada?

— Todos os carros eram lacrados. Mas, vem cá, você está mais preocupado em saber quem é a pessoa do que saber que perdemos um contato? — Ele parecia confuso.

— O Marconny tinha a confiança dela porque mantinha um contato direto com ela, é isso o que quero, confiança entre as duas cidades.

— Faz sentido. — Ele deu de ombros.

— Amanhã vamos dar um pulo em Miami.

— Amanhã? — ele disse espantado.

— Não podemos deixar a poeira esfriar, se vieram até aqui para desfazer qualquer parceria, vamos até lá para refazê-la.

— Amor? — Cassidy nos interrompeu, abrindo a porta sem bater, ela não tinha mostrado muita empatia por Jaden e ele era neutro ao se referir a ela. — Podemos ir? Eu realmente preciso sair desse lugar antes que faça outra merda.

— Claro. — Eu finalizei o assunto, ela não precisava saber de nada do que tratávamos ali. —

Jaden, amanhã te encontro aqui pra terminarmos a contabilidade, temos que resolver isso o mais rápido possível. Esteja preparado, pois vamos retomar a parceria amanhã.

— Tudo bem. — Jaden sabia que eu não envolvia a minha família nos novos negócios e entendeu que por ora aquele assunto estava encerrado e se retirou.

— E aí, está aprovado o lugar?

— Você precisa mesmo disso?

— Qual é o problema, detetive?

— Este lugar devasta totalmente a imagem das ONGs.

— Me dá um voto de confiança, vai?

— Uma boate? Tem certeza de que tudo isso é só uma boate?

— E o que mais você acha que seria?

— Você ainda não confessou que tem envolvimento no caso do Marconny e eu sei que por trás de tudo isso aqui existe mais coisas que você ainda não me contou. Espero que você não se torne parte do meu inquérito para que eu descubra toda a verdade — ela alertou mandona,

entrelaçando a mão na minha, sendo o mais natural possível com aquele jeito Caissy de ser.

CAPITULO 14

Já estava quase amanhecendo quando chegamos em casa. Caissy pegou no sono rápido, e eu não conseguia dormir, o tempo em que fiquei na cama foi rolando de um lado para o outro, sem ter nenhum resquício de sono. O tempo todo eu estava focado em pegar aquela desgraçada, minha cabeça viajava, pensando em tudo aquilo, era ela, eu tinha a certeza de que era ela. Seis anos esperando e agora estava a um passo de eu capturá-la.

Quando o relógio indicou se aproximar das oito da manhã, não consegui mais permanecer na cama. Eu me levantei sem deixar que Cassidy sentisse minha falta, passei na cozinha e, como de costume, Guadalupe estava preparando o café.

— O senhor vai para a empresa? — Guadalupe disse enquanto eu pegava um pouco de suco na geladeira para me servir.

— Sim, pretendo estar na empresa na parte da

manhã e depois vou resolver umas coisas na rua, por quê?

— O senhor acordou primeiro. Dona Cassidy sempre me pergunta do seu paradeiro.

— Pede pra ela me ligar, tenha um bom dia, Lupe. — Eu coloquei o copo dentro da pia e fui para garagem.

Minha agenda apontava que tinha uma reunião na gravadora às 9h, depois disso estava livre para me ocupar com as informações que Jaden tinha me dado. Deborah sempre deixava as reuniões para o começo da semana, eu não tinha preparado nada, mas quando cheguei ao escritório, Sônia, minha secretária, já tinha deixado a papelada certa em cima da minha mesa, me deixando por dentro do assunto.

A gravadora tomou parte da minha manhã. Eram assuntos importantes, se eu não estivesse presente, levantariam suspeitas, Deborah me cassaria até no inferno e Cassidy ficaria em cima de mim mais do que já estava. Passava das dez quando pisei no salão da boate, aquele lugar de dia era mais apresentável, as garotas faziam a limpeza do salão

e, quando perguntei por Jaden, me disseram que ele estava no escritório.

A porta do escritório estava entreaberta, eu me certifiquei de que somente Jaden estivesse lá dentro e, como eu esperava, ele era o único no escritório. Eu entrei e fechei a porta atrás de mim.

— E aí, tudo pronto? — eu perguntei um pouco afobado, indo até minha mesa, pegando tudo o que eu precisava para ir até Miami.

— Tudo pronto? Cara, você tem o que na cabeça? Eu te disse que Miami deu as costas pra você e o que você quer é ir pra lá de uma hora pra outra?

Eu me precipitei, o puxando pelo colarinho da camisa.

— Eu dou as ordens aqui, eu disse que vamos para Miami, e vamos para Miami, você só me obedece ou cai fora.

— Isso é loucura. Eu e você em Miami, sozinhos?

— Eu tenho uma equipe.

— Pra sobreviver quantas horas? Você acha que o treinamento que seus amiguinhos têm vai ser o suficiente por quanto tempo?

— Não tem nada do que você me diga que vá mudar o que iremos fazer, vamos estar em Miami e vai ser hoje!

Ele nada mais disse, apenas saiu do escritório, enquanto eu cuidava do resto.

Liguei para o Nate, precisaria da ajuda dele.

— Nate — disse assim que ele atendeu.

— Fala, Drew.

— Está com seu computador?

— E você já me viu longe da coisa que mais amo? — Ele riu.

— Preciso que você rastreeie ligações para mim e me arranje um voo pra Miami ainda hoje, de preferência pra agora.

— Quer encontrar o quê?

— Depois te explico. Mas preciso que você rastreie qualquer ligação que for feita ou recebida desse número. — Passei o número do Jaden para ele. — Conseguiu a localização do celular? — perguntei enquanto ele estava em silêncio, só escutava os barulhos da tecla do computador.

— Tem algum microfone e fone com você?

— Acho que sim, não sei.

— Onde você está? Quanto tempo para chegar ao aeroporto?

— Meia hora no máximo.

— Isso não é uma coisa rápida, tenta conectar a escuta que você tem aí comigo — ele disse calmo.

— Porra, Nate! Eu não sei fazer essas coisas, a aparelhagem está no carro.

— Mason, você não vai precisar fazer nada, apenas abra seu computador embaixo do banco do seu carro e aceite tudo que eu te enviar. Depois faça o que faz sempre, coloque o ponto no ouvido e escute minhas instruções. — Bufeí alto, deixando o escritório, descendo as escadas correndo, indo ao carro e fazendo o que ele pediu.

— Conectou? — Pelo menos para mim tudo já estava preparado.

— Agora me escuta pelo ponto, e não pelo celular. Coloque o microfone em um lugar onde eu possa te ouvir sem interferências.

— Tá.

— Está me ouvindo? — A voz dele soou no ponto.

— Sim — disse, desligando o celular e me comunicando pelo microfone.

— Meu sistema está lento, então ele ainda vai ficar procurando a rede do celular que você me deu.

— Então daqui a pouco te chamo na escuta.

— Suave — ele disse e ficou em silêncio logo após. — O próximo helicóptero que pousar está no nome de Luigi.

Luigi era uma das identidades que usávamos para não sermos rastreados.

— Certo! Até mais.

Tudo já estava pronto quando eu voltei para a boate.

Jaden estava bebendo no bar.

— Vai decolar?

— Quero estar em Miami antes da uma da tarde.

— Ele não estava botando fé que eu iria mesmo.

— Eu chamei uns contatos meus pra dar cobertura pra gente, mas, cara, isso é muito arriscado.

— Jaden, nós vamos!

Ele bufou, levantando-se do balcão e me

seguindo.

O helicóptero já estava à nossa espera quando entramos na pista de decolagem. Jaden realmente tinha muitos contatos em Miami, um com 5 carros já estava à nossa espera

Desci correndo do helicóptero, entrando em um dos carros. O rádio não parava um minuto desde que pousamos em Miami. Nate avisou que já estava rastreando o celular de Jaden e eu mantive aquilo em segredo, se ele tentasse algo, usaria como trunfo.

Nós fomos levados para um galpão não muito longe de onde desembarcamos, Nate estava acompanhando todas as atividades de Jaden e ele me alertou quando o telefone dele tocou.

Jaden estava encarando o celular sem saber o que fazer quando me aproximei.

— Quem é?

— Dama do tráfico — ele disse baixo

— Atende! — Eu apontei para a escuta em meu ouvido e fiquei o mais próximo possível para que Nate ouvisse pelo microfone.

Jaden entendeu que seu celular estava sendo

grampeado, colocou o telefone no viva-voz e atendeu.

— Alô?

— Pode falar! — a voz era de um homem, não a reconheci.

Nate estava ouvindo toda a ligação e gravando a voz do cara para depois o localizar.

— Preciso de um encontro com sua chefe.

— Negativo! Ela já disse que as alianças entre Atlanta e Miami estão quebradas. Acho melhor vocês recuarem, já sabemos que estão em Miami e não são bem-vindos.

— O cara aqui não aceitou isso. Quer uma explicação concreta pra essa história. — Nate pediu para que Jaden segurasse o cara mais um pouco na linha, porque o computador estava pesquisando e monitorando de onde vinha aquela ligação, e eu o avisei.

— Não podemos fazer nada, a parceria se quebrou. A Dama era muito fiel ao seu Marconny e não quer criar inimizades. — Prestava a atenção em cada detalhe.

— Mas o cara aqui também é gente boa!

— Não podemos mais fechar negócios com vocês. — Nate me avisou que já tinha conseguido a localização e em um movimento disse a Jaden que poderia encerrar a ligação.

— Meu chefe ainda não engoliu essa história.

— Tudo bem, ele é novato, ainda vai quebrar muito a cara. Só diga a ele que não precisamos mais da ajuda de Atlanta.

— Ok, ele não vai entender muito, mas tudo bem.

— Uma pena.

— Ok. *Gracias*. — Ele finalizou a ligação com um sorriso de orelha a orelha.

— Ele pegou tudo, né? — Jaden parecia surpreso.

— Mason. — Nate falava comigo pela escuta. — O nome desse cara é Pablo Lanzani, ele fez parte de uma organização no Brasil e é foragido de lá. Já foi preso duas vezes e está ilegal no país. O último endereço que tenho aqui é de 2010, Miami, e, estranho, porque o dono da residência é o Marconny.

— É isso mesmo. Desgraçados! — Nate me deu o endereço de uma das mansões do Marconny.

— Está rastreando o celular do qual ele ligou? —

perguntei para o Nate enquanto Jaden me olhava confuso.

— O celular é descartável, ele já deu fim nele, o sinal sumiu, mas o último acesso veio dessa residência que te passei o endereço.

— Valeu, Nate. — Puxei a escuta do ouvido, encerrando a comunicação com ele.

— E agora? — Jaden perguntou.

— E agora que vamos até essa casa, tenho certeza de que a vagabunda está lá.

— Vagabunda?

— A dama, Jaden. — Ele assentiu e preparou os homens que estavam nos dando apoio para irem até lá.

A mansão era toda cercada por muros altos, mas não havia seguranças na frente dela. Ordenei para que uns homens fossem pela frente, com o Jaden, e outros me acompanhassem por trás.

Dois homens iam ao meu lado enquanto o resto me seguia, dando cobertura. Estava com a arma na mão e tomando cuidado para não ser notado. No jardim havia câmeras, atirei em cada uma que vi, estava usando um silenciador, mas o que realmente

estava me encucando era não ter um segurança naquela casa. Chegamos à porta dos fundos e, quando já estávamos preparados e posicionados, um dos seguranças arrombou a porta e entramos com cuidado. Atravessei os cômodos da casa, procurando por alguém, mas a casa estava vazia.

— Nada lá em cima — Jaden disse encontrando comigo no pé da escada. Tinha alguma coisa errada ali.

— Estamos na casa errada — disse olhando para ele e, dessa vez, ele se espantou.

Alexia e os homens dela nunca estiveram aqui.

Um telefone começou a tocar na cozinha. Fui correndo e o atendi.

— Sentiu minha falta? — A voz dela ecoou dentro da minha cabeça e eu senti meu corpo ferver.

— Eu disse que te procuraria até no inferno. — Ela riu.

— Todo esse tempo sem ouvir minha voz, está com o seu coração disparado? Está nervoso?

— Não, dou tempo ao tempo, pessoalmente vai ser melhor. — Comecei a analisar a casa, dando

uma volta sem sair do eixo.

— Aposto que pensou em mim cada dia de sua vida — ela debochou.

— Sim, sempre pensei de que forma irei te mandar para o inferno. — Ela riu.

— No inferno há fogo, não é, Becker? — Fiquei em silêncio. — Dizem que a pior morte é morrer afogado, eu ainda acho que morrer queimado seja bem pior. — Caminhei lentamente até a sala.

— Vou tentar um pouco dos dois com você, pra saber qual é pior. — Comecei a olhar cada lugar com atenção.

— Eu realmente tenho muita pena. — Achei o que estava procurando, quando bati o olho naquela bomba relógio, sabia que ela tinha armado para mim. Trinta segundos era o tempo que tinha para sair daquela casa.

— Bomba relógio? Seu plano não deu certo. — Atirei o telefone contra a parede e ordenei para todos com pressa: — Evacuem a casa, 30 segundos pra tudo explodir! — Os homens foram rápidos e ágeis. Saí por onde entrei, corri, pulando tudo que via pela frente. Quando cheguei ao portão, senti o

impacto da explosão nas minhas costas, tudo foi pelos ares.

Aquilo não me assustou, saber que ela estava me caçando também só aguçou mais a minha vingança.

— Marconny costumava encontrar ela onde? —
Segurei Jaden pelo colarinho da camiseta, o fazendo me olhar assustado.

— Quê isso, cara?

— Me fala ou você que vai pagar. — Eu o chacoalhei.

— Ele sempre vinha pra Miami e ficava na casa dele, ela que o visitava.

— Você nunca foi à casa dela?

— Pra falar a verdade, uma vez ela precisou de escolta, quando os assaltos em Atlanta se intensificaram, ela entrou em pânico. Ela estava em desespero e de repente a cidade parecia perigosa.

— E pra onde ela estava indo? — Ele sorriu.

— Atlanta.

— Filha da puta — murmurei, soltando Jaden e passando a mão nos cabelos

— Você vai me levar até o lugar onde a buscou.

— Mas eu não me lembro — ele disse, mas eu sentia que ele estava querendo me enganar. A esse ponto, desconfiava de todos que estavam ali.

— Se vira — disse, encarando o olhar perdido dele e engatilhando minha arma, a apontando para ele.

— Tá bom, eu me lembro de pouca coisa, mas acho que dá pra chegar à rua onde ficava a casa, só não me lembro em qual casa era.

— Entrem nos carros e nos sigam! — ordenei paro outros homens, enquanto entrava no carro, sentando no banco do carona, e Jaden, no do motorista.

Meu revólver estava apontado para ele e ele não hesitava em pisar no acelerador, voando pelas ruas de Miami. Vinte minutos depois, ele parou em uma rua muito quieta e desligou o carro.

— A rua é esta. — Ele ficou me encarando.

— Então agora só falta achar a casa. — Desci do carro, saindo na frente. Eles vieram atrás de mim, me seguindo. Jaden olhava casa por casa, mas nada. Eu já estava ficando impaciente.

— Podem parar de procurar — ele disse sério e

calmo. Eu o olhei sem entender.

— Olha quem está ali. — Não conhecia aquele homem.

— Pablo Lanzani. Porta-voz da Dama do tráfico. — Destravei a arma, apontando naquela direção. — Tá ficando louco? — Jaden puxou minha arma. — Não sabemos quantas pessoas tem nessa casa.

— Foda-se! Eu vou lá. — Ele me segurou mais uma vez.

— Chegamos até aqui e agora você vai pôr tudo a perder, vai deixar seu nervosismo atrapalhar? — Não era isso que eu queria, se pudesse iria lá e arrastava a vagabunda pelos cabelos.

Respirei fundo.

— Vamos no mesmo esquema, uns seguem o Jaden e outros vêm comigo.

— Se controla, patrão — Jaden me disse antes de sair indo por um lado oposto que o meu. Eu queria avançar e acabar de uma vez por todas com aquilo, mas tinha que me controlar.

Vi Jaden ir pela frente enquanto eu ia pelos fundos, mais uma vez arrobamos a porta. Entrei na frente e dessa vez a casa estava cheia, rendi o tal de

Pablo na sala enquanto Jaden e os outros homens iam para o andar de cima.

— Onde tá a Alexia? — Bati com a arma na cabeça dele enquanto ele estava imobilizado no chão.

— Não sei — ele murmurou.

— Onde ela tá? — Bati mais uma vez nele.

— Eu não sei, pô! Não sei nem quem é Alexia.
— Comecei a rir.

Puxei-o pelo cabelo, o levantando.

— Acha que sou otário?

— Eu não sei mesmo. — Vi um charuto aceso no cinzeiro e o peguei.

— Ei, você! — chamei um dos seguranças. — Abre o olho dele. Vou apagar o charuto nos olhos dele. — O cara começou a gritar sem parar.

— Não, cara, não faz isso, não.

— Então me fala onde a Alexia está — disse sério.

— Ela está saindo do país, indo embora clandestinamente. Está em um aeroporto clandestino, fica no final do quilômetro 35.

— Eu sei onde fica. — Jaden surgiu do nada.

Fui andando em direção à saída e Jaden veio me seguindo.

— Eu tenho que pegar essa vagabunda.

— Eu vou te ajudar. — Jaden entrou no carro e eu o acompanhei.

Iria pegar aquela vadia de qualquer jeito, iria fazer vingança com as minhas próprias mãos.

Caissy tinha me ligado várias vezes, mas eu recusei todas as chamadas, não estava em condições de falar com ela. Da estrada pude ver um avião em pouso baixo, seguindo na direção em que íamos.

— Vamos parar aqui e seguir a pé — Jaden disse, parando o carro em um lugar escondido. Como ele conhecia o caminho, saiu andando na frente, e eu e os outros homens fomos atrás. Eram um monte de prédios abandonados e atrás deles fizeram uma pista de pouso.

— Os voos só são feitos à noite — Jaden disse enquanto olhávamos tudo com cautela.

O avião havia acabado de aterrissar na pista, mas não pude ver Alexia. Ficamos olhando, mas eu

estava impaciente. Tinha uma moto perto de nós e eu jurava que era dela.

Dei sinal para invadir pela pista de pouso e foi isso que eles fizeram, destravaram as armas e se separaram, cercando a pista. Todos que estavam lá se renderam com as mãos para o alto. Entrei em um dos prédios, nos separamos e começamos a caçar a vagabunda. Fui entrando e, quando notei, estava sozinho.

Comecei a andar e me esconder, chegando ao local e sempre com a arma apontada para frente. Ela estava em algum lugar ali e eu iria encontrá-la. Comecei a escutar vozes vindo de um lugar que fazia eco, fui seguindo e a voz ficava cada vez mais alta.

Escondi-me em um dos vãos da parede e, quando olhei novamente, tive a visão completa dela parada de costas, falando ao celular. Ela estava com os cabelos morenos e curtos, mas eu a reconhecia de costas, frente, lado... até de olho fechado eu saberia quem é a Alexia.

Sorri vitorioso e saí de onde estava escondido.

— Eu esperei tanto por esse dia. — Minha voz

ecoou, mas ela continuou de costas, sem se virar, parada com o telefone ainda na orelha. — Trinta segundos pra uma bomba relógio. Pegou pesado, hein? — disse sarcástico.

Ela abaixou a mão com o celular e, lentamente, se virou para mim.

— Becker. — Ela tirou os óculos que escondiam os olhos.

Mordi os lábios, balançando a cabeça. Chegou a hora, ali não tinha mais saída, não tinha mais jeito. Eu a tinha encurralado.

— Eu sabia que ia te encontrar. Sabia que seria assim! Que *eu* colocaria minhas mãos em você. Te cercando, sem oportunidades para fuga. — Ela riu.

— Não vou negar, estava com saudades de você. — Ela cruzou os braços. Estávamos a uma distância aceitável, uns sete passos meus e eu chegaria perto dela. — Você demorou pra me encontrar. Quase o dia todo — ela desdenhou.

— Não fique triste, tudo vai ser recompensado agora.

— Da última vez que nos falamos foi tão rápido. Como está o pessoal? Sua mãe, os meninos... —

Ela sorriu. — A Cassidy? Sentiram minha falta?

— Vagabunda. — Ela gargalhou.

— Você teve mais filhos, Becker? — Ela estava debochando. — Não tive notícias de vocês, mas acho que fiquei sabendo que sua mulher estava ficando louca, na verdade ela te traiu, virou uma policial, não é?

— O que você fez com a minha filha não é nada perto do que eu vou fazer com você!

— Você não sabe o que fiz com ela.

— Eu vou matar você da pior forma.

— Você é a pessoa que mais me conhece nesse mundo e sabe que não tenho medo da morte. Isso é uma coisa que não me assusta, Becker. Tenta me coagir de outra forma, essa não cola.

— Pois deveria, Alexia. Porque você não sabe o ódio que sinto de você por tudo o que me fez passar. Cada lágrima da Caissy, cada choro, cada lembrança que tenho da Julie só aumentam mais a raiva que sinto de você e me martirizo cada vez mais por saber que um dia eu achei que te amava.

— Você nunca me amou de verdade, Becker. — Ela começou a rir.

— Não mesmo. Depois que conheci a Caissy descobri um sentimento mais forte, mais puro, descobri o amor verdadeiro.

— Fica com seu amor verdadeiro, porque você nunca vai me pegar, nunca mesmo. — Vi seus olhos passeando pelo local. Dei dois tiros, mas ela começou a correr e entrou no corredor à direita. Comecei a correr atrás dela, mas ela conhecia aquele lugar melhor do que eu.

— Jaden! — chamei no radio, ainda correndo atrás de Alexia.

— Drew! Isso foi tiro? — ele disse um pouco chiado.

— Ela está no prédio do meio, cerquem tudo! — Alexia sumiu da minha vista e eu sabia que ela estava ali, apenas escondida em algum lugar.

— Chefe? — A voz do Jaden atrás de mim me surpreendeu.

— Achou alguma coisa?

— Não.

— Todos estão em atividade por todos os prédios. — Respirei fundo, encontrá-la era só questão de tempo.

— A moto lá fora. — Eu me lembrei.

— Ainda está lá — ele respondeu.

— Faça alguma coisa, mas nunca, nunca deixe ela subir na moto. — Ele assentiu, indo para outro lugar, e eu continuei seguindo por onde estava indo.

CAPITULO 15

Sabia que Alexia era capaz de tudo, e eu também não estava nessa para perder, mas, se ela subisse na moto, desapareceria do mapa por sei lá mais quantos anos. Coloquei todos os meus homens dentro daquele prédio. Alexia agia como um rato traiçoeiro, qualquer passo em falso e ela escaparia como areia em seus dedos.

Corri pelo lado leste, subi as escadas de emergência, me acalmando e pensando para que lado ir. Até que em meio ao silêncio pude escutar um barulho diferente através da porta. Fiquei parado atrás da porta e senti quando ela passou por mim, seguindo em frente.

— Te peguei — murmurei para mim mesmo assim que escutei mais uma vez a respiração ofegante e o barulho do salto, ao tocar o chão com passos apressados. Com a arma destravada e outra na cintura, chutei a porta em minha frente, saindo em um corredor. — Vadia — disse sorrindo com o

susto que ela tomou ao me ver.

— Becker! — Ela olhava cautelosa para os dois lados, procurando um jeito de fugir enquanto sua cabeça estava em minha mira.

— Surpresa em me ver novamente? Não estava com saudades?

— Nem me deu tempo para sentir saudades — ela disse entre dentes e já tinha uma pequena distância entre nós, pois ela achava que eu era otário, dando passinhos lentos para trás.

— Mãos na cabeça e deita no chão. — Ela riu.

— Acha mesmo que vou fazer isso? — Ela arqueou a sobrancelha.

— Sim. — Disparei um tiro, acertando a mangueira do extintor bem ao lado. — E aí, quer um tiro na perna? Você escolhe o lugar do corpo. — Ela demorou um tempo para entender que eu estava disposto a meter bala, se ela fizesse outra gracinha, mas depois fez o que eu mandei. Alexia estava deitada no chão, com o meu revólver apontado para ela. Chamei Jaden no rádio outra vez, avisando que eu já tinha achado a cadela.

— Quero vocês aqui em um minuto — disse,

dando ordens a ele. — Quero voltar pra Atlanta hoje e quero acabar com essa vagabunda ainda. — Senti uma coisa rasgar minha perna e, quando olhei, Alexia tinha enfiado uma faca ali, e eu gritei. Ela levantou, tentando fugir, mas eu dei uma coronhada na cabeça dela, a fazendo cair novamente. Ela me acertou no rosto, bati o cano do revólver no rosto dela, fazendo o sangue escorrer e a arma escapar da minha mão.

— Eu não vou me entregar assim, não tão fácil, Becker — ela disse trincando os dentes, com o sangue escorrendo de seus supercílios. Meus braços a prendiam, mas ela se debateu com força, se livrando, e meu deu um chute, me deixando no chão. Ela sabia lutar.

Alexia levantou e saiu correndo, indo até a porta que levava em direção ao terraço.

— Filha da puta! — Levantei, correndo com dificuldade, arrastando a perna. Peguei o revólver novamente e fui atrás dela. Alexia estava zonza e cambaleava, subindo as escadas.

— Você nunca vai me pegar, Becker. — Dei três tiros na direção dela, que desviou, e eu errei os três.

A porta estava trancada e aquilo foi vantagem para mim. Acelerei, subindo as escadas, e quando ela abriu a porta pulei em cima dela, caindo juntos no chão. Dei um soco com força na costela dela, a fazendo gemer, mas isso não a fez parar. Ela me socou no estômago e aquilo me fez cuspir sangue, bati com o rosto dela no chão e ela ficou imóvel por um tempo. Seu rosto estava todo ensanguentado e minhas mãos estavam sujas com o sangue dela. Nós nos batíamos e eu estava levando vantagem, até que a imobilizei, não vendo outra chance, a não ser apertar o gatilho, que não funcionou.

— Seis tiros. — Ela sorriu. — Seu tambor está vazio. — Minha arma havia descarregado. Ela pressionou o corte em minha perna, me fazendo sentir dor e cair para o lado. — Eu sempre disse que você nunca iria me pegar e aqui estamos nós, provando a minha verdade. — Ela levantou com dificuldade, com a mão em uma costela. Minha perna estava doendo demais. Eu estava transtornado de dor, o sangue estava esfriando. Ela pegou a arma que estava carregada, em minha cintura.

— Você está cercada, não vai sair daqui — disse pressionando minha mão na perna, estancando o sangue. Ela engatilhou minha arma.

— Sou Alexia. Dama do tráfico. Domino uma cidade, não conseguiria escapar de um idiota como você? — Ela pisou em meu rosto, me pressionando no chão.

— Você não vai fugir — disse trincando os dentes.

— Eu vou, aliás, eu nunca fugi. Você que nunca veio até mim. — Ela riu. — Ser morena não combina comigo, né, Becker? — Ela puxou o cabelo moreno em sua cabeça, mostrando a coloração verdadeira. — Ser loira combina com minha personalidade. Me dá mais poder. — Comecei a me levantar.

— Mason, onde você está?

— Terraço — disse no rádio, com dificuldade.

— Estamos subindo.

— Não vão me pegar — ela sussurrou para mim, correndo para a ponta do prédio e me olhou pela última vez. Ela iria saltar, eu vi que ela faria isso, só estava calculando a altura.

Quando Jaden surgiu, já era tarde demais. Alexia voltou para trás e depois correu, pegando impulso e pulando no prédio ao lado. Escutei o barulho dos vidros quebrando quando o corpo dela se chocou com as janelas. Levantei, me arrastando até a ponta do prédio, mas ela já tinha sumido no meio da noite.

— A moto. — Jaden ainda tentou correr, mas foi possível escutar o barulho do motor no meio do nada. Tarde demais.

— Não acredito — murmurei para mim mesmo, perdendo a chance da minha vida.

Eu tive a maior oportunidade e a perdi como areia escapando pelo meio dos meus dedos. E mais uma vez ela se foi.

— Mason, quer que coloquemos homens nas ruas? — Jaden disse se aproximando.

— Sai de perto de mim. — Saí arrastando a perna.

Rasguei a manga da minha camisa e amarrei na minha perna, estancando o sangue.

Estava completamente derrotado. Sentindo-me um lixo, um derrotado, estava me sentindo a pior

pessoa do mundo, como se eu tivesse feito algo tão errado que não merecesse nem o meu perdão. Eu a deixei escapar, ela esteve tão perto, e eu a deixei ir. Falar com a Caissy me deixou pior do que eu já estava. Ela queria aquilo, mais do que qualquer pessoa do mundo, e eu não fui capaz de acabar com a vida daquela vagabunda. Eu simplesmente falhei. Aquilo fazia parte da vida dela como da minha, e eu fui egoísta, achando que resolveria tudo sozinho.

— Mason, o helicóptero está pronto — Jaden disse, me tirando dos pensamentos. Balancei a cabeça, entendendo o recado dele. Estava tão perdido; minha cabeça explodia, eu não conseguia dizer nada. Era raiva misturada com frustração, ódio de mim mesmo... Tanta coisa junta. — Temos homens espalhados por todo o estado, mas até agora nada.

— Não vão encontrá-la — disse firme.

— Ela não pode ter ido pra muito longe.

— Mas não vai dar bobeira, e vocês não vão encontrá-la. — Meu rosto estava cortado, e minha calça, cheia de sangue. Eu estava todo sujo, parecendo um trapo.

Coloquei os fones e o helicóptero decolou, fiquei em silêncio. Liberei o protetor de tela do celular e fiquei olhando a foto da Caissy com a Julie no colo, de quando ela nasceu. Aquilo me deu uma dor no peito, eu me sentia culpado por tudo, tudo o que aconteceu em nossas vidas. Eu conseguia sentir essa culpa. Quando a Caissy soubesse, ela iria me odiar pelo resto da vida, além de não contar para ela, deixei a vadia fugir.

Eu trabalhei exaustivamente o dia todo, tentei falar com Mason, mas ele não atendeu e nem retornou nenhuma de minhas ligações. A última mensagem que tinha recebido dele era que estava preso em reuniões e que Deborah precisava de companhias para o jantar, e ele não iria conseguir estar presente. Achei suspeito, sim, mas fui. Claire, Melissa e Emilly estavam lá, mas nenhum dos meninos estava presente, assim como Mason, era uma reunião de mulheres e aproveitamos para jogar bilhar.

— Cassidy, você não está prestando atenção no jogo! — Claire esbravejou.

— Estou, sim, mas eu já não aguento mais ganhar de vocês — disse desanimada.

— Não, não está, e todas nós deveríamos ser café com leite em relação a você. Garota, você aprendeu a ter mira, a única que consegue se aproximar é a Emilly e essa puxa-saco entrou no seu time.

— Se o problema for esse, facilitamos algumas jogadas para vocês até aprenderem como é que se faz. — Melissa riu, incentivando.

— Não me desafie, Cassidy Becker, você sabe que eu levo muito a sério quando sinto meu ego atingido — Claire justificou, e eu pude perceber que ela estava pegando ar por estar perdendo e por eu a cutucar.

— Pausa para um biscoito — Deborah amenizou, colocando os tacos cruzados na mesa, sem terminar o jogo.

— O que você tem? — Emilly perguntou preocupada.

— Nada de mais, acho que estou com um pouco de dor de cabeça, não sei.

— Essa dor de cabeça se chama Mason Becker?

— Já são uma e meia da manhã, Emilly, e ele não

deu sinal de vida, nem pra dizer que está vivo. Deve estar enfurnado naquele inferno em que ele está investindo.

— Cassidy, acho que você está com ciúmes. Depois de tudo o que me contou, saber que o Mason está naquela boate nunca vai te agradar.

— Não é ciúme, é preocupação indevida mesmo.

— Você quer ir até lá?

Quando abri a boca para falar, escutei um carro parar no jardim.

— Mason — disse, levantando e correndo, indo em direção ao jardim. Como de fato era ele, senti um alívio interno e corri para abraçá-lo. — Amor — eu disse aliviada ao vê-lo ali, mas eu sabia que algo estava errado com o jeito que ele me recebeu.

Seu olhar estava triste, o ele estava deplorável, um corte no rosto, sangue na perna e a roupa suja e rasgada. Fiquei assustada ao vê-lo naquele estado.

— O que aconteceu? — Ele ficou em silêncio, me olhando. Seus olhos imploravam por misericórdia. — Mason, você está chorando? — Estava assustada.

Ele veio até mim e me abraçou com força,

soluçando, e eu estava sem entender nada. Ele só chorava e soluçava sem parar, sem ao menos dizer uma palavra ou um gesto para eu entender o que tinha acontecido.

— Mason. — Segurei o rosto dele, nos afastando. — O que foi?

— Nada. — Sequei as lágrimas dele. — Eu não estou me sentindo bem. Minha cabeça está explodindo.

— Por que você está assim? Sua roupa, seu rosto. — Eu atropelava as palavras. Ele passou a mão no rosto. — É algo que você não pode me dizer? Estão te ameaçando? Tem alguém querendo te matar? Eu sabia, sabia que você não devia ter se envolvido com tudo isso. — Ele me silenciou com o dedo indicador.

— Não foi nada disso. Não foi nada de mais. Só me meti em uma briga — disse passando o polegar no meu rosto.

— Você bebeu? É isso? Você está bêbado? — Eu o cheirei, mas nem um vestígio de bebida.

— Mason. — Deborah apareceu na porta, um pouco longe de nós. — Vocês dois, entrem. Está

muito frio aí. — Mason me olhou no fundo dos olhos.

— Eu não quero entrar. Pega as suas coisas e vamos embora, preciso de um banho, ir pra casa, descansar. — Balancei a cabeça, assentindo, e ele beijou minha testa.

Entrei com pressa para pegar minha bolsa.

— O Mason não vai entrar? — Deborah perguntou, sentada ao sofá.

— Ah, é que ele está bem estressado, sabe como ele fica quando está assim, né? Não quer entrar. — Coloquei meu sapato. Despedi-me delas, Deborah ainda pensou um pouco em ir até o carro, mas mudou de ideia com alguns argumentos meus sobre o estado do Mason.

— Vou deixar meu carro aqui, amanhã peço para um dos seguranças vir pegar.

— Tudo bem, Caissy, sem problemas — Deborah disse. Dei um beijo nas duas e depois saí.

Entrei no carro e ele estava calado. Coloquei minha bolsa no banco de trás, e eu queria muito falar, argumentar, saber o porquê de ele estar naquele estado, mas não sabia como, não sabia por

onde começar, o que falar.

Chegamos em casa e Mason foi direto para o banho, ficou horas dentro do banheiro. Estava um pouco tensa sentada na beirada da cama, com as mãos fechadas em punhos em minhas pernas. Ele saiu do banheiro com uma toalha envolvida na cintura. Seus olhos estavam inchados, ele estava de costas para mim, de frente para o espelho, e eu tinha a visão da imagem dele.

— Está assustada? — ele disse, finalmente quebrando aquele silêncio insuportável entre nós.

— Um pouco — disse, me mexendo de uma forma desconfortável. Ele estava mexendo no cabelo, o bagunçando com os dedos. — O que aconteceu... que você chegou naquele estado?

— Nada. — Ele levantou os ombros de forma calma.

— Nada? — perguntei incrédula. — Mason, você chegou muito estranho e agora me diz que não foi nada? Acho que mereço, pelo menos, um mínimo de consideração da sua parte. Mereço explicações. — Ele soltou o ar pelo nariz, fazendo barulho.

— Me meti em uma briga de bar e o filho da puta

meteu uma faca na minha perna — ele disse, sendo breve e simples.

— Você, em uma briga de bar? Ah, tá, Mason, você não rola no chão com ninguém. — A expressão dele mudou.

— Estava desarmado, Caissy, o cara era um merda.

— Sei, mas ele enfiou uma faca na sua perna, está aí um motivo e tanto para te tirar do sério, e não te deixar...

— Bebi demais, me exaltei, fiquei pensando na Julie, em você... sabe como é. Bêbado às vezes exagera. — Eu estava de braços cruzados, ainda sem entender.

— Está querendo dizer que...

— Sim, alguns copos de cerveja e pensar na minha filha me fizeram chorar e me envolver em uma briga de bar. — Não estava acreditando no que estava ouvindo, podia ser qualquer pessoa, mas o Mason? Não, não por esses motivos que ele me deu. Não dessa forma tão estranha, o choro dele era como se me pedisse perdão por algo que eu não soubesse. Eu queria a verdade, mas não sabia como

chegar a ela. — Caissy! — ele gritou, estava com o olhar parado, pensando e observando o nada.

— Que foi? — Olhei para ele.

— Faz um curativo na minha perna, tá doendo pra porra. — Ele já estava de cueca.

— Faço. — Levantei da cama, ainda refletindo sobre aquilo tudo.

Ele segurou meu braço.

— Mas antes eu preciso daquele beijo. — Ele encostou os lábios levemente nos meus, dando início a um beijo calmo e ritmado. Eu apenas o acompanhei, seguindo seu ritmo quente e gostoso. — Agora eu realmente preciso de um curativo — ele sussurrou, quebrando o beijo.

— Você merecia um castigo por me assustar desse jeito.

— Não quero nem imaginar qual castigo você iria me dar — ele esbarrou os lábios levemente nos meus.

— Para de palhaçada e senta aí, Becker — disse rindo, o afastando de mim. Ele se jogou na cama, colocando as mãos atrás da cabeça de forma relaxada, enquanto eu pegava a maleta de primeiros

socorros no banheiro.

Eu ainda não tinha visto a proporção do ferimento na perna, mas nunca que conseguiria fazer um curativo decente para aquele corte, estava fundo, precisava de pontos.

— Mason? Você está louco? Por que não foi ao médico? — eu me desesperei.

— Caissy, não precisa. — Ele estava suando e um pouco pálido.

— Eu não posso tocar nessa ferida, vou ter que ligar pra Emilly.

— Não. — Ele tentou se mover, mas a dor foi mais intensa.

Eu mandei uma mensagem, pedindo para que ela fosse para casa, que era urgente, e, para minha sorte, ela ainda estava na casa de Deborah e chegou acompanhada de Dylan. Emilly se assustou com o corte, disse que o golpe que Mason havia tomado tinha sido muito violento, mas ele não quis falar muito sobre o assunto e ao terminar foi dormir.

— Cassidy, tem certeza de que ele não disse mais nada, além disso?

— Não, Dylan. Ele disse que se meteu em uma

briga de bar e ganhou isso. — Dylan estava pensativo.

— Não consigo ver o Drew envolvido nesse tipo de coisa — Dylan rebateu.

— Então você acha que ele está mentindo? — Emilly o reprimou com o olhar.

— Não sei, mas vou procurar saber mais disso. Boa noite, Caissy.

— Obrigada por terem vindo.

— Caissy, o ferimento, se ele for cuidadoso, vai recuperar bem rápido, não tem com o que se preocupar, e qualquer coisa pode me chamar — ela disse atenciosa.

— Tudo bem. Muito obrigada, Emilly.

Eu fiquei pensando em tudo o que tinha acontecido e estava preocupada com Mason, dormi pouco, mas acabei pegando no sono.

Na manhã seguinte, a mesa estava pronta, mas não tinha ninguém na cozinha nem na copa, a casa estava em um silêncio absurdo.

— Cassidy? — A voz da Guadalupe me tirou de meus pensamentos.

— Bom dia, Lupe.

— A essa hora eu achei que a senhora já estivesse saído.

— Vou entrar um pouco mais tarde hoje, Mason se machucou na noite passada, estou preocupada.

— Ele me disse, avisou que vai trabalhar de casa hoje.

— Imaginei. — Limpei a boca, terminando minha refeição.

Antes de sair da copa, ela me chamou.

— Caissy... — Eu me virei novamente. — Esses papéis estavam caídos no jardim, me parecem ser do senhor Mason. — Peguei os papéis para conferir. Era um certificado de locação de helicóptero no nome de Luigi, comecei a ler com atenção.

— Ué, eu não lembro quando foi que o Mason foi pra Miami. — Os papéis diziam que havia tido o aluguel de um helicóptero para Miami com urgência. — Veio alguém diferente aqui hoje?

— Não que eu me lembre. Ah, só os seguranças da dona Deborah, trazendo seu carro, mais que isso ninguém de diferente.

— Acho que isso daqui deve ser de uns dos meninos ou do Jaden. Pode deixar entregue pra ele.

— Ela sorriu e começou a tirar a mesa.

Quem será que foi pra Miami? Atravessei a casa, indo até o escritório, a porta estava semiaberta, Mason estava ao telefone com alguém, de costas para a porta, com a cadeira virada para a janela.

— *Você sabe que eu não vou desistir, essa palavra não existe no meu vocabulário, eu não confio no Jaden, mas ele é o único que pode me ajudar com a Alexia, ele sabe de tudo* — Mason dizia ao telefone.

(...)

— *Ele me deu uma prova de que Jason me traiu antes de pôr um fim à vida dele.*

(...)

— *Você queria que eu checasse a veracidade da foto?*

(...)

— *Eu não precisei, fui pego de surpresa, e o pavor de Jason confirmou que algo estava errado, se Jaden não estivesse falando a verdade, ele pelo menos tentaria se defender, e não foi isso o que ele*

fez.

(...)

— *Eu não sujei minhas mãos com ninguém, eu já disse, ele me deu a porra de uma foto da Alexia com a minha filha nos braços, e o filho da puta do Jason a acobertando na fuga. Não sujei minhas mãos com ele, não precisei.*

(...)

— *Quanto à Alexia, volto pra Miami assim que eu parar de mancar, sei que ela ainda está por lá, ela não saiu de Miami, disso eu sei.*

(...)

— *A Alexia é inteligente, tenho certeza de que sair do país não é tão importante para ela como antes... Não quando ela sabe que eu estou na cola dela. — Eu não tive reação quando ouvi aquele nome. Não ia ficar ouvindo a conversa dele, eu já tinha ouvido merda demais, Mason estava extrapolando os limites, mas além de ouvir que Jason estava morto, ele tocou no assunto da Alexia, e aquilo me fez paralisar e continuar ouvindo sem ser notada.*

(...)

— *Nem eu sei como a deixei fugir.* — Mason parecia frustrado. — *Eu tinha dois revólveres, os dois carregados, e ainda tinha munição no bolso, ela sempre está um passo à frente, me fez gastar um pente todo, contou o tanto de balas que eu desperdicei e ainda por cima me esfaqueou na coxa.* — Apoiei minha mão no trinco da porta, sentindo minhas pernas fraquejarem. — *Dylan, escuta uma coisa, Alexia estava dominando Miami deve ter alguém trabalhando pra ela. Ela não iria embora e deixaria tudo aquilo de bandeja. Se tem uma coisa que aquela mulher não sabe é perder, e ela não iria entregar todo o poder que o Marconny concedeu a ela.*

(...)

— *Eu não posso, cara. A Cassidy não pode nem sonhar que tudo isso aconteceu, ela pode colocar tudo a perder, ela vai querer envolver a polícia, e pra achar a vagabunda da Alexia eu tive que envolver meu nome em mais coisas sujas. Quando relacionarem o meu nome nessa merda toda vão cair em cima dela sem dó. Eu não posso fazer isso com a minha mulher.*

(...)

— *Vou acabar com a Alexia, eu tenho certeza disso, não estou tão longe, falhei uma vez, mas não vai acontecer de novo.*

(...)

— *Eu quero só me recuperar da perna e vou voltar atrás do rastro dela novamente, em Miami.* — Briga de bar? Não tinha acontecido nenhuma briga de bar, Mason esteve com ela, ele a encontrou e não me disse nada. Eu não sentia as minhas pernas e me esforçava para permanecer de pé.

(...)

— *Beleza, eu te vejo mais tarde. Valeu por tudo, cara!* — Mason se despediu do Dylan e continuou virado para as vidraças que davam de frente para o jardim da casa.

O baque foi grande, eu não conseguia me mexer, demorou um pouco até voltar à realidade. Minha mente estava em transe.

Ele se assustou ao se virar e me ver paralisada na porta.

— Caissy? — Seus olhos eram de completo

desespero.

— Você mentiu pra mim. — Uma lágrima me escapou. — O Jason está morto, você esteve com ela. — Meus lábios tremeram. — Pelo amor de Deus, Mason, o que é que está acontecendo?

— Você estava ouvindo minha conversa? — Ele parecia tão perdido quanto eu.

— Uma briga de bar, o dia todo fora, eu deveria ter desconfiado. Você esteve mentindo o tempo todo.

— Não, não vá por esse caminho, eu não menti por capricho, tudo, Cassidy, exatamente tudo foi necessário.

— Você não tinha o direito!

— Caissy...

— O que vocês fizeram com o corpo do Jason? Meu Deus! Você tem ideia em quantos crimes você pode ser enquadrado?

— Eu? Eu não... eu não matei o Jason.

— Você é cúmplice! — gritei — Você acha que nas mãos do Devlin consegue sair impune? Vingança não é justiça, nada do que você fez é justificável.

— Eu não me importo com o Devlin, eu não me importo com o que pode acontecer comigo depois de tudo isso, eles não vão entender, é por você e pela minha filha.

— Não justifica, nada justifica, Mason. Eu quero que aquela mulher pague pelo que fez tanto quanto você, mas não é racional nos colocarmos na linha de frente para conquistar isso. E agora? Você vai até o fim e se tornar um foragido da polícia?

— Eles não vão me pegar, é só o tempo de encontrar a Alexia e depois me desfaço de tudo.

— Eles vão, o Thomas só não juntou as pontas, mas ele sabe que no lugar do Marconny tem um novo manda chuva, e, no caso, esse manda chuva é você.

— Nada mudou, Cassidy. Finge que você não sabe de nada e eu continuo seguindo com o que planejei.

— Eu não vou deixar que você coloque tudo a perder desse jeito e também não vou fingir que nada está acontecendo enquanto você destrói a sua vida.

— Eu não vou permitir que arrisque tudo o que

você sonhou por uma insanidade, não vou deixar você jogar tudo para o alto.

— Nem que eu tenha que te enfrentar, Mason, mas as coisas não irão mais ser como você planejou, eu estou nessa! — Deixei o escritório, sentindo minha cabeça doer de tantas coisas que eu pensava.

CAPITULO 16

Eu estava com receio do que ela poderia fazer. Cassidy, quando colocava uma coisa na cabeça, não desistia fácil, e eu vacilei em ficar falando de negócios em casa. O dia tinha começado péssimo e eu não sabia nem o que fazer primeiro, com o que me preocupar, as coisas estavam fugindo do meu controle, mas eu precisava ir até o fim.

Alexia iria se esconder como um rato, mesmo que eu procurasse, ela não iria vacilar nem tão cedo, demoraria um tempo para encontrar outro rastro dela, mas o meu foco era rastrear o tal de Pablo, ele, sim, me levaria até ela mais uma vez, disso eu tinha certeza.

Os homens que Jaden havia arranjado ainda estavam em contato com a gente e ficaram dispostos a nos ajudar. Eu pedi para que vasculhassem cada canto daquela cidade, cada buraco, cada lugar onde ele poderia estar, aquele homem era valioso.

Eu ainda estava perdido em meus pensamentos quando Jaden bateu na porta.

— Com licença. — Ele entrou, fechando a porta.
— E aí, Drew, como tá o ferimento?

— Está tudo certo. — Bufeí, ainda muito estressado com tudo o que estava acontecendo.

— Nós vamos encontrar aquela mulher, chefe. Os caras lá de Miami já estão no rastro daquele Pablo.

— Eu tenho certeza disso, mas a cada dia que se passa temos mais problemas.

— Quais?

— A Cassidy descobriu tudo.

— E ela tá dentro também?

— Eu não envolvo minha família nessas coisas, Jaden. Mas talvez vamos ter alguns problemas com a polícia. Onde você enterrou o corpo do Jason?

Eu deixei Mason em casa e fui para o departamento, eu não conseguia pensar em nada produtivo, a preocupação estava me corroendo. Eu precisava de ajuda para colocar os pensamentos em ordem, mas não sabia a quem recorrer.

O delegado estava fora do departamento e a minha equipe também, eu era a única na sala e me senti mais aliviada por estar sozinha. Na pilha de nervos que eu estava, se Thomas me visse, iria desconfiar.

Mandeí uma mensagem pra Emily, ela estava ocupada para me ouvir e eu não quis incomodar. Mason não me procurou a tarde toda, e, quando Thomas chegou ao departamento, foi nele que vi minha oportunidade para tentar agir antes de Mason.

— Boa tarde, detetive. — Ele se sentou animadamente em sua cadeira.

— Boa tarde. E aí, novidades?

— Coisas da rua, somente, e por aqui?

— Acho que tenho umas coisas pra você. — Ele arqueou a sobrancelha e eu continuei. — O tal Salvatore, quer dizer, o seu suspeito, não é tão difícil de achá-lo.

— Não?

— Marconny Salvatore é o antecessor do tal Drew que você procura. — Ele sorriu e arrastou sua cadeira para bem perto, para que somente eu

ouvisse o que ele dizia.

— Sim, detetive, o Marconny é o Salvatore e o Drew é um Becker. — Eu senti meu coração acelerar, ele já sabia.

— Eu... é...

— Eu sei, Cassidy, não consigo imaginar até que ponto seus pés estejam sujos nessa história, mas eu sei que você não está tão envolvida. Se estivesse, não falharia dessa forma que está fazendo agora.

— Parece que eu sou sempre a última a chegar em tudo.

— Você me deu as evidências de que eu precisava, não era só você que precisava saber os passos do seu marido, Cassidy. Me desculpe, eu te usei para algumas coisas, mas estou disposto a ouvir o que você tinha pra me dizer quando pensou que conseguiria me fazer de bobo.

— Eu não iria te fazer de bobo, eu só não posso entregar a cabeça do Mason em uma bandeja quando os motivos dele não são justificáveis, mas sei que o que ele fez está aliviando a dor que ele sente, e é a mesma dor com a qual eu tenho vivido durante anos, se não for pior. Ele se sente culpado.

— Thomas cruzou os braços me encarando. — Não faça essa cara, não aja como se você não soubesse toda a história, tenho certeza de que você investigou até a última geração e sabe exatamente de tudo.

— Certo, eu não quero o Mason, Cassidy. Acho tudo isso que está acontecendo uma loucura, nunca via alguém arriscar a vida como vocês dois, mas sei que você é limpa e que ele está agindo com emoção. Há um grande conflito de interesse nisso tudo, e o meu é prender os bandidos de verdade. Meu foco é outro, eu estou nessa investigação do Salvatore há anos e eu não consegui metade do que consegui graças ao seu marido brincado de justiceiro, então, não sei, talvez ofereçam um acordo a vocês.

— Eu não quero acordo, não me importo com o que vier depois que passar. Eu quero que você nos ajude a prender a Alexia e inocente o Mason de qualquer acusação, depois disso, eu assumo o que tiver que assumir.

— Cassidy, isso pode ser um caminho sem volta, seria o sonho do Devlin conseguir provar algo

contra os Beckers, e você vai dar esse escândalo de bandeja nas mãos dele, pense bem.

— Eu já pensei, Thomas, o Mason não vai responder por isso. Se tem uma pessoa culpada por tudo sou eu. Foram seis anos, eu sei o que ele viveu.

— Eu te admiro, desde o dia em que cruzou aquela porta eu sempre soube que teria uma parceira e tanto.

— Obrigada, você também é um grande homem.
— Eu suspirei. — Me ajude a achar aquela mulher.

— A Dama do tráfico? — Ele mudou sua postura caridosa para o policial autoconfiante que era.

— Como assim?

— Essa parte acho que o Mason pulou. — Ele deu de ombros. — Alexia tem comandado um grande esquema de drogas em Miami, ela é o braço direito dos esquemas do Salvatore. O que você sabe sobre ela?

— Mason quase a pegou, mas ela conseguiu escapar, ele tem certeza de que ela está em Miami. Você precisa me ajudar, Thomas, eu não tenho mais a quem recorrer, e, se eu deixar, ele vai fazer

outra operação em Miami, correndo o risco de ser preso, e eu não sei se lá consigo que as autoridades entendam os motivos que levaram Mason a isso. Por favor — pedi.

— Certo, vamos averiguar antes de deixar o delegado a par de tudo.

— O que quer dizer com averiguar?

— Mason está grampeado, ontem, em toda a ação de Miami, tinha uns contatos seguindo cada passo que ele dava. Acompanhamos tudo de perto e ele nos deixou de presente Pablo, o braço direito da Dama em Miami. O cara e seus capangas já estão nas nossas mãos, mas sei que a polícia de Miami não vai dar muita ênfase ao interrogatório, eles não têm interesse nenhum em manter aquele cara na cadeia, mas acho que conheço alguém que pode conseguir algo no depoimento. — Ele me encarou esperançoso.

— Quem? Eu?

— Vamos a Miami ou não, detetive?

Eu pensei que não sairia livre daquele departamento, mas Tommy me surpreendeu, ele já tinha tudo preparado. Comandar uma operação fora

do meu distrito foi a maior loucura que poderia assinar, se o delegado Devlin ficasse sabendo de tudo, ele iria pedir minha cabeça, mas Thomas estava sendo cuidadoso, usando seus contatos de Miami sem fazer alarde.

Eu não esperei para que todo o procedimento de pouso fosse feito, assim que o helicóptero aterrisou, sem o comando do piloto, eu me desfiz dos equipamentos de segurança e me preparei para sair. Tommy veio logo atrás.

— Eu espero que isso não seja em vão! — ele gritou, me entregando uma pasta com o arquivo do homem que havia sido preso logo após a ida de Mason a Miami.

— E aí, onde está o cara? — eu perguntei, quando entramos em movimento.

— Calma, respira! Vermelha desse jeito, você vai explodir — ele amenizou o clima.

— Vamos pedir a transferência dele para Atlanta — um homem que ainda não tinha sido apresentado, mas que estava com um carro à nossa espera, interferiu.

— E onde ele está? — mais uma vez perguntei.

Ele comprimiu os lábios.

— O policiamento de Miami não foi muito gentil, ele já levou uma boa surra.

— Conseguiram alguma informação, pelo menos? — Tommy mais uma vez comprimiu os lábios.

— O cara deve ter ganhado muito ou ele realmente não sabe onde Alexia está. Não duvido de nada do que você conseguiu até agora, mas já considerou que ele pode não ser o cara?

— Ele entregou o primeiro lugar da Alexia ao Mason. — Enterrei a pasta em meu colo, descartando a possibilidade de aquele não ser o cara.

Mason e eu fomos a algumas praias de Miami, mas não costumávamos ficar muito tempo. A viagem demorou uns quarenta minutos, o lugar em que o cara estava parecia distante da cidade, eu fiquei mais ansiosa quando o carro parou e avisaram que tínhamos chegado. Era apenas um galpão no meio do nada e alguns homens do contato de Thomas.

— Onde ele está? — Thomas perguntou.

— Lá dentro, amarrado — um dos homens respondeu.

Thomas saiu andando na frente e eu o segui, ele empurrou uma porta velha de madeira para entrar no galpão. Eu o segui, vendo a escuridão que tomava conta daquele lugar, apenas uma luz acesa que piscava freneticamente, localizada em cima do homem amarrado, que parecia desfalecido. Thomas sinalizou para que eu fizesse todo o procedimento, eu sentia meu corpo tenso, mas não hesitei, aquilo me pertencia.

Em uma mesa tinha alguns objetos e água, eu não quis pensar no que aquele homem tinha sofrido antes de chegarmos. Joguei a água na cara dele, causando um susto que o fez pular.

— Quero saber e não tenho paciência. Onde Alexia está? — disse com raiva.

— Eu vou repetir pela milésima vez, eu não vejo Alexia desde que um tal de Mason Becker estava pondo a cidade de cabeça pra baixo atrás dela. — Eu puxei uma cadeira e me sentei de frente para ele, não era adepta a tortura.

— Se me disser onde Alexia está não mudará

nada em sua vida, você já está preso e esses caras aqui têm boas provas para te deixar um bom tempo na cadeia, eu aconselho você a cooperar. Mais uma vez, onde está a Alexia? — Eu sentia meu corpo arrepiar ao dizer o nome dela.

— Onde estão os dois boiolas que estavam tentando me fazer falar?

— Por que quer que eu os chame pra você confessar? Se sente mais à vontade com eles? Não me importo.

— Se eles não conseguiram arrancar informações de mim, você vai conseguir? — Thomas encarava tudo sem que o homem o visse, ele estava acompanhado dos outros homens que falaram com o Pablo antes.

— Está duvidando porque eu sou mulher? — Ele riu com os cantos da boca arrebitados.

— Arranque o pinto dele fora — ordenei.

— O quê?! — o cara amarrado gritou desesperado.

— Vão querer que eu faça isso? Será que pelo menos a tesoura ou algo que corte o pinto dele fora dá pra me arrumar?

— Lembro de ter visto uma tesoura de jardineiro lá fora, espera aí — um dos homens falou e saiu correndo da sala. Thomas me encarava sem entender.

— Você só pode estar ficando louca. Você pode fazer muitas outras coisas com esse boneco aí, mas cortar?

— Não é porque sou mulher que eu não posso ser tão ruim quanto eles. Aliás, com o ódio que guardo em mim, acredito que sou pior do que eles. — Eu me curvei, deixando meu rosto na altura do dele.

— Vadia — ele rosnou.

O homem entrou na sala, abrindo e fechando uma tesoura gigante de jardineiro.

— E aí, vai me dizer ou vai perder? — Abri e fechei a tesoura, parada em frente a ele.

— Eu não sei... Eu juro que não sei — ele disse chorando.

— Ok. Essa foi a última vez que sentiu seu pau no seu corpo. — O homem abriu as calças dele, colocando uma coisa pequena e vergonhosa para fora.

— Eu falo, eu juro que falo! Por favor, eu falo,

não faça isso! — ele disse em desespero, quando eu já estava com seu membro na tesoura. — Alexia pediu minha ajuda para pegar dinheiro na casa dela. Ela estava muito machucada e pediu minha ajuda para buscá-la em um terreno abandonado. — Ele soluçava. — Eu só fiz o transporte dela do terreno para um lugar onde tinha um carro que a estava esperando. Depois disso, fiquei esperando algum contato dela. Aí eu fui pego e a vagabunda nem deu sinal para me ajudar.

— E onde é casa dela? — Se ela tinha pertences lá, poderia ter algo útil para mim.

— Não existe mais casa. — Ele sorriu. — Alexia mandou explodir tudo quando saí de lá.

— É só isso? — Thomas disse nervoso.

— Pô, cara, essa é única coisa que sei, eu juro!

Thomas não se conteve e deu um soco certeiro no homem, que mais uma vez desmaiou.

O carro que nos esperava estava parado no mesmo lugar, foi frustrante saber que saímos de Atlanta para mais uma vez saber que Alexia tinha conseguido escapar.

Voltamos para Atlanta e Thomas ainda não tinha

decidido o meu destino, estava nas mãos dele, mas eu não me importava, eu estava tão saturada, tão cansada de tudo o que estava acontecendo, que deixei as coisas serem do jeito que ele decidisse. Meu distintivo e minha arma foram confiscados, não que ele não confiasse em mim, mas era o protocolo, quando o policial se tornava suspeito.

Eu não estava com cabeça para ir para casa, Emilly me mandou uma mensagem de que logo conseguiria me encontrar e eu não recusei, precisava conversar.

— Uau! Acho que alguém aqui parece arrasada, não é, detetive? — ela disse assim que me sentei em sua frente.

— Talvez seja ex-detetive. — Emilly comprimiu os lábios.

— O que aconteceu?

— Entreguei meu distintivo, estou suspensa até Thomas encontrar a Alexia. Depois, bem provável que eu sofra alguma sindicância, não sei. — Esfreguei as pálpebras, me sentindo exausta.

— Cassidy, você tem certeza de que é isso mesmo o que você quer? Pense bem.

— Eu já pensei, vou proteger o Mason, colocar a culpa nele é o mesmo que tapar o sol com peneira, é muito mais fundo, Emilly. Ele só escavou e jogou tudo para o alto, mas as coisas estão saindo do controle dele.

— Você fala como se o Mason não soubesse o que anda fazendo.

— Eu sei que ele sabe e não se importa com as consequências.

— O relacionamento de vocês deu uma grande guinada, não é? Você passou a ser a razão, e o Mason, a emoção.

— E eu não entendo, ele me ensinou tanto sobre limite e agora está extrapolando. Está cego.

— Acho que vocês precisam de uma conversa.

— Mais? Desde que voltei de Washington foi o que mais evitamos e mais fizemos durante esse tempo.

— Hoje será diferente, ou vocês se aliam de vez ou tudo vai estar acabado.

— Segunda opção, o Mason não vai aceitar fácil o acordo que fiz, eu já estou me preparando psicologicamente para a guerra que vamos

enfrentar.

— Então seja firme! — Ela bebericou seu café.

O papo com a Emilly foi bom para me distrair, eu tinha que me conformar que não tinha mais controle da situação e ainda tinha mais coisas para enfrentar. As decisões eram minhas, mas Mason não aceitaria, ele tinha deixado claro que estava fazendo de tudo para me proteger.

Ele estava em casa como quando eu saí, Guadalupe estava arrumando algumas coisas na sala. Quando cheguei, ela me avisou que Mason não tinha saído do escritório o dia todo. Eu não quis esperar, fui até ele.

Entrei sorrateiramente e tive seu olhar cravado em mim.

— Como você está? — Em silêncio ele estava, em silêncio continuou. Mordi os lábios, impaciente com aquilo. — Mason, nós precisamos conversar.

— Precisamos? — Ele parecia perdido.

— Eu limpei tudo, temos um acordo. Você está limpo. — Ele passou a mão pela cabeça, secando os olhos rapidamente, impedindo as lágrimas de caírem.

— Temos um acordo? Me diz o que você deu em troca desse acordo.

— Algumas vezes na vida é necessário fazermos sacrifícios, você está fazendo tudo isso por mim e pela Julie, chegou a hora de fazer isso por você também.

— Você acabou com tudo. O que você fez com a sua vida, Cassidy? Meu Deus. — Mason estava descontrolado.

— Vai dar tudo certo, eu juro.

— Você só pode estar louca ao me propor isso.

— Eu não estou propondo, eu já aceitei.

— Eu não vou participar disso.

— Eu não estou pedindo para você apoiar nada, a minha decisão já foi tomada.

Ele tinha os olhos avermelhados e marejados.

— Volta pra sua vida independente, me deixa aqui na minha. Eu não sei nem mais o que pensar. Você era meu ponto de paz e está se tornando a maior guerra da minha vida. — Franzi a testa. — Eu não quero mais, eu não posso conviver com essa merda que você está fazendo. Quantos anos na cadeia? Você está louca, eu não vou aplaudir isso.

— Mason... — As lágrimas desciam descontroladamente dos meus olhos.

— Vai, Cassidy, você está livre.

— Só quero que saiba que eu nunca tinha achado que foi um erro ter escolhido você, até hoje. — Limpei minhas lágrimas, peguei minha bolsa e saí do escritório dele, correndo as escadas o mais rápido que consegui.

Meu corpo tremia compulsivamente, eu abri todos os armários, arrancando tudo o que eu conseguia de dentro.

— Vai viajar, dona Cassidy? — Guadalupe entrou no quarto cautelosa.

— Não, quer dizer, vou. Céus! Me ajude, Lupe. — Abri o closet, pegando duas malas enormes.

Guadalupe me olhava assustada.

O tempo todo em que eu preparei minhas malas, Mason não apareceu. Pedi auxílio de dois seguranças e, quando já estava nas escadas, ele apareceu, completamente arrependido.

— Cassidy? — Eu não dei ouvidos. — Cassidy, pelo amor de Deus, eu estava de cabeça quente. Você não vai fazer isso, não... Cassidy. Isso não é

vida pra você, eu não quero te pôr em risco, o que custa entender isso? É difícil? Me entende, por favor.

— Loucura é você achar que pode decidir tudo por todos, Mason. Você tem razão, é melhor cada um ficar no seu canto, tomamos rumos diferentes. — Imediatamente ele endureceu.

Eu não esperava que ele implorasse para eu ficar, mas doeu sair pela porta sem ser impedida, doeu a primeira opção que Emily nos deu não ter acontecido.

Como se uma faca rasgasse meu peito inúmeras vezes, a cada minuto que me lembrava de tudo o que ele tinha me dito. Os pensamentos eram severos, eu não sabia mais o que pensar, o primeiro hotel pelo qual passei foi onde entrei.

Eu me desliguei do mundo por um tempo para enfrentar tudo o que eu estava sentindo.

QUATRO SEMANAS DEPOIS.

Duas semanas evitando, duas semanas me controlando, controlando minha mente para não surtar. Eu estava simplesmente sobrevivendo, lidando com a separação, com a suspensão no

departamento e com uma casa nova. Tinha que agradecer o apoio que recebia, às vezes, de todos, mas só eu sabia como era difícil quando se apagava a luz e eu ficava sozinha, com meus travesseiros, lágrimas e pensamentos.

Brian, desde o dia que descobriu que Mason e eu não estávamos mais juntos, se encarregou de ficar ao meu lado. Ele me ajudou a escolher uma casa, me ajudou com a mudança e me fazia companhia nas horas em que eu mais me sentia sozinha. Eu era muito grata a ele, eu não tinha com o que me ocupar, o departamento poderia ser a minha válvula de escape, mas eu estava suspensa.

CAPITULO 17

Estava em uma reunião com as meninas, eu me sentia um pouco alheia aos assuntos delas, mas tê-las por perto também era bom.

— Pra falar a verdade, eu passei a odiar o Mason — Melissa disse.

— Nate me dá um perdido toda noite pra ficar naquelas festinhas da casa dele. E o pior, quando digo que estou sendo trocada, ele diz “Claire, para de paranoia, só uma saideira com os meninos”.

— Saideira? Não satisfeito em acabar com o seu casamento, Mason também quer acabar com a relação dos amigos. Aquela casa parece uma zona, a Guadalupe não está dando conta. Esses dias Nate disse que Mason estava tão ruim, mais tão ruim, que dormiu sozinho na piscina — elas falavam empolgadas, mas aquilo me fazia mal. — Tiveram que socorrer ele, todo vomitado e desmaiado no dia seguinte.

— Eu estava lendo as mensagens do Chris e tem até um apelidinho pra orgia deles. Ai, como que é? Ah, é... “kinkas com o Becker”. Toda noite o celular do Chris bipa com essa mensagem e quer dizer que vai ter festa.

— Então é isso que significa? Nate safado, ele disse que era reunião.

— Reunião de orgia — Melissa disse irritada.

— Gente. — Eu estava me contendo.

— Ah, mas eu mato o Nate!

— Gente, por favor. Eu não quero saber nada disso. Eu não quero notícias do Mason... O assunto sempre volta pra ele e isso não é legal. — As duas se entreolharam com culpa.

— Caissy, foi mal, acho que a gente se empolgou demais, desculpa de verdade.

— Eu sei que o jeito do Mason de demonstrar é um pouco estúpido, mas ele também está magoado. Você chora, ele dá festas, mas pelo que sei o Mason passa a maior parte do dia chapado porque ele não aguenta ficar sem você.

— Você quer que eu entenda por esse ponto de vista?

— Você não está sendo traída, você sabe que a qualquer momento aquele advogado babaca que você contratou vai levar os papéis do divórcio pra ele.

— A uma hora dessas o advogado já deve estar chegando com os papéis na casa dele — eu disse sem ânimo, as meninas não sabiam o real motivo por termos rompido, mas estavam me ajudando muito.

— Eu não sei se sou forte o bastante pra tudo isso — lamentei.

— Então pensa mais antes de agir, boneca. — Claire passou a mão carinhosamente no meu rosto.

— Cassidy, isso não é nem um terço dos seus problemas, deixa o Mason que uma hora o destino se encarrega de cuidar de vocês. Você tem que focar na sua profissão, aliás, essa sua suspensão vai durar mais quanto tempo?

— Não sei, não tenho notícias. — Eu preferia sempre não entrar no assunto. — E o casamento?

Minha vida havia se tornado uma novela assistida por todos, eu não tinha nem tempo de digerir os acontecimentos e já tinha que responder e explicar

as minhas ações, como fiz, por que fiz, aquilo estava me deixando pior do que eu já estava.

— Eu não aguento nem mais ouvir essa palavra.

— Melissa suspirou.

— Eu não tirei as medidas ainda. — Sorri sem graça.

— Não tem problema, eu acho. O modelo foi feito com base no corpo da Claire, acho que a prova final vai precisar de uns simples reparos, mas não se preocupe com isso, não acho que seu corpinho vá mudar muita coisa até o fim de semana.

— Até porque parece que você não anda se alimentando bem e viemos aqui pra almoçar com você.

— Mesmo eu estando sem fome?

— Então você vai ser obrigada. — Claire deu de ombros, me empurrando em direção à cozinha.

Almoçamos todas juntas e, no fim da tarde, elas foram embora. Era tão estranho estar sozinha em uma casa só para mim. Eu sentia falta de conversar.

O celular começou a tocar dentro da bolsa, interrompendo o que eu iria dizer. Revirei as coisas rápido, pegando o aparelho, vendo um número

desconhecido no visor.

— Alô?

— *Senhora Becker?*

— Sim, sou eu. Quem é?

— *Dr. Donovan.*

— Ah, sim. Oi, doutor. — Eu não tinha o número dele salvo, meu coração disparou, batendo em um ritmo muito acelerado.

Sentia o gosto amargo na boca, parecia que o ar estava indo embora, meus braços e pernas pareciam não responder aos meus movimentos e a voz do outro lado do telefone tagarelava sem parar.

— *Tenho péssimas notícias, a senhora estava um pouco enganada quanto à atitude do seu ex-marido. Não foi nada conciliável. Ele declinou integralmente o pedido de divórcio.*

— Ele recusou? — Duvidei do que tinha acabado de ouvir.

— *Sim, pedido completamente recusado, e ainda teve a audácia de lhe mandar um recado. — O indivíduo do outro lado da linha se mostrava indignado. — Pediu para que a senhora fosse pessoalmente pedir o divórcio a ele.*

Eu estava tão nervosa que, ao ouvir aquilo, senti uma grande vontade de cair na gargalhada, mas me controlei, o homem estava realmente furioso.

— O quê? — Não sabia o que responder.

— *Creia, senhora. Aquele homem passou dos limites, me insultou e por fim pediu para que eu ficasse frio. Mandou me lançarem na piscina com toda a papelada que demorei dias para preparar.*

— Tapei a boca, querendo rir.

— Senhor Merlin eu não previa que essa seria a reação do Mason, me pegou de surpresa também.

— *Mas o fato de ele não ceder o divórcio de forma harmoniosa não quer dizer que ele ainda não possa ocorrer. Deixei claro que se você ainda quisesse dar continuidade na causa o divórcio sairia ele querendo ou não. É só a senhora me dar o aval que entro com os papéis hoje mesmo e resolvo tudo o mais rápido possível.*

— Eu... Merlin, eu posso falar com você depois? Toda essa situação me pegou de surpresa, eu realmente não esperava essa reação.

— *Sim, claro. Meus serviços estão à sua disposição, o que decidir estarei aqui para auxiliá-*

la. Passar bem, senhora Becker.

— O senhor também, desculpe todo o transtorno, se o senhor teve algum dano, me manda a conta e eu arco com as consequências.

— *Tudo bem, sem problemas.*

— Obrigada, tchau. — Desliguei o telefone, sorrindo à toa.

Eu estava completamente espantada com a atitude de Mason, não esperava por aquilo. Que parte disso tudo fazia sentido? Eu não conseguia enxergar nenhum, não conseguia entender.

Eu sorri, afastando a conversa que tive com o advogado para longe, eu precisava de tempo para assimilar tudo o que estava acontecendo, aquilo era um sinal de que eu estava dando um passo errado? Ou talvez fosse só a forma que Mason escolheu para me ferir mais?

O telefone mais uma vez tocou, me tirando de meus pensamentos, e dessa vez o número não era desconhecido, era Claire.

— Caissy, o que você acha de fazermos uma despedida de solteiro para a Melissa?

— Acho que seria legal, faz tanto tempo que não

conseguimos uma festa pra gente. Uma reunião nossa.

— Falei com as meninas, elas toparam a despedida. Festa a fantasia as 22h, na casa da Deborah.

— Fantasia?

Tentei focar no que ela dizia.

— Sim, mas como sei que você vai colocar empecilho em tudo, vou dar uma passada na loja e pego algo legal para nós duas, o que acha?

— Acho uma boa.

— Você sabe, não perco uma festa por nada, e essa é nossa noite com a Melissa, precisamos, não vai furar, hein?

— Vou me esforçar. — Fui para a cozinha. — Eu até iria com você, para escolher algo sexy, mas tenho que verificar uns e-mails.

— Se você quiser, podemos nos arrumar juntas, mas se preferir eu levo sua fantasia para a casa da Deborah e você se troca lá.

— Você está mimando sua melhor amiga, é isso mesmo?

— Negativo! — ela protestou. — Estou facilitando a situação para você não ter imprevistos e dizer que se atrasou, então, os afazeres são somente arrumar o cabelo, uma maquiagem básica e vamos festar.

— Sempre prática.

— Prazer, Claire Gates!

— Pode deixar, não se preocupe, eu estarei lá.

— Um beijo.

As garotas levaram bem a sério a despedida a fantasia da Melissa, era por volta de umas sete horas quando decidi tomar um banho e começar a me arrumar, O silêncio absurdo daquela casa me incomodava, eu havia chegado à conclusão de que não gostava de ficar sozinha. Mas estava me mantendo tranquila, fugindo dos meus problemas e evitando pensar em qualquer coisa relacionada ao Mason.

Escovei meus cabelos e enrolei as pontas, deixando cachos grandes, caídos em cascatas, desdobrarem pelos meus braços. Esfumei os olhos, os deixando bem escuros, acompanhados por um batom escarlate matte.

Escolhi uma calcinha de renda e coloquei a sandália que usaria, os brincos combinavam com o colar de esmeralda mexicana que eu tinha ganhado do Mason em um de nossos aniversários de casamento. Como Claire se encarregou de levar minha fantasia, eu só vesti um penhoar branco, rendado, por cima da lingerie, e estava pronta. Peguei uma bolsa pequena, coloquei minha carteira, minha arma, as chaves do carro e o batom que usaria depois para o retoque.

Eu tinha um certo exagero com minha segurança, principalmente quando estava sozinha, todos os cômodos do segundo andar estavam verificados, com as janelas fechadas, fiz o mesmo com as janelas da sala e me certifiquei de que a porta da cozinha estava trancada.

Precisei voltar ao segundo andar para pegar minha bolsa que ficou em cima da cama.

Na metade do caminho pude ouvir um único barulho de vidro e depois um silêncio absoluto.

Esperei cinco segundos, ainda parada, e depois me movimenteí na direção do barulho, tinha uma arma escondida em um armário falso no corredor,

eu a peguei e, calmamente, para o salto não emitir barulho, eu fui até o quarto.

Não havia ninguém, as vidraças estavam no chão e as cortinas voavam descompensadas. Meus olhos identificaram um vulto e eu disparei, recebendo de volta disparos em minha direção. Eu me protegi com a parede e disparei mais duas vezes na direção do alvo que eu não fazia ideia de quem seria.

Precisava do meu celular para pedir reforço, caminhei apressada na direção do quarto, pegando o celular na bolsa, mas estava sem área.

Dei dois passos para trás, voltando, ficando parada na porta do quarto, não acreditando na cena que via.

— Não é uma boa hora para visitas? — ele perguntou desafiador, enfrentando meu olhar abismado.

— Fora daqui! — disse entre os dentes. — Você não é bem-vindo nessa casa, fora! — Eu gesticulava agressiva, apertando a bolsa em minha mão esquerda.

Ele sorriu, zombeteiro, e sua postura petulante fazia todos os pelos do meu corpo se arrepiarem em

ódio. Mason me encarava desafiador, sentado em uma poltrona perto das janelas com uma postura completamente insolente.

— Gostei daqui, tranquilo, o ambiente.

Ele ignorou minha ordem e por fim me analisou.

— Está de saída? — Cruzei os braços, impaciente com aquele espetáculo, eu deveria presumir que ele não se recusaria apenas a assinar o divórcio, mas também se empenharia em tirar a minha paz. — A essa hora da noite e você se veste para sair assim?

— Eu não te dava satisfações nem quando morava sob o mesmo teto que você, imagine agora que você não faz mais parte da minha vida.

O confronto de minhas palavras era o embate perfeito para seu olhar enraivecido, o fato de ele estar ali me dava a certeza de que seu empenho tinha sido para me deixar longe até o último segundo, e, mais uma vez, ele estava ali, me declarando a vencedora de todo aquele joguinho ridículo.

CAPITULO 18

Seu olhar tentava me intimidar, mas era necessário mais do que aquilo. Mais uma vez, eu me considerava vencedora daquele jogo imbecil.

— Você acha o quê? Que vir aqui à minha casa, quebrar uns vidros e me olhar com essa cara de cachorro louco vai mudar alguma coisa? Você realmente não me conhece nem um pouco?

Ele riu nervoso.

— Você está impiedosamente linda. — Controlei o desejo de querer aquele homem cretino e o afastei de mim. — Mas eu não vim aqui para te dizer algo que você já sabe. Eu vim aqui...

— Você não tem motivo para vir aqui — eu o interrompi, caminhando para dentro do quarto. Meu tom de voz era absurdamente agressivo, eu conseguia transpor a raiva que eu estava dele em meu tom de voz. — Você veio aqui porque é isso que você faz, não respeita o espaço de ninguém. O

Becker quer, o Becker faz. Você não procurou saber se eu queria te ver, se eu deixaria você entrar na minha casa, você simplesmente achou que deveria vir e veio sem se preocupar comigo.

— Você está dizendo que eu deveria pedir permissão para estar aqui? — ele debochou. — O que você pensa que está fazendo com a porra da minha vida? Você manda um advogado na minha casa para informar que seis anos da minha vida vão ser encerrados com uma assinatura em um papel. Você compra uma casa e toca a sua vida, virando a página despreocupadamente. Você acha mesmo que eu ainda teria o bom senso de pedir licença?

Meu impulso foi imediato, meus pés caminharam rapidamente até ele e meus braços atingiram em cheio seu tronco.

— Você é um idiota, Mason! Um idiota! — Eu desferia socos no peito dele, de forma histérica.

Eu estava com raiva, quem era ele para falar da minha vida? O que eu fazia ou deixava de fazer depois da separação, quando na verdade ele era o impiedoso, ele enchia a casa de mulheres, dava festas e orgias sem se preocupar com como que eu

iria sentir.

Ele segurou meus pulsos com força e me chacoalhou, me fazendo parar e encarar seus olhos confusos e cheios de dor.

Balancei a cabeça, tirando os cabelos grudados em minha boca enquanto respirava fundo olhando para ele, parecia que eu iria explodir de tanto que eu o fulminava com o olhar.

— Eu. Odeio. Você — disse pausadamente, sem desviar meu olhar do dele.

— Infelizmente, eu não consigo sentir metade disso por você, e é por isso que eu estou aqui!

Mason me arrastou para o quarto onde eu dormia, eu tentava não o acompanhá-lo, mas ele me forçava a segui-lo. Mesmo com os meus chiliques, ele ainda conseguia me conter e me levar para onde queria.

— Eu cansei. Simplesmente cansei, eu aceitei tudo, eu deixei você fazer as coisas do seu jeito, eu deixei que você conduzisse toda a situação para saber até onde você ia com esses seus caprichos. Mas olha o que você fez, Cassidy. Você está arruinando a sua vida, a minha vida, você está

acabando com tudo — ele disse nervoso.

— Você é o único culpado por todas as minhas atitudes! Se você tivesse assinado o divórcio seria tudo mais fácil.

— Você acha que vai ser assim? Que vou te dar o divórcio e vamos seguir a vida como se nada tivesse acontecido? Eu tentei te ver bem, eu tentei deixar você se afastar. Nós precisávamos desse tempo e você decide que um divórcio é a solução?

— Você estava se acabando em festas, mulheres, toda aquela nojeira em que tornou a sua casa, e queria que eu te mandasse flores, em vez de um pedido de divórcio?

— Nossa casa — ele corrigiu. — Eu estive, sim, metido em festas, rodeado de mulheres e organizando muita coisa que você odeia, mas nunca teve outra no seu lugar. Eu não estive com mulher nenhuma, como você, que passou todos os seus dias grudada no filho da puta do Brian. Ou você acha que eu não ficava sabendo que até dormir com você ele dormia?

Gargalhei, completamente desequilibrada.

— Eu já te disse uma vez e vou dizer outra,

mesmo não te devendo satisfações do que faço ou deixo de fazer. Eu nunca tive nada com o Brian. — Ele bateu a porta do quarto, me empurrando para cima da cama. — E mais — retomei a fala. — Você não precisa mais assinar o divórcio, agora a papelada vai sair automaticamente. Se o seu medo para não ter assinado o divórcio for dinheiro, fique tranquilo, eu abri mão de tudo, inclusive do meu cargo na empresa, e essa casa consegui com a herança que o meu pai deixou.

— Então você acha que o real motivo pra eu não ter assinado aquela porra é por causa do dinheiro? — Dei de ombros, fingindo não me importar. — O real motivo por eu não te assinado aquela merda, Cassidy, é que eu não posso e não consigo viver longe de você.

— Eu não me importo nem um pouco com o que você consegue conviver, eu estou suportando tudo, sei tudo o que você está fazendo naquela casa. Sei onde Bruna está e, quer saber? Não é tão ruim quanto parece, você vai se acostumar, caso me veja com outro! — gritei nervosa, perdendo a linha.

— Eu não tenho nada com a Bruna, nada mesmo!

Desde que você saiu daquela casa, eu tenho dado festas frequentes, mas nenhuma mulher esteve comigo ou entrou naquele quarto, Bruna só tem me ajudado.

— Sério? A ajuda configura nela andar seminua o dia todo pela casa? — Ele parecia desarmado. — Não ache que eu sou idiota, Mason. Eu sei de tudo, as coisas chegam até mim mais rápido do que você imagina, da mesma forma que chegam até você.

— Está com raiva de mim pelos trajes da Bruna? E você e Brian, que parecem o mais novo casal de Atlanta? Sei que ele não sai do seu rastro. Cassidy, eu não posso suportar, eu estou ficando louco, se você não for minha, não vai ser de mais ninguém. Eu cansei dessa de te ver com outro.

— Você não pode dizer de quem eu sou ou vou ser, porque antes de me fazer sua, eu sou completamente minha e, se eu te dei, eu tiro! E você não cansou de me ver com outro. Está assim só porque está vendo que perdeu de vez. — Ele socou o espelho do quarto, o quebrando em pedaços. Assustei-me e fiquei estática. — Chega de palhaçada. — Eu me levantei da cama. — Você

está descontrolado, vai embora.

— Ainda não terminei de falar com você!

— Não quero saber, você está na minha casa, fora! — gritei nervosa, apontando a porta.

— Você vai ter que me ouvir — ele disse, trincando os dentes.

— Eu não vou ouvir merda nenhuma, já ouvi coisa demais de você e garanto que nunca vai ter reparo pra tudo o que você me disse... Vai embora, Mason, agora!

— Eu ainda tenho muita coisa pra falar com você, porra! — gritávamos feito loucos.

— Foda-se, só te escuto no tribunal, perante um juiz ou alguém que me dê a segurança de que você não irá fazer nada comigo.

— Você acha que eu seria capaz de te machucar?
— Os olhos dele estavam marejados.

O que eu estava fazendo?

— Eu... Eu...

E eu não conseguia finalizar nada com clareza, eu me sentia abalada, mas não conseguia demonstrar. Minhas palavras o atingiam com intensidade, a

cada frase dita, ele demonstrava o quanto estava derrotado.

— Pois não deveria, eu sou capaz de acabar com a vida de qualquer um que fizer mal a você, mas eu nunca seria capaz de colocar um dedo em você para te fazer mal.

— Mason, essa história já acabou, por favor. Vai embora, toda vez que nós temos discussões como essa os desfechos não são dos melhores, é melhor você ir pra sua casa.

— Cassidy, eu não suporto mais, não consigo mais viver naquela casa. Eu saí pra dar uma volta, tomar alguma coisa, pra esfriar a cabeça, e vim parar aqui. Tudo o que eu faço me leva a você. Eu não aguento mais, você não pode fazer essa tortura comigo. Minha vida parece uma prisão.

— Se sua vida é uma prisão, por que não se liberta? Estou te dando essa chance, estou me separando de vez de você para te deixar livre, você vai poder fazer o que quiser, será um homem desimpedido.

— E você?

— Vou tentar a felicidade em outro lugar.

— Com outro homem? — Ele riu. — Só por cima do meu cadáver!

— Você não tem mais nada a ver com a minha vida desde o dia em que saí da sua casa, desde o dia em que me disse aquele monte de coisas que não saem da minha cabeça nenhum dia sequer. Eu deito minha cabeça no meu travesseiro e só escuto sua voz dizendo tudo aquilo.

— Eu tenho tudo a ver com a sua vida desde o dia em que te fiz minha, desde que você entrou na minha vida.

— Eu não sou um produto pra você achar que tem posse sobre mim, lembra, Mason! Tem outro na parada que está disposto a me fazer feliz de qualquer jeito, e eu não vou ficar me lamentando por ter te perdido, porque, aliás, eu nunca te tive. — Eu falava como se Brian e eu estivéssemos tendo algo, mas tudo o que ela estava fazendo era me ajudar a curar aquela ferida.

— Você é minha, sempre foi minha e não vai ser de mais ninguém! — ele gritou.

— Diferente de você, ele realmente me ama, ele realmente gosta de mim. — Ele gargalhou.

— Você se ilude fácil, né?

— Eu me iludo fácil? Seu filho da puta! Ele me ama bem mais do que você, ele sim me ama, Mason! Então, era por você ser assim, no estado que você está hoje, era por você ser desse jeito nojento, ridículo. Bem que você disse, eu nunca fiz parte da sua realidade, porque sua realidade é ser amargo e maldoso, como está hoje, e não foi por isso que me apaixonei, foi pela ilusão de te ver mudar. Mas você não muda, você é isso o que mostra ser. — Ele encarou o chão de forma vergonhosa.

— Acha que foi fácil, pra mim, aceitar que você e Brian podem, sim, construir algo, porque eu não sou bom o suficiente pra você?

— Eu nunca tive nada com o Brian, você me desrespeitou, conseguiu me destruir com aquelas palavras. E a única pessoa que esteve do meu lado, para não me deixar afundar mais, foi ele, e mesmo você achando que nós estamos tendo algo, ele nunca sequer mencionou estar tendo segundas intenções. E se eu pudesse, se conseguisse, juro que trocaria tudo o que sinto por você pra sentir algo

pelo Brian.

— Cassidy... — Então, pela primeira vez, ele parecia arrependido. — Eu estava nervoso, de cabeça quente. Falei muita merda, aquela semana estava difícil pra mim. Depois de um tempo vocês estavam mais juntos do que o normal, eu sei que ele passa mais tempo com você do que na casa dele. Vocês estão sempre juntos, você quer que eu pense o quê?

— O mesmo que eu penso quando vejo a sua casa do jeito que tem estado ultimamente.

— Cassidy, eu juro, nunca tive nada com ela. Só quero que você entenda que não somos mais crianças, podemos resolver isso de forma decente. Agora, nada do que eu pensei no caminho vindo pra cá faz sentido, você está decidida, é isso o que você quer, e eu não vejo nenhum pingo de dúvida em nenhuma atitude sua. Eu pensei que resolveríamos as coisas da melhor forma. — Ele riu. — Olha a que ponto cheguei, pensando formas de como me desculpar, para tudo ficar bem.

— Ok. Então abre essa porta e vai embora — eu disse contrariada, com o orgulho ferindo minha

alma, mesmo não querendo que ele fosse embora.

— Tudo bem. — Ele parecia derrotado.

E mais uma vez estávamos longe de nos acertar.

Mason abriu a porta e eu demorei um tempo para perceber que ele realmente estava indo embora. Eu caminhei devagar, o seguindo através do corredor, com o choro preso em minha garganta. Ele pestanejou um pouco e, quando me olhou mais uma vez, seus olhos suplicavam.

— Eu não posso deixar você ir, Caissy — ele sussurrou com um tom quase desesperado. — Eu não posso te perder outra vez. Eu errei, mas não posso mais deixar que você fique um minuto longe de mim.

— Mason... Vai embora — disse com dificuldade, fechando os olhos, me encostando ao batente da porta, perdendo minhas forças.

— Então olha nos meus olhos. — Ele estava bem próximo quando abri olhos. — Diz, olhando nos meus olhos, que tudo isso acabou, que você, de verdade, quer que eu suma. Eu não consigo falar, mas se for verdade esse desejo de me ver longe me fala e aprendo a definitivamente viver sem nós.

Eu tinha uma batalha interna instalada dentro de mim.

— Me deixa em paz, Mason. Acabou, você quem quis assim. — Fiz o maior esforço para afastá-lo, mas aquilo foi em vão, não fui forte o bastante.

— Não posso. Eu não posso, Caissy. — Os lábios dele esbarraram ofegantes nos meus. Eu continuei calada, enquanto ele me implorava desesperado para que não o rejeitasse, minha razão gritava, me condenando, mas meu corpo e todo o resto de mim o queriam. — Eu preciso de você pra me acalmar, preciso de você pra viver. Você é minha, Caissy, sempre foi. — Ele levou os lábios até meus ouvidos, sussurrando essas palavras, fazendo com que eu perdesse a razão.

— Mason... — Minha voz estava falha, quase que não saía.

— Eu quero você, eu preciso de você, quero você inteiramente pra mim. — Ele mordeu os lábios, minhas costas estavam coladas na parede. Mordeu meu queixo, subindo o caminho de seus lábios até os meus, e pressionou os lábios bem no canto da minha boca, me fazendo arfar. Minha respiração

estava totalmente descompensada, quando ele roçou os lábios nos meus.

Ele ficou me encarando, milímetros longe de minha boca, esperando por qualquer rejeição minha, mas eu não podia, não conseguia, era mais forte que eu. Minhas mãos subiram em sua nuca, o puxando para mim, e eu o beijei, beijei como se fosse a primeira vez, com desejo, intensidade. Como se ele me tocasse pela primeira vez, como se eu tivesse que me entregar pela primeira vez. Seria insano, era irresponsável a forma como eu era dependente dele, como ele era droga para o meu corpo. Como eu não conseguia me controlar. Era amor, desejo, fogo, paixão, alma, corpo, sentido, sentimento... éramos apenas eu e ele.

Sentia calafrios enquanto ele brincava com meu pescoço, causando sensações. As mãos dele tiraram o penhoar que,, eu vestia e eu facilitei erguendo os braços para que ele se livrasse dela.

— Mason, acho melhor você parar! — Eu o afastei um pouco, com as mãos espalmadas no peito dele. Eu estava completamente vidrada, pronta para ser tomada por ele, pronta para tê-lo

para mim outra vez, não sabia o que estava falando. Minha cabeça dizia uma coisa, mas meu coração e meu corpo pediam outra completamente diferente.

— Não negue algo que você quer tanto quanto eu, Caissy.

Seus lábios encontraram os meus em um momento de desespero, precisando do beijo dele para me acalmar, querendo a boca dele na minha para acalmar as batidas descompensadas que meu coração dava ao sentir o toque dele em minha pele. Ele desceu as mãos por minhas costas e, depois, elas pararam em minhas coxas, me dando impulso para que subisse em seu colo. Ele caminhou comigo até alguma superfície sólida que pudesse me colocar em cima, quando seus joelhos chocaram com a mesa de canto.

— Mason, por favor — pedi entorpecida, confusa com as reações e sensações. Agitando meu corpo, mas de nada adiantou. Mason continuou e eu não impedi, porque no fundo era dele que eu precisava. Ele era tudo o que eu queria no momento. Tê-lo, senti-lo...

— Seja minha — Mason pediu.

As vibrações do meu corpo se intensificaram e ele aumentou o ritmo. Meus músculos se contraíram fortemente de uma vez só e parecia que eu tinha perdido minha consciência por alguns segundos. Meu corpo estava completamente suado, minha respiração fora do eixo... *eu* estava fora do eixo.

— Eu te amo, Caissy — ele disse com a respiração ofegante próximo ao meu ouvido. — Era isso que queria ouvir? Eu te amo. — Arregalei os olhos, sentindo as batidas rápidas que meu coração dava, parecendo que iria rasgar meu peito e pular para fora. — Eu te amo, te amo, te amo mais do que tudo nesse mundo. Eu senti falta disso. — Ele encostou a testa suada na minha. — Senti falta de visitar o paraíso por alguns instantes.

— Eu também te amo, Mason. Mais do que você pode imaginar — disse me ajeitando para olhá-lo. Ele sorriu, me puxando para ficar de pé.

Precisava urgentemente de um banho, mas não tinha capacidade de chegar sozinha ao banheiro, minhas pernas tremiam e falhavam como se eu tivesse feito horas seguidas de exercícios físicos

severos. Mason me acompanhou no banho, passando a maior parte do tempo em silêncio.

Depois de toda a tempestade, finalmente a calmaria. As coisas pareciam no lugar, eu sentia que por fim o universo tinha se alinhado a nosso favor.

Mason abandonou o banho primeiro que eu, quando eu saí, ele estava largado na cama, encarando o teto. Eu vesti uma camisola e me juntei a ele, não queria ficar nem mais um segundo longe.

— Caissy — ele chamou minha atenção e eu o olhei. Ele molhou os lábios involuntariamente e parecia nervoso. — Ninguém aparece na vida de ninguém por acaso, os caminhos não se cruzam sem motivos, acho que com a gente foi assim. Você sabe que mesmo que eu deseje que você suma da minha vida, mesmo que eu faça um monte de merda, nós sempre vamos voltar nisso. Nós sempre vamos estar assim. E se você nasceu pra ser minha, eu não vejo o porquê de estarmos separados. Eu sei que errei, que disse coisas que te ofenderam, mas errar é humano e ainda mais eu, que já sou errado

desde que nasci. — Ele sorriu, não fazendo ideia do que estava falando, ele era péssimo com isso, mas estava tentando. — Volta pra mim? — Respirei fundo.

— Está me pedindo desculpas? — Eu me ajeitei na cama, apoiando meus braços no tronco dele.

— Não, não é desculpa, é...

— É o que, então? Não acha que mereço desculpas? — perguntei séria.

— Pô, Caissy, não complica! — Eu queria poder falar tudo o que estava sentindo, tudo que estava pensando, mas não consegui. Foi mais forte que eu, a única coisa que consegui fazer foi erguer o lençol e correr para o banheiro, antes de jogar tudo para fora.

Foi só o tempo de chegar até a privada e pronto. Senti tudo escurecer e me segurei na pia do banheiro, levantando meu corpo. Mason já estava na minha frente.

— Caissy, isso foi por tudo o que eu falei? Você está se sentindo bem? Quer ir para o hospital? — Ele voltou para o quarto, em busca das roupas.

— Não precisa, Mason. — Voltei para o quarto

recuperada. — Eu já sei o que me fez mal, comi um lanche meio suspeito, gordurento.

— Suspeito?

— Mason, eu estou bem, juro. Não estou precisando de um hospital. — Fui interrompida pela campainha.

Mason franziu a testa, ele não precisou perguntar, mas eu podia imaginar quem ele achava que era. Foi então que lembrei que as meninas me esperavam para a despedida.

— Acho que é a Claire, ela vai me matar — murmurei.

Eu já estava completamente destruída para a festa, meus cabelos estavam molhados e a maquiagem saiu no banho.

Eu descí as escadas correndo e Mason ficou deitado, estava com medo do que iria ouvir, abri a porta sem verificar quem era, dando de cara com dois policiais.

— Boa noite, senhorita — os dois falaram juntos.

— Boa noite — disse engasgada.

Mason ouviu as vozes e, quando vi, ele estava atrás de mim.

— O que está acontecendo? — ele perguntou curioso.

— Recebemos uma ligação dizendo que foram escutados gritos de briga vindo dessa casa e que um homem estranho estava andando em uma das sacadas. Está acontecendo alguma coisa?

— Uau! — Mason me encarou risonho. — Cassidy se mudou recentemente pra cá e estávamos acertando algumas coisas, mas nada de errado, não é, querida?

— Vocês têm certeza de que está tudo bem? — o guarda perguntou diretamente para mim.

— Está sim. — Sorri sem graça. — Não fomos cautelosos com os barulhos, esquecemo-nos do horário. — Puxei Mason para um beijo rápido.

— É, peço desculpa por ter incomodado os vizinhos e os senhores — Mason disse agarrado à minha cintura.

— Tudo bem, nós que pedimos desculpa por interromper.

— Não foi nada. — Sorri simpática.

Mason me puxou para dentro, fechou a porta, e no segundo seguinte não pude me conter e caí na

gargalhada. Ele me acompanhou.

— Olha o que você fez! — eu o repreendi. — Assustou os vizinhos!

— Você que se muda pra um lugar que tem uma vizinhança fofoqueira e eu sou culpado? — Revirei os olhos.

— Você vai voltar pra casa comigo, não vai? — ele mudou drasticamente o assunto, me pegando de surpresa. — Você está arrependida do que fizemos?

— Por que isso agora?

— Eu já pedi desculpas por tudo o que eu fiz, já reconheci meu erro. Só quero saber.

— Mason, as coisas não se resolvem assim, uma transa e pronto, tudo está de volta no lugar.

— Caissy, eu não quero passar por isso de novo.

— Nem eu.

Um barulho de alerta de mensagem tocou no celular, não era o meu, porque o meu celular estava próximo e não tinha acendido a tela.

Era o dele, que estava bem ao lado do meu pé, me abaixei, peguei o celular e sem rodeios li a mensagem, que era do Dylan.

“E *ae*, Drew, onde você tá, parceiro? Hoje é a

despedida do Chris e só tá faltando você, porra!”

E não teve como não ler, involuntariamente, quando me condenei, já tinha lido todo o recado.

— Seu celular. — Eu devolvi o aparelho um pouco sem graça.

— Já sei quem é, eu não vou. Você está passando mal, não vou te deixar aqui sozinha, eu não posso.

— Revirei os olhos, achando-o um pouco exagerado.

— Eu não estou dormindo bem, estou me sentindo muito cansada nos últimos dias. Não se preocupe, amanhã mesmo eu tenho uma consulta que a Emilly agendou com uma amiga dela. Ela acredita que estou com anemia, ou alguma falta de vitamina.

— Tem certeza? — Ele me encarou preocupado.

— Sim! — Eu me aproximei, segurando o rosto dele entre minhas mãos, depositando um selinho em seus lábios entreabertos. — Você já tinha combinado com eles, é a despedida do Chris, não é justo, eu vou ficar bem, prometo.

— Mas, por via das dúvidas... — Ele se distanciou e começou a se vestir. — Eu vou deixar

o Jaden lá fora, vigiando, e se você sentir qualquer coisa diferente, me liga, que peço pra ele te socorrer até eu chegar aqui. Certo?

— Não vai acontecer nada, eu já estou bem melhor. Qualquer problema, eu te ligo.

— Caissy...

Eu o beijei mais uma vez, o contrariando, tentando convencê-lo de que eu realmente ficaria bem.

— Eu vou, mas, assim que der, te ligo, e me mantenha informado até sobre os espirros que você der. — Ele me beijou mais uma vez e já estava completamente vestido, inclusive com os tênis.

— Vai. — Eu o impulsionei na direção da porta.

— Eu te amo — ele sussurrou, me dando o sorriso mais lindo do mundo.

— Vai logo — disse rindo, e ele se foi, mas contrariado, e eu pude ouvir a voz dele falando ao celular enquanto descia as escadas, dizendo que já estava a caminho.

CAPITULO 19

Eu coloquei algumas coisas no lugar depois que Mason se foi. Quando acabei, vi no relógio que já se passava de uma hora da manhã. As horas de sono que eu mais precisava havia perdido e eu ainda estava sob efeito da adrenalina que vivi com Mason, quando ele chegou, não conseguia pregar os olhos.

Fiquei deitada, encarando o teto, e em algum momento, depois de muito tentar, acabei pegando no sono. Quando acordei, foi bem em cima da hora para a minha consulta. Pulei da cama, vesti um moletom, calcei um par de tênis e preendi meu cabelo em um rabo de cavalo, minha bolsa estava no carro. Antes de sair, peguei uma fruta e fui correndo para não me atrasar. Quando cheguei ao hospital, estava quinze minutos adiantada.

No meu celular tinha umas chamadas e umas mensagens de áudio do Mason, ele tinha ficado de me ligar e ligou. Eu não entendi muito o que ele

dizia nos áudios, o barulho atrapalhou e a voz dele estava um pouco arrastada, eu estava sozinha na sala de espera, sorrindo à toa, ouvindo as baboseiras que Mason havia gravado no meio da noite. Ele era completamente louco e eu era apaixonada por aquelas loucuras.

Tinha agendado aquela consulta para o primeiro horário na parte da manhã porque eu sabia que, depois que me encontrasse com as meninas, eu não teria mais tempo para nada. Estava ali mais por insistência, Emilly pediu tanto para que eu fizesse uns exames, que não tive como negar. Talvez ela tivesse um pouco de razão, minha rotina estava prejudicando minha saúde e eu precisava me cuidar mais.

— Cassidy Andrew Becker. — Ouvi meu nome e imediatamente fiquei de pé, indo em direção à Dra. Juliana.

Ela era uma amiga de Emilly e me concedeu aquele horário para fazer a consulta.

— Oi, tudo bem? — ela disse simpática. — Sou a Juliana.

— E eu sou a Cassidy. — Sorri.

— A Emilly pediu para que eu te atendesse.

— Sim, ela insistiu para que fizesse uns exames, sabe como ela é superprotetora, está preocupada com a rotina intensa.

— Mas ela tem razão, Cassidy, às vezes temos tantas coisas para fazer e nos esquecemos de nos prevenir e de cuidar da nossa saúde. Mas, vamos lá, me acompanha até o meu consultório.

— Sim, claro. — Ela apontou com a mão para que eu fosse à frente, o consultório era a terceira sala depois da de espera.

Eu nem me lembrava de qual tinha sido a última vez que tinha ido ao médico. Respondi as perguntas que ela me fez e as questões sobre a gestação e o parto foram as que mais me senti desconfortável em responder, mas ela precisava do máximo de informações sobre o meu organismo, além dos exames.

— Cassidy, como aqui é hospital traumático, creio que os seus exames ficam prontos no máximo em três dias, mas até disso a Emilly já cuidou. — Ela riu.

— E quando eu estiver com os exames eu

retorno?

— Sim, por favor. Eu vou ter uma cópia no sistema e somente com os exames vou poder te dar uma resposta concreta, não gosto muito de suposições.

— Mas você suspeita de algo?

— Vamos esperar os exames, certo? — Eu não estava contente com aquela resposta.

— Tudo bem, e onde eu faço esses exames? — Ela riu.

— Você pode se dirigir até a enfermaria, aqui estão as guias do que vou precisar. — Ela me entregou uns papéis.

— Então por hoje é só?

— Sim. — Ela sorriu simpática e eu estendi a mão para cumprimentá-la.

— Foi um prazer enorme te conhecer.

Quando deixei o hospital, meu celular tinha umas quatro chamadas perdidas, todas de Claire. Eu não estava atrasada, mas ela me ligava e mandava mensagens como se já estivesse na hora do casamento. Tínhamos marcado às nove no ateliê, eu voei pra lá e, quando cheguei, todas elas já estavam

lá.

— Pensei que nem seu vestido você fosse vir buscar, não atende mais as minhas chamadas? — Claire disse espevitada assim que entrei.

— Bom dia para você também, Claire. Marcamos às nove, meu bem. E agora. — Olhei no relógio do meu celular, em minha mão. — Agora, exatamente agora, acaba de completar 09h da manhã.

— Não liga, Caissy, ela está uma pilha de nervos e está descontando em todo mundo os dois quilos que ganhou. Mas, amiga, já te disse, isso é normal, tem dias que estamos mais pesadinhas mesmo — Melissa tentou apaziguar.

— Melissa, você está dizendo que eu estou pesada?

— Claire, meu Deus, para de ser implicante. Olha, Caissy, ainda bem que você chegou, eu não tenho mais paciência.

— Meninas, sério, ainda está muito cedo para começar essa troca de farpa.

— Eu também acho — Emily disse, saindo de um dos provadores.

— A intrusa querendo dar opinião no trio —

Claire resmungou, mas Emilly fingiu que não era com ela e veio me cumprimentar com um abraço.

— E aí, deu certo?

— Sim, só estou esperando os resultados e parece que doutora já até marcou a data de pegá-los. — Ela sorriu.

— Se não é pra ser eficiente, eu nem faço. — Ela deu de ombros, me jogando um beijo.

— Quem é a próxima? — a moça que estava fazendo os últimos reparos no vestido de Emilly perguntou. Eu resolvi me candidatar, porque sabia que Claire estava de péssimo humor e não faria nada de espontânea vontade.

Meu corpo não tinha mudado desde a primeira prova do vestido, na verdade, foi até preciso dar mais uma ajustada para que ele ficasse colado ao corpo. Cada vestido tinha um modelo diferente, mas todos eram da mesma cor. Melissa escolheu os modelos e Claire os desenhou, eu tinha gostado muito do tecido no meu corpo, escarlate era uma cor que ficava muito bonita em mim. Tirei o vestido para fazer os ajustes e vesti um roupão, preparado especialmente para as madrinhas da

Melissa.

Foi quando Deborah chegou, e não chegou sozinha.

— Meu Deus, justo hoje começou a ter problemas. — Ela entrou afobada, com Mason a seguindo.

— Deborah? — Melissa disse surpresa.

— Meninas, acreditem se quiserem, mas tentei usar meu carro hoje cedo e não pegou. Ainda bem que o Mason estava de saída e me deu uma carona até aqui. — Ele segurava umas caixas e pareciam pesadas, os óculos escuros cobriam seus olhos, que provavelmente denunciavam uma grande ressaca.

— Nossa, falando assim nem parece que tem mil carros na sua garagem! — Claire disse sendo mais uma vez a chata.

— Oi, Mason. — Melissa acenou, não dando importância para o que Claire dizia.

— E aí, barrigudinha? — Ele deu um meio sorriso para ela e entregou as caixas a um vendedor do ateliê.

Eu estava feliz de vê-lo ali, mas não sabia como agir na frente de todo mundo, eu nem tinha tido

tempo de contar o que aconteceu na noite passada para as meninas.

— Mãe, você quer que alguém venha te buscar?
— ele perguntou sério.

— Eu acho que posso pegar uma carona com uma das meninas.

— Eu estou de carro, Deborah. Te levo pra casa.

— Está vendo? Minha ex-nora é muito prestativa.

— Deborah sorriu amarga e eu quis rir, mas me segurei, e Mason também.

— Então eu estou indo nessa, ainda vou encontrar o Nate — como se estivesse me avisando, ele disse em voz alta.

— Tudo bem, filho. Obrigada pela carona.

— Por nada — ele murmurou.

— Mason, manda um beijo para o meu gordinho
— Claire pediu, mas ele não a respondeu.

Foi embora!

Ele não me cumprimentou, nem se despediu. Pudera, deveria estar se sentindo do mesmo jeito que eu, sem nem saber o que fazer.

— Onde é o banheiro? — perguntei para a

costureira, que ajeitava meu vestido.

— Só você seguir o corredor, sentido contrário à saída, é a terceira porta à esquerda.

— Obrigada. — Foi a desculpa mais rápida que encontrei para ir atrás dele.

Saí apressada para alcançá-lo, Mason já estava quase saindo quando eu o puxei pela mão, o trazendo para um canto.

— Eu não me aguentei. — Colei meu corpo no dele e ele mordeu os lábios, balançando a cabeça. — Não poderia deixar você ir embora sem antes ganhar um beijo, pelo menos. — Ele riu pelo nariz e eu pressionei meus lábios nos dele.

— Foi ao médico?

— Sim. — Balancei a cabeça, reforçando.

— E aí?

— Ela não quis dar um diagnóstico, disse que vai esperar os exames para uma nova consulta.

— Entendi, e hoje você está melhor?

— Sim, não passei mal. Não tenho muita coisa no estômago pra pôr pra fora, comi uma fruta antes de sair. — Ele me abraçou e depositou um beijo em

minha testa.

— Você precisa se cuidar, isso me preocupa.

— Eu sei, estou tentando.

— E o departamento?

— Ainda estou suspensa, o Thomas disse que qualquer novidade me avisa, mas nada ainda. Estou tentando me desligar desse assunto, quero focar no casamento e nesse fim de semana, semana que vem, talvez, pode ser que eu volte a esquentar a cabeça com isso.

O celular dele apitou e ele respirou fundo, impaciente, levantando levemente meu queixo com o dedo.

— O que eu mais queria era passar o meu dia, o resto dos dias, com você, mas o dever me chama.

— Mason encostou os lábios, lentamente, nos meus, sugando o inferior, me fazendo arfar.

— Vai me buscar à noite?

— Não vai dar. — Ele mordeu os lábios.

— Por quê?

— Vou ter que ajudar o Chris a se arrumar e eu tenho certeza de que ele não vai ficar tranquilo até

o altar, ele já estava uma pilha de nervos ontem. — Mais uma vez o celular dele vibrou. — Está vendo? Isso já é o Nate dando a louca.

— Meu Deus, estou perdendo feio para os meninos! — Ele riu.

— Jamais. — Ele me beijou outra vez. — Você já ganha deles só em existir — ele disse, antes de sair me fazendo rir.

Eu me sentia leve, só de estar um pouquinho com ele já me sentia bem. Minha desculpa para deixar a sala foi ir ao banheiro, mas, quando voltei, era esse caminho mesmo que eu estava seguindo, mas fui interrompida por uma enxerida.

— Cassidy, amiga, o banheiro é para lá não, pra cá.

— Ah, eu errei a direção. — Sorri sem graça.

— Que bom, né? Quero errar a direção e ganhar beijos estalados e apaixonados também.

— Você estava me vigiando?

— Querida, faz duas horas que você saiu pra ir ao banheiro, fui conferir se você não tinha sido engolida, mas parece que errou o caminho do banheiro, e errou feio. O que você viu nele, hein?

— Sorri abertamente.

— Nós voltamos.

— Jura? Nem percebi.

— Ninguém sabe ainda, não tivemos tempo de contar.

— Se você não me contar tudo, detalhe por detalhe, pode saber que a dona Deborah vai ficar sabendo de tudo que vi aqui. — Revirei os olhos.

— Eu não tenho nada pra esconder dela, mas se quiser contar... — Dei de ombros.

Saí andando na frente, na verdadeira direção do banheiro, e ela veio atrás, fazendo mil perguntas.

— Me conta, você não foi atrás dele, não é? Você não deu o braço a torcer, deu? — Eu entrei em uma cabine e ela continuava a falar sem parar.

— Claire, foi simples, quer dizer, mais ou menos... ele foi até minha casa e conversamos, do jeito do Mason, mas conversamos.

— Então vocês se resolveram de vez?

— Parece que sim, por enquanto, sim.

— Meu Deus, por que você não consegue me dar uma resposta concreta?

— Porque não existe uma resposta concreta recheada de informações para você, Claire. Estamos sim, juntos, e eu não vou entrar em detalhes, mas estamos juntos, a noite foi boa e eu estou feliz.

— Vocês são loucos, meu Deus. Vocês são loucos. Olha, conseguiram, meu mau humor acabou. Meu Deus, tenho um motivo para comemorar. Eu não vou muito com a cara dele, mas não vou negar estava, o ó te ver sozinha.

— Como você é dramática, querida.

— Tudo bem, Cassidy — ela disse totalmente séria. — Agora que você já resolveu a sua vida, vamos, pelo amor de Deus, focar nesse casamento, porque nem despedida de solteira conseguimos fazer para a Melissa, então temos que fazer aquele casamento ser o melhor de todos. — Ela abriu a porta do banheiro, saindo na frente.

— Onde vocês estavam? — Deborah saiu do ateliê, nos encontrando no meio do corredor.

— Eu estava no banheiro. Pergunta para a Caissy onde ela estava. — Claire saiu debochada e Deborah ficou sem entender.

— Onde você estava?

— Deborah, você ainda dá ouvidos para essa maluca? — disse rindo, voltando para o ateliê.

Melissa e Claire, durante a tarde, tinham entrado em várias discussões, Melissa estava uma pilha de nervos e Claire não queria assumir que todo aquele mau humor era resultado de ciúmes e insegurança. Ela provavelmente teria que encontrar uma colega de quarto nova ou se acostumar a ficar sozinha, Melissa iria morar com Chris depois do casamento. Deborah tentou apartar uma das discussões, mas não teve muito sucesso, elas discutiam pela cor da decoração do casamento, com a qual, de última hora, Claire resolveu implicar.

Eu resolvi ficar na minha, Emilly teve que ir para o hospital e nos encontraríamos à noite, na festa. Estava com os pensamentos longe, tudo estava perfeito. Depois de muito tempo, aquele vazio dentro de mim estava sendo aniquilado, mas lá no fundo uma saudade intensa ainda me corroía. Se Julie estivesse aqui, ela provavelmente seria a noivinha de Melissa, ela provavelmente estaria fazendo a nossa alegria. Eu perdia horas

imaginando como estaria aquele rostinho, se ela ficaria mais parecida com o Mason ou comigo, eu fechava os olhos e conseguia sentir o cheirinho dela, ouvia aquele chorinho e lembrava a sensação de tê-la em meus braços.

— Cassidy? Cassidy, você não está me ouvindo falar? — Deborah chamou minha atenção. — Você vai lá pra casa? — Deborah disse, me entregando a caixa com meu vestido dentro, já estavam todos prontos.

— Tudo bem, pode ser. — Forcei um sorriso, tentando me situar no que ela dizia.

— Você está bem? — Sacudi a cabeça positivamente e saí andando na frente enquanto elas vinham atrás, tagarelando sem parar.

Elas foram no meu carro até a casa de Deborah. Quando chegamos, Melissa foi para um quarto particular e nós ficamos reunidas em outro quarto, ela precisava relaxar. Comecei a me arrumar primeiro, eu não tinha paciência para aquele dia de beleza.

Sentei-me na maca para fazer massagem e tirei minha blusa, ficando só de sutiã.

— O corpo que todos desejam — Claire comentou quando tirei a roupa, ficando de calcinha e sutiã.

— Conta a dieta pra gente, mulher — o cabelereiro disse instigando, ele estava lavando o cabelo de Claire.

— Não tem dieta.

— A detetive tem tudo definido, genética boa. Já eu, se como um bolinho, tenho que me matar de correr na esteira.

— Cassidy, mas conta pra gente, você já matou alguém? — Por um momento eu travei.

Aquela pergunta era pertinente, eu nunca tinha matado ninguém. Mas efetuei disparos contra alguns suspeitos.

— Não, o departamento é bem calmo, ainda não tive nenhuma situação de óbito. — Tentei ser o mais breve possível.

— Ah, gata, não esconde o jogo, fala a verdade pra gente. — Relaxei meu corpo, para a massagista continuar a massagem.

— Não tenho muito o que falar, a maioria das coisas é sigilosa.

A tarde tinha se resumido àquilo, nós nos arrumamos juntas e jogamos muita conversa fora. Meu cabelo deu trabalho, não queria enrolar de jeito nenhum, estava no momento rebelde. Quando eu decidi prender, já estava um pouquinho tarde, então o cabelereiro fez um coque simples, que também ficou bom.

A família da Melissa já estava começando a chegar, quando Claire e eu ficamos completamente prontas. Mason e os meninos chegaram e se trancaram no quarto ao lado, onde era o meu quarto e o de Mason, passei por cima da minha vontade de ir lá dar um beijo nele e fui terminar de me arrumar. Tinha muita gente para se arrumar a mansão estava ficando muito cheia, achei melhor ir terminar de me arrumar com mais tranquilidade na minha casa..

O luar estava lindo, o céu, bem estrelado, e a lua estava generosa, brilhando por completo. Fiquei da janela, admirando de tudo um pouco, e depois voltei a me arrumar. Olhei-me no espelho e gostei do que via, estava cheia, mas até que o vestido tinha ficado bonito no meu corpo. Peguei um anel

que o Mason tinha me dado na caixinha de joias e o coloquei em meu dedo. Eu estava ansiosa para me encontrar com ele, para tê-lo perto de mim outra vez.

Estava quase atrasada quando a companhia tocou.

Não estava esperando por ninguém.

— Já vai! — gritei, descendo as escadas com cuidado, e, quando abri a porta, encontrei Brian. — Brian? — disse surpresa.

— Uau! — Ele me olhou de cima a baixo e não conteve o elogio. — Você está incrível. — Sorri sem graça.

— Você também não está de se jogar fora. — Ele sorriu.

— Posso entrar?

— Claro. — Dei passagem para ele e depois fechei a porta atrás de mim.

— E aí, tudo pronto? — ele perguntou, se sentando no sofá.

— Sim, acho que já estou pronta.

— Então... Será que eu posso ter a honra de te levar ao casamento?

— Mas é claro!

— Ufa, não é querendo ser chato, eu sei que isso é normal, mas você é madrinha e está atrasada.

— Eu sei. — Gargalhei. — Já estou indo, deixa só eu pegar meu celular e fechar as janelas.

Eu demorei um pouco para chegar ao andar de cima, tinha que segurar a barra do vestido para subir e descer. Fechei tudo com pressa e dei uma última checada na frente do espelho, para ver se estava tudo em ordem. Peguei meu celular e estava pronta.

— Cuidado aí, gatinha. — Brian estendeu a mão para me ajudar e me guiou até seu carro.

A fila de carros entrando na casa da Deborah estava grande, as famílias de Chris e Melissa eram bem conhecidas no meio social. A mansão estava muito bem decorada, parecia que tinha sido feita para realizar festas.

Passamos pela guarita e senti meu estômago apertar como se tivessem borboletas agitadas dentro de mim. Brian estacionou o carro um pouco longe de onde aconteceria a cerimônia e me ajudou a descer. Com uma das mãos, segurei um pouco da barra do vestido, e a outra enganchei no braço dele.

— Vamos? — Ele olhou para a minha cara de desespero, respirei fundo e assenti com a cabeça.

Eu me mantive tranquila o tempo todo, mas quando cheguei, estava nervosa, mais do que deveria.

CAPITULO 20

Todos nos olhavam entrando juntos, por segundos, nos tornamos a atração do momento, e sentia minhas bochechas coradas, pegando fogo. A primeira pessoa que vi foi Dylan, ele estava com Emilly, sentado em uma das cadeiras, conversando. Vi Chris e Nate afastados, conversando também, mas, assim como os demais, eles não tiraram os olhos de nós.

Fomos até Emilly e Dylan, que sorriram quando nos aproximamos. Eu os cumprimentei com beijos no rosto e, na vez de Emilly, ela sussurrou em meu ouvido, após me cumprimentar:

— Eu trouxe os seus exames. — Brian e Dylan conversavam, alheios a nós.

— Você deu uma conferida? Tem algo de errado? Se tiver, não quero nem ver. — Ela riu.

— Para de ser besta! — Ela tirou dois envelopes de sua bolsa carteira, me entregando, e eu os

guardei em minha bolsa. — Você não vai conferir?

— Não é o momento. — Sorri. — Não sei o que tem nesses envelopes, mas definitivamente não é o momento. — Levantei o olhar, Mason estava vindo em minha direção.

Quando meu olhar cruzou com o dele, senti minhas pernas bambearem. Ele vestia uma calça azul-marinho social com suspensórios, camisa branca, e trazia na mão a gravata com parte da camisa desabotoada.

Em um ato totalmente natural, ele se aproximou e me beijou, como se estivéssemos somente nós ali, e eu sabia que todos nos olhavam.

— Você está bem? — ele sussurrou de modo que somente eu pudesse ouvir.

— Sim, e você? — Balancei a cabeça.

— Estou tendo problemas com a gravata, uma ajuda? — Ele me estendeu o acessório para que eu colocasse nele de forma correta. — Você está linda! — Ele rodeou as mãos em minha cintura, colando nossos corpos assim que acabei, deixando a gravata alinhada em seu pescoço.

Senti aquele perfume outra vez, ter aqueles

braços fortes em meu corpo, me dando a segurança que só ele conseguia me passar, era tudo o que eu queria. Tudo o que eu precisava.

— Estava com saudade. — Ele riu de lado e pressionou os lábios nos meus mais uma vez.

— Ué, mas eles não estavam separados? — Escutei a voz de Emilly, notando que eles ainda estavam ali.

— Viva o amor! — Dylan disse alegre, beijando Emilly logo em seguida.

— Mason, a Cassidy ainda... — A voz da Deborah se calou assim que nos encontrou juntos. — O que é isso? Vocês dois? — Ela enrugou a testa confusa.

Mason me deu outro beijo.

— É isso mesmo, mãe, nós dois.

— Ah, meu Deus, eu rezei tanto para isso acontecer! Muito obrigada. Muito obrigada! — Ela nos apertou, Mason e eu, na tentativa de um abraço em conjunto.

— Deborah, a assessora está esperando você com os padrinhos. — Claire apareceu sorridente.

— Você sabia que esses dois estão juntos outra

vez?

— E como... — Ela me encarou com um olhar malicioso.

— Dessa vez ela que descobriu sozinha — eu me defendi do olhar de Deborah. — Estava me espiando e descobriu tudo.

— Já me acostumei a ser a última a saber de tudo.

— Gente, enquanto vocês ficam aí de papinho, a Melissa está dando a louca naquele quarto. Daqui a pouco não vai ter mais nenhum casamento, porque ela vai ter um piripaque. — Todos riram.

— Cassidy e Emilly, só está faltando vocês. — Deborah saiu andando na frente, convocando nós duas, e nós a seguimos.

A decoração da festa estava linda, parecendo um casamento de princesa, do jeito que Melissa sonhava. Os músicos, as flores, a equipe de assessoria... tudo estava do jeito que ela sempre sonhou.

— Melissa, está atrasada — Emilly comentou, impaciente, depois de já estarmos em formação para a entrada.

— Eu tenho certeza de que ela deve estar uma

pilha de nervos.

— E você não está? — Eu não entendi. — Desculpa, Cassidy, mas já fui muito sutil e você não entende nada. Há quanto tempo a sua menstruação está atrasada? — Eu a olhei assustada. — Seus peitos estão muito volumosos, seu quadril está largo, enjoo, cansaço... abre esse resultado logo!

— Eu... eu... — Não conseguia pronunciar nada de coerente. Eu tinha percebido, sim, mudanças em meu corpo, e estava atrasada há alguns meses, mas aquilo não era algo errado, não até Emilly plantar aquela dúvida. — Será? — perguntei assuntada.

— Abre o exame — ela pediu.

Minhas mãos estavam trêmulas. Tirei os envelopes de minha bolsa, e ela indicou qual dos envelopes eu deveria abrir primeiro.

— Caissy, daqui a pouco o Drew vai derreter se você ficar olhando ele assim — Dylan disse rindo, e Emilly deu um tapa nele.

— Deixa de ser enxerido, isso não é da sua conta! — Sorri sem graça.

— Estou olhando normal. — Dei de ombros. —

Apenas notando a movimentação da festa. — Ele gargalhou.

— Entendo como é. — Riu debochado.

Quando Nate e Chris saíram de perto dele, uma sensação de pânico completo tomou conta do meu corpo, principalmente quando ele começou a andar em minha direção. Naquele momento, eu já não estava me importando com mais nada, éramos apenas eu e ele.

Sorri de lado, vergonhosamente, quando ele chegou perto, eu estava sem reação, não sabia o que fazer.

A assessora ficou falando um pouco com a Deborah, e Mason ficava me agarrando, aproveitando enquanto ninguém estava vendo.

— Eu vou ficar com o batom borrado. — Eu o afastei de mim.

— Não tem problema... Adoro te ver toda borrada. — Ele me apertou mais uma vez.

— Você não sente falta?

— Do quê?

— Alguns anos atrás éramos nós que estávamos tendo esse momento lindo. — Ele sorriu.

— Você barrigudinha. Eu suando a mão feito louco, com vontade de enfiar a bíblia na boca daquele padre que não calava a boca. Claro que sinto falta. — Ele depositou um beijo em minha bochecha.

— Assim que o noivo entrar vocês podem seguir em frente. — A assessora passou por nós. Claire e Nate estavam bem atrás de nós.

Não demorou muito e preenchemos os nossos lugares ao lado do Nate e da Claire. Depois de um tempo, anunciaram a entrada da noiva e as floristas entraram, jogando flores pelo tapete vermelho estendido no chão. Melissa estava tão linda, os violinistas começaram a tocar e eu já me emocionei, relembrando todos os meus momentos, toda aquela magia que senti naquele dia tão especial da minha vida.

Mason estava prestando atenção à cerimônia, mas eu não conseguia tirar meus olhos de cima dele por um minuto sequer. Grávida? Eu tinha chances de estar grávida? Eu sorria feito boba, ele não iria acreditar quando soubesse.

— Por que esse padre sempre fala mais que a

boca? — Mason resmungou, e Deborah o mandou calar a boca.

— Eu, Christian David Jeff, recebo-te por minha esposa, Melissa Catherine Joan, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de nossas vidas. — Ele beijou a aliança e colocou na mão dela.

— Eu, Melissa Catherine Joan... — Ela estava tremendo tanto que se enrolava pra falar. — Recebo-te por meu esposo, Christian David Jeff, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias das nossas vidas. — Com muita dificuldade, ela conseguiu encaixar a Aliança no dedo dele.

— Sendo assim, eu vos declaro marido e mulher. — Os dois ficaram se olhando apaixonadamente.

— Beija logo a noiva! — Mason gritou em meio ao silêncio, chamando a atenção de todo mundo. Dei um tranco no braço dele, fazendo-o se conter.

— Pode beijar a noiva — o padre disse, meio sem graça, depois do incidente causado pelo desagradável Mason Drew Becker.

Os noivos saíram na frente em direção ao jardim,

onde estava organizada a festa. Nós fomos atrás, seguindo o fluxo.

— Cassidy, a Melissa vai jogar o buquê — Claire disse empolgada.

— Claire, linda do meu coração, não sei se você se lembra, mas eu já sou casada.

— Ah, é verdade. — Ela entortou o nariz. — Então vem você comigo. — Ela saiu arrastando a pobre da Emilly para o meio do jardim, onde estava a pista de dança, com Melissa em cima do palco, pronta para jogar o buquê.

— Não está disposta a casar outra vez? — Mason me olhou sério.

— Eu? Por quê? Está querendo casar outra vez?

— Não... Mas não pensa em tentar ser feliz de outro jeito? Ser feliz de verdade? — Gargalhei, tombando a cabeça para trás.

— Tolinho. — Passei minhas mãos em volta do pescoço dele. — Eu sou feliz de verdade. — Ele abaixou o olhar, se martirizando por algo que eu não sabia o que era.

— Ah, meu Deus! — Escutei o berro da Claire. Melissa já tinha jogado o buquê e quem pegou foi a

Deborah, que estava rocha de vergonha.

— Uh! Olha lá minha velha.

— Hum, sogrinha, vai casar — disse rindo.

— Tá louca, é? — Ele fechou a cara, enciumado.

— Por quê?

— Seria hilário ver ela com alguém, depois de tanto tempo um padrasto?! — Mason de fato ficou encucado com a história. aginando a cena.

— Vamos lá cumprimentar os noivos, porque depois não vamos conseguir chegar nem perto deles. — Saí puxando o Mason até onde Chris e Melissa estavam. Ela ainda estava inchada de tanto chorar.

— Amiga. — Ela sorriu ao me ver me aproximar.

— Você está linda, Mel. — Eu a abracei, e ela mais uma vez caiu no pranto.

— Rá-rá-rá! Bem-vindo ao time dos algemados, parceiro — Mason cumprimentou o Chris, que estava com um sorriso de orelha a orelha.

— Eu desejo muitas felicidades pra vocês. — Abracei o Chris.

— Eu também desejo muitas felicidades pra

vocês, que estão juntos outra vez — Melissa disse empolgada, batendo palminhas.

— Sabia, sabia que vocês não iam aguentar ficar separados por muito tempo. — Sorri sem graça.

— Essa tonta não consegue ficar longe de mim. — Mason me puxou, esmagando minha bochecha com um beijo melado.

— Eu estou tão radiante — Melissa disse sorrindo.

— Ô, Melissa, vai ficar tocando essa música chata o tempo todo? Eu já estou com sono. — Dylan se aproximou, abraçado à Emily, e a cada vez que ele abria a boca, ela ficava vermelha de vergonha.

— Ai, gente, não liga, ele está meio alterado. — Mason gargalhou.

O primeiro garçom que passou foi parado e cada um pegou duas doses de uísque. Contaram até três e viraram de uma vez. Nate e Chris entraram no embalo deles, fazendo a mesma coisa.

— Ô, seus *coisa*, não é pra deixar meu marido bêbado. — Melissa tentou tirar o copo da mão do Chris, mas Mason a impediu. — Caissy, faz alguma

coisa?

— Melissa, deixa eles. — As meninas riram.

— Ah, vocês não vão ficar aí paradas enquanto eles bebem feito loucos, né? Por favor, meninas, vamos pelo menos dançar — Claire pediu.

— Gente, o DJ só iria começar a tocar depois de todos os cumprimentos dos convidados.

— Ah, Melissa, por que você sempre tem que ser tão santinha? — Emily disse, fazendo Claire gargalhar.

— Okay. Mas e a valsa?

— Vai ter valsa, mas não agora!

— Tá bom. Vocês venceram .

— Eu sempre ganho. — Claire disse sorridente.

Melissa foi até a assessora, pedindo para o DJ começar a tocar. Mason estava com os meninos, eu estava evitando beber. A música alta começou a tocar e eu sorri alegre, vendo as meninas irem para a pista dança.

Eu estava feliz, realmente feliz. As meninas e eu ficamos dançando juntas e, quando vimos, a festa toda estava dançando no meio da pista, os meninos

ainda continuavam reunidos em um canto.

O DJ parou a música e vimos Claire ao lado dele com um microfone na mão. Ela iria aprontar.

— Gente, um minutinho da atenção de vocês, por favor. — As luzes se acenderam dando foco nela em cima do palco. — Gostaria que os noivos fossem para a pista.

— O que ela tá fazendo? — Melissa murmurou um pouco próximo de mim.

— Não faço ideia!

— Vem, amor. Claire tem uma surpresa pra gente. — Chris saiu puxando a pobre da Melissa, que estava queimando de vergonha.

— DJ, por favor, solta uma música sexy para os noivos. Chris, você vai ter que tirar a liga dela. — Todo mundo gritou. — Mas, por favor, com o dente. — O povo foi à loucura. Melissa estava roxa de vergonha.

O DJ colocou uma música no clima do momento e os convidados começaram a incentivar aquilo.

— Vai lá, Chris, mostra pra gente que você é selvagem! — Claire gritou fazendo todos rirem, mas Melissa queria arrancar a cabeça dela fora.

Os moleques foram à loucura quando o Chris levantou uma parte do vestido da Melissa. Ela realmente estava com vergonha, mas o ajudou, segurando o vestido, deixando sua coxa completamente de fora, mostrando a liga sexy e vermelha presa em sua coxa. Os gritos estavam piorando a situação quando o Chris se abaixou, passando as mãos na perna dela. Parecia que iria rolar um *strip*.

Melissa tapou os olhos com uma das mãos e Chris mordeu a perna dela. Depois, passou os dentes na liga, a puxando devagar, fazendo a alegria da galera. Ele desceu a liga até o joelho dela e depois puxou com força, a rasgando. Mason e os meninos foram à loucura quando ele levantou com o pedaço de renda da liga na boca. Todo mundo vibrou com a cena.

Todos riam, Melissa estava vermelha de vergonha.

O DJ soltou a música mais uma vez, tocando *Rack City*, Tyga. Todo mundo voltou a dançar.

Mason começou a dançar vindo em minha direção. Mordi os lábios, me aproximando e

dançando com ele. Virei de costas para ele, rebolando devagar eu seu membro. Ele encostou os lábios no meu ouvido, me fazendo arrepiar. Suas mãos prenderam minha cintura ao seu corpo, para que eu não escapasse. Curvei-me um pouco, rebolando com as mãos no joelho. Esperava que ninguém estivesse vendo aquilo, ele bateu na minha bunda e me virou com força, puxando meu corpo para junto do dele.

Com as luzes psicodélicas acho que ninguém estava prestando atenção em nós. Ele amassou meu peito em um aperto prazeroso e aquilo estava passando dos limites. Afastei-me para não cair em tentação e ele reclamou.

— Eu te amo. — Ele encostou os lábios nos meus.

Vi Brian cruzar a pista, indo em direção à saída, ele tinha ficado sumido a festa toda.

— Já venho. — Dei um beijo rápido no Mason e fui atrás do Brian.

Ele estava indo em direção ao carro e eu tive que apressar o passo para acompanhá-lo.

— Brian! — gritei antes de ele entrar no carro.

Ele demorou um pouco e depois se virou me olhando.

— Já vai? — perguntei confusa.

— Já deu pra mim por hoje — ele disse ríspido.

— Nem se despediu da Melissa.

— Outro dia falo com eles.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei preocupada.

Ele estava tão estranho. Nunca o tinha visto daquele jeito.

— Sabe o que aconteceu? Aconteceu que eu nunca deveria ter me apaixonado por você! — ele começou a gritar, me assustando. — Aconteceu que eu achei que era coisa da minha cabeça, mas não era. Você não é mais uma menininha e eu não consigo mais controlar isso em mim! — ele explodiu.

— O que eu fiz? Por que está falando desse jeito?

— Você não fez nada.

— Brian, eu... — Não sabia nem o que dizer.

— Caissy, eu sou um idiota! Você não tem culpa de nada. — Senti uma lágrima quente descer de me

rosto.

— Eu nunca quis fazer mal algum pra você.

— Ele não te merece, mas é ele quem você ama.

— Brian, eu não consigo ver você assim tão destruído.

— Uma hora os papéis se invertem. Hoje sou eu que preciso de um ombro amigo. — Ele riu amargo. — Agora eu posso entender um pouco a Alexia. Entendo como dói.

— A sua irmã nunca amou ninguém, nem ela mesma.

— Você não sabe de nada... Você está feliz e é isso que importa, não é?

— Brian, por favor, não faz isso. Eu sei que isso não é certo, mas, por favor, não vamos brigar. Eu não quero te perder. — Eu me aproximei dele.

— Não quer me perder? Não quer perder o fantoche aqui, né? Não quer me perder porque na próxima briga que tiver com aquele imbecil é pro meu colo que você vai correr, não é?

— Brian, não...

— Não o quê? Eu estou cansado de fazer papel

de trouxa, de ser brinquedo em suas mãos.

— Brian, para — disse com as lágrimas fervilhando nos olhos.

Ele me olhava com ódio, como se fosse me trucidar com o olhar. Fechei meus olhos, quando senti os lábios quentes dele em minha boca. Eu relutei contra aquilo, tentei afastá-lo de mim, mas ele era mais forte que eu e prosseguiu o beijo, invadindo minha boca até eu me entregar. Ele me beijava com fervor, mas aquilo não era certo, eu não podia continuar com aquilo. Empurrei-o com força para longe de mim.

— Sabe qual o problema, Cassidy? Eu nunca tive a coragem de te roubar pra mim. Eu nunca fui homem o suficiente pra fazer o que sempre tive vontade. — Ele entrou no carro e eu fiquei parada, ainda estática com tudo o que tinha acontecido.

Ele saiu cantando pneu pelos portões. Abracei corpo e chorei um pouco, não queria perdê-lo. Não poderia ser assim. Enxuguei minhas lágrimas para voltar para a festa e, quando meus olhos percorreram a casa, eu vi Mason me observando da sacada. Ele estava me encarando de lá de cima.

Merda! Só o que faltava era ele ter visto tudo aquilo. Agora entendi por que Brian me beijou.

CAPITULO 21

Saí correndo em direção à casa, passei esbarrando em todo mundo. Subi as escadas e a porta do quarto estava encostada. Mason na varanda estava, na varanda continuou. Senti medo, mas segui até onde ele estava.

— Há quanto tempo está aí? — perguntei cautelosa.

— Há tempo suficiente pra ver tudo.

— Mason, ele estava descon...

— Cassidy, para — ele me interrompeu. — Para, eu não aguento mais a nossas brigas, não aguento mais esse mesmo motivo.

— Mas você está entendendo tudo errado, porque Brian estava completamente descontrolado. Eu não sei o que aconteceu com ele, mas...

— Como se sentiu? — ele disse frio.

— Quê?

— Como se sentiu quando ele a beijou?

— Normal — disse confusa. — Ele me agarrou...

— Mas depois você cedeu.

— Mason, por favor. Outra vez não, por favor. — Já sentia o choro em minha garganta.

— Caissy, hoje cedo eu pensei um negócio que fez sentido, me fez pensar em coisas que nunca imaginei que poderiam acontecer.

— Eu só não quero ficar longe de você outra vez — disse, deixando as lágrimas caírem.

— Você é feliz comigo? — Ele estava sério.

— Sim. Que pergunta idiota, claro que sou.

— Caissy, você é feliz por quê? Eu nunca fiz nada de mais, sempre fui um idiota com você. Você está mentindo, eu nunca pude te dar a felicidade que você merece.

— Quem te disse isso? Todos os momentos felizes da minha vida foram ao seu lado.

— Não, isso é o que você acha. Eu fui tão egoísta que não te dei oportunidade de ver se tinha coisa melhor no mundo. Eu tomei posse de você eu nunca fui o melhor pra você.

— Mason, você sempre foi tudo o que eu

precisei, tudo o que eu quis. Você é tudo o que eu tenho.

— Eu te fiz dependente desse sentimento. Você se tornou submissa a mim, e olha o que eu fiz com a sua vida.

— Mason, eu te amo, você me ama, isso que importa. Nada do que você está dizendo faz sentido.

— Eu estou tentando mudar, pelo menos com você eu vou tentar mudar.

— Eu não preciso que você mude. Você é perfeito pra mim assim do jeito que é.

— Não, Cassidy... Eu nunca pensei que falaria isso um dia. Mas todo mundo sabe que o Brian pode te fazer feliz, ele sim pode te dar a vida que você merece... Eu não sei como, eu só sei que eu não sou certo e não quero mais errar com você.

— Quem tem que saber o que é certo pra mim sou eu. E o certo é você, apenas você. — Tentei me aproximar, mas ele me afastou.

— Me dá um tempo... Eu preciso de um tempo pra pensar, um tempo pra mudar.

— Não — disse em prantos, negando com a

cabeça. — Não precisamos de tempo nenhum.

— Caissy, eu cansei de escutar que nunca fiz bem a você.

— Mas você sempre foi o melhor pra mim... Mason, não, eu não aceito ficar longe de você outra vez.

— Para com isso... Para de complicar. Pelo menos uma vez tenta me entender.

— Eu não consigo entender quando você quer me deixar.

— Eu não estou te deixando, só quero um tempo pra pensar. Só quero que você veja que não estou errado. Eu estou com a consciência pesada, não consigo ficar bem comigo mesmo pensando nisso tudo.

— Está errado, é errado. Você e eu nascemos pra ficar juntos e não há nada nesse mundo que me faça entender quando estou longe de você. — Ele mordeu os lábios.

— Não dá mais. — Ele foi em direção à porta, mas eu o agarrei com força.

— Mason, não, por favor. Eu não quero ficar sem você. Você não me ama mais, é isso? Eu não quero

isso, não quero entender nada.

— Caissy, para. — Ele soltou os braços e me empurrou, me fazendo cair sentada no chão.

— Mason, não! — gritei, tentando me levantar, mas ele saiu e fechou a porta.

Fiquei chorando, gritando sozinha dentro do quarto por alguns minutos quando Claire entrou.

— Caissy, o que aconteceu?

— Ele vai me deixar outra vez, Claire

— O que aconteceu? — Não contei, fiquei sentada, abraçada às minhas pernas, chorando. — Cassidy, você tem que me falar.

— Ele não pode me deixar, não agora — disse desesperada, entre os soluços e lágrimas que rolavam. — Não, ele não pode.

— Cassidy, para. Olha seu estado. Por que todo esse desespero? Por que o Mason não pode te deixar? Essa foi a decisão dele.

— Não, Claire — eu me martirizava não querendo me convencer daquilo. — Ele não pode, não pode.

— Eu vou buscar um copo de água com açúcar pra você.

— Eu não quero! — gritei, a assustando. — Eu não quero água! Eu quero o Mason.

— Cassidy, para! Chega! Eu nunca te vi nesse estado, você está parecendo uma louca.

— Claire, ele não pode me deixar...

— E por que não? O cara é um puto, ele não te merece. Você vai encontrar uma pessoa bem melhor.

— Eu não preciso de ninguém, a não ser ele.

— Cassidy, esse país é democrático, cada um faz o que quer. Você não pode obrigar o Mason a ficar com você.

— Eu acho que estou grávida. — Ela arregalou os olhos.

— Grávida? — Ela estava tão assustada quanto eu. — Como assim, grávida?

— Eu estou grávida, Claire, ele não pode me deixar!

— Como é que você sabe? Cassidy, por que você não me contou isso antes?

— Nem eu tinha acreditado nisso. Mas tudo faz sentido. Olha meu tamanho, meus peitos— meu período está atrasado há dois meses.

— Dois meses?

— Eu nunca fui regular. Minha menstruação nunca foi certinha, sempre fiquei 10, 20 dias sem descer, mas dois meses é muito, não? — Solucei, respirando fundo.

— E por que você não falou isso pra ele?

— Porque ele não me deixou falar. Ele não quis me ouvir. Ele estava decidido.

— Eu ainda estou passada. — Ela mostrou os braços arrepiados. — Amiga, vai atrás dele. Conta pra ele. Vocês sempre sonharam com outro filho, quem sabe isso não faz vocês se reconciliarem de vez? Quem sabe isso não o faça voltar?

— Ele tá... Ele está estranho. O Mason nunca formaria aquela opinião sozinho, alguém disse algo pra ele que o fez ficar daquele jeito. Eu o conheço, Claire, eu o conheço como a palma da minha mão, e aquilo não combina com ele, não quando na noite passada ele disse várias vezes que me amava e tudo ficou numa boa. — Ela ficou pensativa e fomos interrompidas pelo toque do meu celular, que nos fez pular.

— Quem é? — Estava olhando o número, mas

não era conhecido.

— Número desconhecido. — Engoli o choro e decidi atender. — Alô?

— *Cassidy? É o Thomas.* — Eu não reconhecia muito a voz, mas o barulho vindo de lá de baixo atrapalhava bastante.

— Thomas?

— *Desculpa te ligar, mas é que eu tenho que te avisar sobre isso.*

— Tudo bem, pode falar.

— *Cassidy, eu preciso que você venha até mim.*

— Eu? O que aconteceu?

— *Eu consegui encontrar a Alexia. Estou com ela na minha mira, mas sei que você quer ela viva, então não fiz nada.* — Meu coração palpitou tão rápido que eu perdi a voz. As palavras estavam presas em minha garganta, mas eu não conseguia falar. — *Cassidy? Ainda está aí?*

— Onde você está?

— *Estou na antiga casa do Marconny, em Atlanta. Quanto tempo demora pra chegar aqui?*

— Vinte minutos no máximo. Só o tempo de eu

avisar o Mason...

— *Não, o Mason não.*

— Hã?

— *Se o Mason vier é perigoso fazer alarde demais e ela fugir. Quando você estiver com as mãos em cima dela, ligamos para o Mason.*

— Tudo bem... Desse jeito parece ser bem melhor.

— *Em vinte minutos você vai estar aqui?*

— Sim, em vinte minutos chego aí.

— *Então vou ficar te esperando. Tchau.* — Desliguei o telefone, ainda processando tudo aquilo, eu estava em transe.

— Caissy, o que aconteceu? Você tá pálida, parecendo papel. Olha seus lábios — Claire disse horrorizada.

— Nada. Eu vou precisar sair.

— Sair? Vai pra onde, uma hora dessas?

— Tenho que resolver uns negócios. — Saí andando na frente e desci as escadas correndo, segurando a barra do vestido.

Claire ainda estava na ponta da escada, mas eu

me enfiei no meio do pessoal para despistá-la. Fui andando no meio dos convidados e sempre olhava para trás, para ver onde ela estava, quando ela saiu pelas portas dos fundos, fui correndo em direção ao jardim. Lembrei-me de que estava sem carro e parece que aquela ajuda caiu dos céus. Dylan trombou em mim.

— Caissy? — Ele estava um pouco alegre.

— Dylan, me empresta seu carro? — disse um pouco ofegante.

— Meu carro? Tá louca? — Ele estava com uma garrafa de champanhe na mão.

— Dylan, é sério, eu preciso muito do seu carro.

— Ué, pra quê? — Respirei fundo, eu ia ter que contar, ele nunca ia me deixar sair com o carro dele sem saber o porquê.

— Thomas me ligou. — Molhei os lábios involuntariamente, olhando para os dois lados. — Ele está com a Alexia. A vagabunda está aqui em Atlanta.

— Como é que é? — A expressão de bêbado dele desapareceu completamente.

— Alexia está aqui. Ela está na antiga casa do

Marconny. Thomas está com ela na mira, mas achou melhor me ligar antes de agir.

— Thomas está sumido há dias. Pensei que você tinha desistido desse negócio de encontrar a Alexia.

— Eu desisti... Ele que me ligou, nem sabia que ele ainda estava procurando por ela.

— Por que ele não me ligou?

— Dylan, você vai me ajudar ou eu vou ter que me virar sozinha? — disse impaciente, olhando no celular, e já tinha se passado cinco minutos.

— Não. Eu ajudo, mas eu vou com você. Não vou te deixar ir sozinha. — Revirei os olhos, era pegar ou largar.

— Tá, vamos. — Saí andando na frente, em direção ao carro dele. — Mas quem vai dirigir sou eu. Você tá bêbado demais. — Peguei a chave da mão dele enquanto ele tentava achar o botão do alarme.

— Eu não confio em mulher no volante. Não é machismo, mas é meu carro, se acontecer algo, eu vou ficar muito...

— Dylan, entra logo nessa merda! — gritei de dentro do carro, e com dificuldade ele entrou.

Saí cantando pneu, algumas pessoas que estavam no jardim viram a cena. A casa do Marconny ficava completamente do lado oposto à casa da Deborah. Eu dirigia com pressa, escutando Dylan resmungar, mas eu não dava muita atenção com a bagunça que ele fazia com as palavras, só estava um pouco bêbado.

— Pra quem você está ligando? — Ele estava com o celular no ouvido.

— Mason.

— Não é pra ligar pro Mason! — esbravejei. — Não agora. Ele vai fazer muito alarde e é perigoso a Alexia fugir outra vez.

— Relaxa, ele nem tá atendendo. — Aquilo fez meu coração doer só de pensar que ele poderia ter ido atrás de outras mulheres, para poder esfriar a cabeça e me esquecer de vez.

Parei o carro no começo da rua, para não dar muito na cara, que tinha gente desconhecida no caminho.

— Caissy, eu não vou ficar no carro... Negativo, mocinha, eu vou com você.

— Dylan, você está bêbado.

— Não estou, não. — Ele quase caiu ao sair do carro. Merda! Olha a ajuda que fui arrumar.

— Então faz assim, eu vou precisar mesmo que alguém fique na vigia, vai que chega alguém diferente? Não vai adiantar nós dois entrarmos na casa, você fica aqui e, se vir qualquer movimentação estranha, peça a ajuda de alguém.

— Cassidy.

— Dylan, se der errado, pelo menos você vai poder me ajudar. Se eu não voltar em uma hora, liga pro Mason. — Pude escutar quando ele bufou, mas eu já estava de costas, indo em direção à casa.

Estava desarmada, sem nenhuma proteção, com a cara e com a coragem apenas. Entrar na casa do Marconny não seria fácil. Mesmo sabendo que não tinha segurança por lá, eu tentei me prevenir. O portão da mansão vizinha estava aberto, estava tendo festa na casa. Não pensei duas vezes e entrei. Passei pela guarita e me fiz de bêbada, quando o guarda quis saber quem eu era. Ele apenas disse “Só não pula na piscina, as pessoas aí dentro estão piores que você, ninguém vai te salvar”. Murmurei umas palavras estranhas para ele e depois continuei

entrando.

Quando não estava mais na vista de ninguém, me dirigi até o muro do fundo da casa e naquela parte não tinha uma viva alma para ver o que eu estava fazendo. Arranquei as sandálias de meus pés, pisando na grama gelada, coloquei meu celular no meio dos peitos, o deixando seguro. Péssima hora para estar de vestido longo. Usei as práticas que tinha quando pulava o muro do convento e consegui sentar sobre o muro. Olhei cautelosa para ver se ninguém estava me vendo e realmente a casa do Marconny estava sem proteção, até parecia não ter ninguém por ali. Criei coragem e pulei o muro de mais ou menos dois metros e meio, caindo no chão, e com a ajuda das minhas mãos me equilibrei para não dar de cara com a grama. Eu estava dentro.

Caminhei com cuidado pelo jardim dos fundos, tentando localizar onde o Thomas estava, meu celular estava completamente sem sinal. Andei abaixada por toda a lateral da casa, para não ser notada por ninguém, e não parecia ter alguém ali. Já estava desistindo, a casa parecia estar

abandonada, acho que Thomas se enganou. Continuei andando, indo até a área externa da piscina, e encontrei quem eu nunca imaginaria ver.

— Brian? — disse um pouco alto, o assustando.
— O que você está fazendo aqui? — Ele me olhou com os olhos arregalados.

— Como você entrou aqui? — Senti meus olhos arderem com tudo o que estava pensando. Como ele podia estar me traindo daquele jeito?

— Alexia está aqui, não é? Como você pôde, Brian? Como você pôde fazer isso comigo? Eu achei que você estava do meu lado — disparei a falar.

— Cassidy, espera, não tire conclusões precipitadas, eu estou tão assustado quanto você.

— Você sempre soube onde ela estava. Você sempre soube... Você acompanhou meu sofrimento de perto e tinha coragem de defender essa vagabunda?

— Cassidy, não é isso...

— Não é isso o quê?! — gritei o interrompendo.
— Como eu pude acreditar em você? Como você conseguiu me enganar por todo esse tempo? Como

você teve estômago? Bem que o Mason sempre disse que você não prestava, ele não estava errado.

— Cassidy, me escuta... Eu acabei de saber disso, não faz muito tempo, foi uma cilada... Não sabia de nada.

— Para de mentir! — gritei nervosa, não o deixando terminar. — Eu estou com nojo de você. Ódio, raiva. Eu nunca pensei que você pudesse me trair, Brian, não você. Eu esperava isso de qualquer pessoa do mundo. Menos de você. Mas um dia a máscara ia ter que cair e eu ia ter que perceber que talvez você não seja o mocinho tentando se fazer de bandido. Talvez você seja o bandido tentando se fazer de mocinho.

— Cassidy, eu não sabia de nada. Eu ia consertar as burradas da Alexia, eu ia devolver...— Thomas deu uma pancada na cabeça do Brian, e ele caiu mole e desacordado no chão.

— Quê isso? — Cobri boca assustada.

— Esse cara é perigoso... Descobri cada coisa dele — Thomas disse um pouco ofegante.

— Você não precisava ter feito isso com ele. — Corri até o corpo do Brian, caído no chão. Conferi

os batimentos cardíacos e estava normal, ele só tinha desmaiado por causa da pancada na cabeça. — Ele está desmaiado — disse conferindo a respiração lenta dele.

— Eu sei. Não bati com tanta força... Você não pode ficar aqui. — Ele me levantou, puxando meu braço. — Você tem que entrar. Ela está lá dentro. Está sozinha. Cuidei dos homens dela, agora são só você e ela. — Encarei a casa, sentindo minhas pernas tremerem e o coração ir à boca. — O tempo tá correndo e você tá enrolando. Não podemos ficar aqui, podemos ser vistos.

— Eu vou entrar sozinha? — disse um pouco assustada.

— Tenho que segurar as pontas aqui fora, não posso entrar com você. — Olhei mais uma vez a casa. — Toma, isso vai te ajudar. — Ele me entregou um revólver. — Eu vou estar aqui fora, se precisar. — Balancei a cabeça.

Ele pegou Brian pelos braços e saiu puxando, voltando pelo caminho que fiz. Não estava com coragem para aquilo. Minhas mãos tremiam, segurando aquele revólver, mas eu tinha que fazer.

Eu tinha que seguir em frente, pela minha filha,
pela minha princesa, eu ia fazer justiça.

CAPITULO 22

Lembrar os olhos dela ao ouvir tudo o que eu falei estava me matando. Lembrar o estado que eu a deixei estava me destruindo. Por mais que doesse, aquilo era o certo. Eu nunca fui o certo, eu não podia privá-la de ser feliz. Nem eu estava me reconhecendo depois daquela atitude, mas pela primeira vez na vida eu pensei nos outros, e não em mim. Eu nunca poderia fazê-la feliz, o Dylan conseguiu me fazer enxergar a verdade.

Não estava me sentindo bem, tirei os sapatos, deitei na cama e acabei cochilando. Minha cabeça estava doendo e pela primeira vez, eu digo, estava me sentindo mal, triste, um sentimento ruim estava dentro de mim e eu não sabia explicar o que era, mas pelo menos tinha feito a coisa certa. Acabei pegando no sono, mas acordei assustado com o toque alto do celular.

Dei um pulo da cama, assustado, cocei os olhos e peguei o celular no bolso, vendo que era o Jaden.

Atendi com raiva.

— Eu espero que seja muito importante — disse bravo, com a voz um pouco rouca.

— Ué, você não estava lá no casório?

— Decidi sair mais cedo, o que tá pegando?

— Tenho uma péssima notícia para você — ele disse com a ligação um pouco longe.

Voltei a me deitar sonolento.

— Fala logo!

— O Marconny fugiu da cadeia. — Eu me sentei na cama, despertando de uma vez.

— Como é que é?

— O cara fugiu, estava sendo transferido, quando o ônibus em que ele estava foi interceptado, e levaram ele.

— Merda! Quando foi isso?

— Hoje no final da tarde.

— E ninguém sabe onde ele está? — Ele riu.

— Se alguém soubesse onde ele está, não seria uma fuga, né? Só estou ligando mesmo pra você fica esperto, cuida lá da sua policial, porque eu tenho certeza de que ela é a primeira pessoa que ele

vai querer pegar pra te atingir — Jaden disse, mas eu já estava muito longe, pensando naquele desgraçado querendo fazer mal para a Caissy.

— Pode deixar, ela sabe se cuidar, mas vou reforçar a segurança.

— Valeu, chefe!

— Se souber de mais alguma coisa, me liga.

— Ligo sim. — Jaden finalizou a ligação e eu tinha perdido todo o meu sono.

Eu sabia que naquela festa Cassidy estava protegida, mas, quando ela fosse embora, não mais. Eu pensei em ligar para o Brian, mas ele tinha deixado a festa muito mais cedo que o esperado e dificilmente atenderia uma chamada minha. O esquema era ligar para o Dylan e pedir para ele deixá-la em casa.

Disquei o número do Dylan, era a pessoa mais próxima que eu poderia pedir para ficar de olho na Cassidy, mesmo contra a vontade dela, a segurança deveria ser reforçada. Chamou algumas vezes e depois foi direto para a caixa de mensagens, ele provavelmente não iria escutar aquela porra tocando, no mínimo estava bêbado e curtindo a

festa.

Tentei mais umas vezes falar com o Dylan, e deu certo, ele me atendeu, mas não tinha mais barulho de música nem das pessoas falando.

— Dylan, a Caissy está por perto? Consegue ter a visão dela? — Nem dei tempo para ele dizer algo.

— Cara, ainda bem que você me ligou, estava desesperado tentando falar com você. — Ele estava ofegante e parecia cochichar, engoli em seco.

— Por quê? O que aconteceu?

— A Caissy, *bro*... Ela disse que recebeu uma ligação do Thomas, um cara que trabalha com ela, dizendo que a Alexia estava na casa do Marconny, já faz uns vinte minutos que ela está lá dentro e eu não escuto barulho nenhum... Tentei entrar, mas as portas estão todas fechadas.

— Puta que pariu, Dylan!

— O quê? O que foi?

— Como você deixou a Caissy fazer isso? — disse nervoso, já calçando o sapato.

— Brother, ela disse “vem comigo, ou eu vou sozinha”, e você sabe que quando ela diz que vai fazer, ela faz mesmo. Vim com ela e ela me disse

que, se não voltasse em uma hora, ou desse algum sinal, era pra eu chamar você. Só faz vinte minutos que ela entrou, mas está muito estranho, eu vejo movimentação na casa, mas não vi a Caissy até agora. Acho que ela blefou.

— Dylan, o Marconny fugiu da cadeia. A Caissy não blefou, ele provavelmente deve ter atraído ela pra alguma armadilha. — Ele ficou em silêncio.

Calcei meus sapatos e descí as escadas, colocando o casaco, ainda na linha com ele, indo para a garagem pegar algum carro.

— Como assim, fugiu?

— Jaden me ligou agora há pouco dizendo que ele escapou.

— Você acha que isso pode ser uma armadilha? Que ele que armou isso pra Caissy ir até ele?

— Tenho quase certeza que sim, que esse filho da puta está envolvido na ida da Caissy até essa casa.

— Quer que eu chame a polícia?

— E colocar a vida dela em risco, está louco? Não faça nada. Eu estou indo praí, me espera onde você está que eu estou chegando.

— Beleza, irmão. — Ele encerrou a chamada.

Conectei o celular no bluetooth do carro e comecei a ligar para aquele parceiro de trabalho da Cassidy.

— Quem fala? — Ele atendeu rápido.

— Mason Becker. — Foi feito um silêncio breve e eu continuei. — Tenho um problema, mas não sei se a polícia deve ser acionada, acho que você pode me ajudar.

— Eu posso? — Ele não ia muito com a minha cara.

— Onde está a Cassidy?

— Como?

— Um amigo nosso disse que ela está com você, preciso alertá-la de que o Marconny está foragido.

— Certo, Mason, quem te disse que a Cassidy está comigo, está muito enganado, eu estou no departamento e não me lembro de tê-la contatado hoje.

— Então é como eu pensei, uma armadilha.

— Onde você está?

— Preciso chegar onde a Cassidy está. Mas não sei o que faço, temo agir e colocar a vida dela em

risco, se isso for uma armadilha, ele vai usar ela pra me atingir.

— Não faça nada, me envia a localização de onde você vai estar que estou indo pra lá. — Ele finalizou a ligação e logo em seguida conectei outra chamada com Jaden.

— Patrão?

— Preciso de um reforço, vou te enviar a localização e me encontra nesse lugar. — Pisava no acelerador, voando pelas ruas.

— Fechado — ele respondeu, finalizando a chamada.

Desliguei o celular, o jogando no banco do carona, segurando o volante com as duas mãos e acelerando mais o carro.

Eu entrei pelos fundos e não tinha me deparado com nenhuma atividade suspeita, aquela casa estava inabitada desde que Marconny tinha sido preso, os bens dele tinham sido todos bloqueados, tudo estava sob investigação, mas ali não tinha sinal de uma viva alma. Averiguei toda a casa, subi,

desci e entrei por diversas portas, o tempo que tinha dado para Dylan pedir ajuda estava acabando e eu não tinha encontrado nada.

O celular em minha mão apitou e foi aí que quem estava na casa se manifestou. Um barulho de panela caindo ao chão rompeu o silêncio, fiquei estática, identificando de qual direção vinha o barulho.

Apontei minha arma para frente e a segurei mais firme, voltando a caminhar lentamente, passo a passo.

Meu coração palpitava forte e eu sentia minhas pernas fraquejarem, as luzes estavam apagadas, algumas partes eram iluminadas, outras, não. Respirei fundo, contei até dez e depois entrei na cozinha, encontrando uma mulher de costas, mexendo no fogão. Seus cabelos loiros enrolados em um coque fizeram meu corpo enrijecer, e eu tinha minha arma apontada para ela, mas minha voz falhou, eu estava em choque.

— Eu odeio fazer isso, coisa mais nojenta. Amanhã sem falta contrato uma babá. — Quando ela se virou, constatei minhas suspeitas.

Alexia segurava um copo de leite, que escorregou

de sua mão, indo ao chão e se espatifando. Ela estava tão assustada quanto eu. Esperei tanto por aquele momento.

— Como você entrou aqui? — Ela engasgou e minhas mãos tremiam com ela em minha mira.

— Sabe o quanto eu esperei para ter esse momento? — Uma lágrima escapou.

— Como você descobriu que eu estava aqui? Você não pode ficar aqui! — ela gritou.

— Eu vim acabar com você! — O ódio me dominava naquele momento.

— Cassidy. — Ela olhou para trás, verificando se tinha alguém por ali, mas estávamos sozinhas. — Aqui não, vamos resolver isso em outro lugar.

— Outro lugar? Você acha que temos tempo para ir bater um papo em outro lugar? — Eu segurava a arma com força.

— Estamos em um lugar proibido, se a polícia chegar, vamos ser presas.

— Eu sou a polícia! — gritei.

— Você é louca. — Ela tentou se aproximar e eu disparei, mas ela desviou e, no escuro, não acertei.

— Louca eu fiquei quando você roubou meu bebê, louca eu fiquei a cada vez que pensava que você estava impune pelo mundo.

— Você não pode fazer isso, não aqui — ela disse trincando os dentes.

— Eu vou fazer isso onde eu quiser esse é o seu fim — disse com a voz firme.

Ela tentou se movimentar de novo e mais uma vez atirei. Dessa vez acertei a perna dela.

— Se tentar algo eu vou atirar na outra perna.

— Merda! — ela gritou, se jogando no chão, colocando a mão por cima do ferimento.

— O que você fez com a minha bebê não vai ser nada comparado ao que vou fazer com você.

— Por que então não acaba com isso de uma vez por todas? Vai logo, dá um tiro na minha cabeça e pronto. Vou morrer, do mesmo jeito que sua filhinha. — Senti um ódio interno e parti para cima dela, dando um chute com força em seu rosto e a fazendo bater a cabeça no armário ao seu lado.

— Vadia! — Dei mais um chute em seu rosto e, desta vez, ela segurou meu pé, me puxando para frente, me fazendo ir chão e a arma cair, indo para

longe de nós.

Alexia era rápida, eu não acompanhava a agilidade dela, mas eu tinha mais vantagem, ela estava machucada no chão. Quando ela me deu um soco forte na cabeça, me senti tonta, mas não recuei. Eu não conseguia sentir dor, estava cega de ódio. Ela acertou meu abdômen com força, e soquei o rosto dela, que se recuperou rapidamente, mas alcancei o ferimento de bala que ela tinha na perna e enterrei meu dedo nele, a fazendo se contorcer de dor e me soltar.

— Você está ferrada na minha mão. — Ela trincou os dentes, respirando fundo com o canto da boca sangrando.

Eu engoli minha saliva e tinha gosto de sangue. Voltei a pegar a arma em minhas mãos e procurei algo para amarrar as dela.

— Só com um revólver na mão que você se garante? Que covardia! — Ela estava me testando.

— Julie também não podia se defender e você não a poupou, então, não use a palavra covardia perto de mim, senão vou fazer você a engolir.

Fui até a lavanderia e cortei todos os varais

possíveis, peguei as cordas e, quando voltei, Alexia estava tentando alcançar o faqueiro. Mais uma vez a enfraqueci, afundando o meu dedo no seu ferimento, arrancando gritos e xingos dela, amarrei suas mãos e depois os pés. Antes de pôr um fim àquilo tudo, ela iria me ouvir, eu precisava saber o que ela tinha feito com a minha Julie.

Com muita dificuldade, a sentei em uma das cadeiras que tinha ali e, depois, a preendi, amarrando todos os fios de varal em seu corpo.

Minhas mãos estavam sujas com o sangue dela, eu sentia o melado do meu sangue no canto da minha boca, mas iria finalizar aquilo quando ouvisse toda a história da boca dela.

— Por que não me mata logo? — ela disse com ódio.

— Porque eu quero saber, quero que você me conte tudo o que aconteceu com a minha filha, depois que você a tirou daquele hospital.

— Sua filha era tão linda. — Ela sorriu com maldade.

— Por que não eu? Por que não procurou a mim? Seu problema sempre foi eu. Eu tirei o Mason de

você, eu tenho a vida que você sempre desejou ter, então por que você matou a minha filha?! — gritei me alterando.

— O que adiantaria só ver o sofrimento do Mason? Eu queria ver vocês dois sofrendo, eu queria mostrar como é ruim ver as pessoas felizes e sua vida estar uma merda. Se eu não era feliz, vocês dois também não seriam.

— Era só um bebê, apenas um bebê, Alexia! — Não contive as lágrimas.

— Mas doeu, não doeu? Pra mim também doeu, quando eu estava me recuperando, tentando melhorar, e do nada chega aquele convite de casamento para o meu irmão em Miami. Casamento, Cassidy! Você tem noção de quantas vezes eu sonhei com meu casamento e do Mason? Você tem noção que eu desisti de uma vida pra ver ele a salvo e, de repente, vi meu mundo desabar quando descobri que eu já não era mais a pessoa que ele amava? Descobri que eu não significava mais nada para ele. Eu amava aquele homem mais do que a mim mesma.

— Não, você nunca amou o Mason! Você nunca

nem se amou, Alexia.

— Você não sabe o que está falando, você acabou com tudo! Se você não tivesse aparecido, o destino seria outro, tanto pra mim quanto pra ele. O que você está fazendo hoje, eu fiz. Vocês não mereciam ter aquela garotinha, ela tinha que ser minha, minha! — ela gritou se alterando.

— Eu não pude ver minha filha crescer, eu não pude protegê-la em noites que ela sentisse medo, ou quando ficasse doente. Eu vivi um inferno, mas eu tinha um homem que me amava e estava lá sendo meu porto seguro, *nunca* me deixando cair! Quando eu pensava em desistir, ele estava lá, me colocando pra cima. A perda da minha filha foi a pior coisa de nossas vidas, mas você sempre tentou e nunca conseguiu destruir nosso amor. É verdadeiro, Alexia. Eu só preciso dele pra viver, e ele, de mim, e não há pessoa nesse mundo que mude essa lei.

— Ainda bem que vocês serviram um pra consolar o outro. — Ela estava com raiva. — Sabe... sua bebê era tão quietinha, eu achei que não conseguiria sair com ela do hospital sem ser notada,

mas ela não deu um pio, ficou em meus braços como se me conhecesse, como se eu não fosse estranha. — Dei um murro na boca dela, a calando. Saí nervosa para a cozinha, mais uma vez tomada pelas lágrimas, abri as gavetas freneticamente, procurando por um pano. Encontrei um pano de prato, peguei um jarro com água e voltei até ela.

— Eu estava conversando numa boa com você, mas desisto de fingir que te entendo. — Puxei o cabelo dela com força, deitando sua cabeça para trás, amarrei o pano em sua face, a cobrindo toda. Segurei sua cabeça para trás e joguei a água em seu rosto, tampando suas vias respiratórias, provocando um afogamento. Enquanto ela não parou de se debater, eu não parei com o sufocamento. Quando percebi que ela tinha ficado desacordada, a soltei, e sua cabeça caiu mole para o lado. Desamarrei o pano do rosto dela.

— Acorda, vagabunda! — Bati a arma com força no rosto dela. Demorou um pouco, mas depois ela recobrou os sentidos, voltando com a respiração forte e ofegante. — Acorda, porque isso não é nem o começo. — Os supercílios dela estavam

sangrando, por causa da batida da arma.

— A sua sorte é que eu estou amarrada, senão iria quebrar seus ossos com a mão, *piveta* — ela disse, trincando os dentes.

— Eu também estava impossibilitada quando você levou minha filha, então não ache que eu estou agindo covardemente, porque você está tendo tudo o que merece e mais um pouco.

— É muito engraçado te ver brincando de ser justiceira. Quero saber de uma coisa... como vai ser sua vida depois que acabar comigo? Seu desejo sempre foi esse, não? E depois que tudo acabar, como vai ser? Julie não vai voltar. — Ela riu. — Vai cometer suicídio e me acompanhar até o inferno? — Bati a arma em sua cabeça, ela não se cansava de apanhar, parecia que quanto mais eu batia, mais resistente ela ficava.

Pude escutar um barulho de coisas caindo no andar de cima e aquilo me assustou por um minuto, fiquei parada, sem me mover, encarando Alexia, tentando ouvir mais algum barulho que deixasse claro que tinha mais alguém na casa.

— Tem mais alguém na casa? — Meu coração

estava disparado.

— Não, só tem eu aqui — ela disse me encarando. — Acaba com isso de uma vez, me mate e tire meu corpo logo daqui. Vamos! Não é isso que você quer? Vai, Cassidy! — ela estava desesperada.

— Por que quer tanto morrer?

— Você disse que me queria implorando pela morte, então aqui estou eu. Me mate logo, vadia desgraçada! — Minha cabeça entrou em uma confusão enorme. Em um momento, eu estava calma fria e calculista, mas no outro estava apreensiva. Não sabendo de que forma Alexia deveria pagar, olhei minhas mãos cheias de sangue e aquilo me deu uma repulsa enorme de mim mesma. Senti nojo de mim, fui andando para trás observando minhas mãos imundas com o sangue dela, e não, eu não podia ser assim. Onde eu estava? Onde a Cassidy por quem o Mason se apaixonou estava? Aquela não era eu, estava como se tivesse tomado um choque de realidade no momento errado. — Cassidy, me mata! — Alexia gritou e eu a olhei.

— Não... Não. — Algo atordoava minha mente, me deixando louca, me fazendo sentir do mesmo jeito que me senti quando ela levou Julie de mim: impotente. Sentindo que meu neném não voltaria mais, e mesmo que eu tirasse a vida da Alexia, eu não a teria como imaginava em meus sonhos.

— Me mata logo! — ela gritou com ódio.

Mas tudo parou. Achei que estava em mais uma de minhas crises, achei que era mais uma coisa da minha cabeça.

— Mamãe. — Meus olhos acompanharam o som e eu pude ver uma garotinha sentada no último degrau, nos olhando do alto da escada, segurando um ursinho de pelúcia envolvida em um cobertor amarelo.

Pisquei várias vezes, tentando me livrar daquela visão, mas não. Aquilo era real, não era coisa da minha cabeça. Aquela garotinha existia e eu a estava vendo. Meu coração se encheu de alegria e não sei por que meu ele palpitava mais rápido, causando impulsos estranhos em meu corpo, como se eu a conhecesse há anos, como se ela fizesse parte de mim.

— O que... Quem é... Você teve uma filha? — Alexia tentava se soltar a todo custo.

— Você quer a mim, se concentre em mim! — ela gritou com fúria.

— Sua filha, Alexia? Não me disse que tinha uma filha. — As poucas luzes não me ajudavam a ver a garotinha perfeitamente.

Fui me aproximando lentamente das escadas, subindo os degraus para ir até a garotinha.

— Não toca nela! — Alexia gritava, arranhando a garganta. — Cassidy, não toca nela! — Ela esperneava na cadeira, e aquilo era música para meus ouvidos

— Oi. — Eu me abaixei, ficando de frente para a garotinha, que me olhava assustada. — Alexia, como é mesmo que matou a minha filha? — disse sorrindo, sem desviar meus olhos daquela coisinha linda.

— Por favor, venha resolver comigo... Cassidy, eu te imploro, deixa ela em paz. Não toca nela! — Alexia gritava sem parar.

— Não precisa ter medo. — Sorri. — Eu não vou te fazer mal. — Eu a peguei em meus braços,

descendo as escadas com ela em meu colo.

Podia ver a vagabunda se debulhar em lágrimas, e eu nunca pensei que um dia na minha vida veria Alexia chorando, não daquele jeito. Ela implorando, rouca de tanto gritar, e eu apenas a ignorava, iria fazer com a garota dela o mesmo que ela fez com a minha. Cortava-me o peito saber que eu tiraria a vida de uma pobre garotinha, mas era isso. Alexia sentiria a mesma dor que eu senti.

Deixei a menina sentada em cima do balcão e me aproximei de Alexia, que me olhava com piedade.

— Quer ver o show? — eu mirei seus olhos e ela não abaixava a guarda.

— Você... Você não pode fazer isso — ela me olhava com ódio.

— Eu só estou te dando o troco — disse sorrindo.

Saí de perto dela e fui buscar uma faca em um faqueiro em cima do balcão. A garotinha permanecia em silêncio e parecia estar assustada, mas não chorava, nem dizia nada, apenas olhava tudo com os olhos estalados. Não devia estar entendendo o que sua mãe estava fazendo amarrada em uma cadeira, chorando que nem louca... Mas

foi assim que me senti há alguns anos, quando a minha filha foi tirada de meus braços.

Aproximei-me dela, escondendo a faca em minhas costas, criando coragem para matar aquele pobre anjo. Criando frieza o suficiente para fazer aquilo.

— Fala pra titia... Fala pra mim como é seu nome, princesa? — Ela me olhou com medo e apertou seu ursinho com força.

— Cassidy, para! — Alexia viu a faca se movimentar em minha mão, mas, àquela altura, eu não via mais nada, estava completamente cega.

— Você gosta de bonecas? — Alexia não parava de gritar. Pela primeira a menina respondeu a uma pergunta minha.

Ela balançou a cabeça positivamente, dizendo que gostava de bonecas.

— Você também é uma boneca — disse sorrindo, alisando seus lisos cabelinhos e a puxando para um abraço, passando a faca para frente, a deixando apontada para as costas da garota.

— Cassidy, para! Pelo amor de Deus, você não pode fazer isso! — Alexia gritou, tentando se livrar

das cordas. — Cassidy! — Eu a olhei, sorrindo pela última vez, em ponto de bala, pronta para esfaquear a garota. Quando aquelas palavras me fizeram petrificar. — Cassidy, ela é a Julie! Pare, por favor... Você não pode matá-la! — Alexia gritou em pranto, e eu parei congelada, sem me mover.

Meu corpo ficou mole e a faca caiu da minha mão, que perdeu o jogo. Dei três passos para trás, ainda muito assustada, meu coração parecia que iria rasgar meu peito, de tão rápido que batia. A garotinha me olhava e eu não acreditava.

— Por favor, não faça nada com ela — Alexia choramingava, se martirizando. Enquanto eu e a menina nos encarávamos.

Minha filha... aquela era minha filha! Senti o amargar na boca, o frio congelar a espinha. Sentia dificuldade em respirar, meu peito se elevava e descia em uma dificuldade enorme... Minha princesa, minha pequena, minha filha, a minha Julie. Era ela, ela estava ali, em minha frente, a me encarar. Aquilo não era mais um sonho do qual eu acordava, era realidade. Ela estava ali, de volta para mim, de volta para os meus braços. Sentia minhas

mãos tremerem, e eu as levei até a boca, a tampando, chocada com a notícia.

O destino a tinha trazido de volta para mim, aquilo não era um sonho. *Não, Cassidy, isso é o que você sempre quis, o que sempre sonhou. Seu neném está aqui, de novo em sua vida.*

— Julie? — perguntei ainda incrédula, e Alexia soluçava longe.

Demorei um pouco, mas depois me aproximei dela, a apertando em meus braços, sentindo um cheiro gostoso vindo de seus finos cabelos. As lágrimas me tomaram e eu a enchi de beijos e a apertei mais uma vez em meus braços. Eu a coloquei no chão, me ajoelhando na altura dela.

Uma alegria que eu não sabia explicar, foi a mesma coisa que senti quando a vi nascer, quando a peguei pela primeira vez em meus braços. Ela tinha a boca tão perfeita e desenhada como a do Mason, e os lábios carnudos como os meus. Seus olhos eram iguais aos meus, mas o jeito de olhar e de morder o canto da boca quando estava confusa era completamente igual ao do Mason...

— Minha princesa. — Eu a abracei novamente.

Ela não estava entendendo nada.

Um barulho estrondoso me fez pular de susto. As janelas laterais se quebraram, e eu me levantei depressa do chão, colocando Julie atrás de mim. Minha arma estava longe. Fiquei parada em sua frente, querendo protegê-la.

Mason entrou pela janela, apontando a arma, e eu senti um alívio em meu peito. Ele vestia um colete à prova de balas

— Mason! — gritei aliviada por tê-lo visto e corri em sua direção.

Choquei meu corpo no dele e ele me segurou forte. Selei nossos lábios com força, ainda chorando.

— Mason, eu disse... Eu sabia. Eu sempre soube. Ela, Mason... ela voltou pra gente, ela está aqui, nossa princesa voltou — disse de forma rápida, atropelando as palavras.

— Caissy. — Ele segurou meu rosto. — O que aconteceu? O Thomas não te mandou vir até aqui, ele está lá fora com toda uma equipe de combate, isso é uma armadilha. O Marconny tá foragido, precisamos sair daqui. — Ele olhou o local, vendo

Alexia amarrada. — Você a pegou — ele disse surpreso com um brilho diferente no olhar.

— Mason, você tem que ver com seus próprios olhos. — Peguei em sua mão, o puxando em direção a Julie, mas fomos surpreendidos.

Eu não sei de onde e nem como, mas Marconny surgiu, apontando uma arma, nos surpreendendo. Julie estava onde eu a havia deixado, e aquilo me fez assustar. Mason foi rápido e apontou a arma na direção deles, me colocando para trás de seu corpo.

— Que cena comovente, eu queria que você aproveitasse mais, Cassidy. Mas não contávamos com a presença do digníssimo Becker tão cedo, nem que um dia você estivesse do lado da polícia. Que traição para a sua espécie! — Seguindo o Marconny, mais dois homens apareceram.

— Você fugiu, mas eu vou te mandar pra lá de novo — Mason disse entre dentes.

— Manda seus homens e a polícia recuarem, que nós quatro temos um longo papo, Becker Não tenho nada pra conversar com você — Mason disse, com sua arma também apontada.

— Acho que tenho muita coisa pra conversar, ou

vai querer que eu acabe com a vida da sua filha de uma vez por todas? — Mason me encarou confuso.

— Mason, por favor — sussurrei com lágrimas nos olhos. — Pela Julie. — Ele não estava entendendo nada.

— Não tenho o dia todo, Becker — Marconny disse impaciente.

Mason foi até a janela e falou com os homens, que estavam prontos para invadir, que recuassem, pela nossa segurança.

— Liga pro Jaden. Sei que ele é o chefe dos seus homens, eu não estou brincando, quero todo mundo longe da casa, tenho gente vigiando tudo isso aqui. — Ele estava mandão e Mason não queria obedecer. Eu não desgrudava meus olhos de Julie.

— Não tenho que ligar para o Jaden — Mason disse nervoso.

— Liga e coloca no viva-voz. Quero poder ouvir suas ordens a ele. — Eu rezava baixinho para sair daquela cilada e ficar em paz com minha filha.

Mason chamou Jaden no rádio.

— Jaden.

— *Fala patrão.*

— Evacuem a casa e se mantenham fora da propriedade. — Mason engoliu em seco.

— *Está acontecendo alguma coisa?*

— Faça o que eu estou mandando — Mason disse frio desligando o rádio.

— Como as coisas mudam... Até um uns meses atrás eu era o chefe desse cara, e agora você virou o patrão. — Marconny começou a rir.

Alexia soltou um gemido de dor, chamando a atenção dele, que focou os olhos nela.

— Eu vi tudo e, garota, uma pena eu já ter feito planos pra você, uma pena mesmo. — Fiquei quieta. — Você acabou com a minha deusa. Você foi fenomenal. — Ele bateu palmas. — Achava que iria ter que interferir, porque ela te machucaria, mas não, eu estou até agora de boca aberta, chegou até me arrepiar.

Mason me olhou, depois olhou Alexia mais uma vez me encarou. Desta vez ele pôde notar que minhas mãos estavam sujas de sangue.

— O que você quer? — Mason disse grosso.

— Vocês dois me devem muita coisa — Marconny disse sorrindo.

— Eu não devo porra nenhuma pra você! —
Mason gritou.

— Baixa o tom, porque você deve. Você e ela acharam que passariam a perna em mim. Acharam que me derrubariam e tudo ficaria por isso mesmo? — Ele puxou o cabelo da Alexia, fazendo a cabeça dela levantar.

Julie tinha uma expressão de que queria chorar, mas se mantinha parada, agarrando seu ursinho com força, olhando o que Marconny fazia com Alexia. Eu estava calculando um jeito de ir pegá-la.

— Por que você ainda não aceita que a sua casa caiu faz tempo e já era pra você? Essa casa tá cercada, a polícia está lá fora, te esperando, não tem pra onde fugir.

— A minha casa não caiu. — Ele riu. — Armaram pra mim.

— Você foi burro, eu só me aproveitei do momento, não armei nada pra você.

— Conta pra ele, deusa... Conta pra ele como foi que aquelas notas surgiram com a minha assinatura. Conta pra ele que você planejou tudo. — Eu não estava entendendo nada, e, pela cara dele, Mason

também estava boiando.

— Marconny, me tira daqui — Alexia disse depois de muito tempo em silêncio.

— Eu já sei de tudo. Todo esse tempo na cadeia serviu pra investigar vocês dois, até que ponto eram culpados, e eu descobri. Descobri que os dois queriam me ver cair. Alexia me drogou e me fez assinar aqueles papéis, depois eles caíram em sua mão com minha assinatura legível. Você deu o golpe em mim, e ela... Ela teve tudo o que queria. Ficou dominando Miami sozinha, enquanto você cuidava de Atlanta e me colocava atrás das grades.

— Você foi traído pela sua própria aliada. — Mason riu.

— Ela nunca foi minha aliada. Eu sempre a usei das piores formas, a deixando achar que era mais esperta que eu. Eu a tirei de você, a fiz se tornar a pior pessoa do mundo. Eu ensinei a ela como controlar o mundo e agora eu vim cobrar os favores que prestei.

— Marconny, me deixa tirar a Julie daqui e depois você resolve isso — falei sem pensar.

— Ninguém vai sair daqui.

— Julie? — Mason me olhou confuso. Marconny nos olhava com um sorriso sarcástico, maligno, se formando em seu rosto. Ele estava com uma cara psicopata medonha.

— Ela tá viva, Mason. Nossa menina está aqui. — Uma lágrima me escapou pelo olho esquerdo. Dei um passo para trás. Ele teve a visão completa da Julie, parada do outro lado da sala, agarrada ao seu ursinho, o qual ela apertava com tanta força.

Mason estava parado com o corpo enrijecido. Os olhos fixos em Julie e ao mesmo tempo sem transparecer nenhum tipo de emoção. Ele estava calado, mudo, apenas encarando minha garotinha, que olhava tudo muito assustada.

— Ju-Julie? — Depois de muito tempo, a voz do Mason saiu falhada, quase em um sussurro. — Você sempre esteve com a minha filha, sua vagabunda! — Ele tentou ir para cima da Alexia, mas com muita dificuldade, sob a mira do Marconny, eu o impedi.

— Se der mais um passo, a pequena morre, Becker. E dessa vez você poderá fazer o enterro. — Meu corpo gelou.

— Se seu assunto é comigo e com a Alexia, por que não deixa a Caissy sair com a Ju... ela. — Ele não conseguiu pronunciar Julie, engasgou. Ainda estava sem acreditar.

— Assunto em família é bem mais emocionante, não acha, Becker?

— Eu me rendo por elas. Fico aqui, se você as deixar sair.

— Marconny, seu louco, tira a Julie daqui! — Alexia gritou e me assustei quando um homem todo de preto desceu as escadas. Agora, mais do que nunca, eu tinha que proteger a Julie, nem que se fosse preciso dar a minha vida por ela.

O cara estava com um capuz, o que não me deixava ver seu rosto, mas eu conhecia aquela estrutura corporal, não me era estranha. Meu coração disparou, quase rasgando o peito, indo à boca quando ele tirou a touca.

— Boa noite, detetive. — Ele curvou a cabeça para o lado, sorrindo de uma forma maníaca.

— Thomas? — Um nó se formou em minha garganta.

— Não preciso fazer as honras de apresentá-los,

já que você o conhece tão bem.

— Vocês? — Franzì o cenho, tentando entender.

— Sempre. — Thomas sorriu. — Aliás, tenho que agradecer, se não fosse por vocês, eu também não conseguiria me livrar. Você me entregou tudo de bandeja, Cassidy. — Ele encarou Alexia.

— Eu entreguei?

— Sempre comendo bola, não é? Nunca se ligou em nada do que eu dizia a você? O Mason nunca esteve grampeado e eu nunca estive investigando nada, eu precisava me livrar de qualquer acusação que envolvesse o meu nome, depois do escândalo do Marconny. E a sua suspensão também não aconteceu, eu precisava te afastar do departamento, e, como você facilitou tudo, também não foi difícil forjar contra você e nem estar aqui.

— Você não pode ser tão sádico a esse ponto, você nunca me disse nada!

— Sempre te contei tudo. — Ele riu. — Só que eu não era muito direto, sabe?... Eu brincava com as palavras. — Piscou.

Mason ouvia tudo calado, mas eu podia sentir o tamanho da tensão dele pelo jeito que seu punho

estava fechado. Só queria poder saber o que ele estava pensando. Aquilo era um enigma para mim.

— Eu vivi em segredo... Você nos ajudou muito, e é uma pena ter que pagar por tudo. Ele era o primeiro alvo, meus serviços teriam que ser prestados a ele, mas eis que você fez com que surgisse um plano B, que por sinal foi muito bem executado. Sua separação com ele caiu dos céus para mim e Marconny, que vamos recuperar tudo o que perdemos. Se tudo corresse como planejado, Becker não seria o novo chefe do tráfico... Alexia e eu tínhamos planejado tudo muito bem. Marconny cairia, ela cuidaria de Miami e a tão sonhada Atlanta ficaria comigo. Mason não estava nos planos, não nos meus. Mas parece que a garotinha dos olhos azuis não aprende a lição, parece que ela não cansou de ser rejeitada e mais uma vez tentou presentear o seu grande amor platônico me dando uma rasteira. Ela armou. — Ele tinha ódio no olhar. — Armou, deu um jeito de que as assinaturas do Marconny fossem parar em suas mãos, assim você planejou e aplicou o golpe que eu daria. Você tomou o meu território, não o do Marconny,

Becker. Aliás, você caiu de gaiato em uma história onde não deveria nem ser citado.

— Então... Alexia...

— Sim. Ela tentou me derrubar, deixando você no comando, mas nem tudo estava perdido. Você não foi tão esperto quanto parecia e, digamos, que em vez de matar o Magnata. — Ele sorriu com fervor. — Você apenas o mandou para o xilindró. Nem tudo estava perdido. Nem tudo tinha ido por água abaixo, até o dia em que eu decidi voltar às origens — Ele riu. — Entende o ditado “dois coelhos em uma cajadada só”? Pois é dele que usufruirei esta noite. Você é uma mulher muito corajosa, Cassidy. Eu te admiro e lamento acabar com a sua carreira. O delegado Develin está morto na sua sala do departamento e a arma do crime pertence a detetive Becker, a mesma que tem arquivos no computador incriminando por associação ao crime, formação de quadrilha e um homicídio.

— Seu desgraçado! — Mason tentou ir para cima dele, mas Thomas apontou uma arma na minha direção.

— Ê, ê. — Thomas impediu que Mason continuasse. — Não tente nada, seus homens já estão rendidos lá fora, aquela equipe de combate é fajuta, não faça nenhuma gracinha, Becker.

Eu pulei de susto com o impacto da porta batendo no chão, o rosto mais conhecido que vi foi o de Jaden.

— FBI, todo mundo pro chão! — ele gritava, sendo seguido por diversos homens armados com o uniforme do FBI.

— Mamãe! — Pude ouvir Julie gritar.

Eu só pensei em agir.

— Julie. — Seu olhar cruzou com o meu, como se quisesse me avisar algo, eu estava em alerta e partir do primeiro estopim, eu agi.

Os disparos se intensificaram, começando uma troca de tiros pesada, deixando a mim e a Mason no meio do fogo cruzado. Ele me puxou para atrás de uma das poltronas, mas eu o empurrei, me livrando de seus braços, indo na direção dela.

Mason se jogou no chão e tentou me impedir de atravessar a sala.

Em um relance a sala estava cheia de agentes,

mas tudo foi em vão, eles conseguiram escapar pelo fundo, arrastando Alexia com eles.

— A Julie — disse ainda cansada. — Mason, pega a Julie. — O cansaço estava tomando conta de mim. Eu respirava com dificuldade. Meus olhos rolaram pela sala, e ela estava vazia... Podia ser um delírio, mas eu não conseguia mais ver ninguém. Peter, Marconny, Alexia... Todos haviam sumido, eu só via Mason em cima de mim, tentando me ajudar a estancar o sangue, ele estava assustado e eu não sabia o que fazer.

ANNE VALERRY

uma linda
história
de
Amor



Uma linda história de amor

Valerry, Anne

9788553270033

220 páginas

[Compre agora e leia](#)

A bela francesa Adelle quer vender a mansão dos Duprat, e quem se interessa por ela, é o irresistível argentino Julian Mendoza. Tudo acontece em um momento em que Adelle está visivelmente machucada pela dor e pelo sofrimento. Julian se encanta pela sua beleza, e com o seu jeito sedutor, acaba conquistando-a irremediavelmente. Embora seja imprescindível saber, que para amar, é preciso muito mais do que simplesmente querer, a maneira do amor acontecer, será sempre por conta do infalível destino. Porém, existem muitos mistérios e contratempos nessa trama que não são tão comuns. Existem detalhes ricos que serão desvendados, revelando que tudo pode acontecer

entre um homem atraente e uma mulher apaixonada. Então, depois de conhecê-los, e de se envolver nesse drama romanesco, através da avó Valentine Chappelle, a inexperiente e jovem Marie, finalmente, compreende que o amor verdadeiro ainda existe e que pode ser eterno. Um fascinante romance que irá aflorar suspiros de paixão, e que poderá se tornar uma grande inspiração, para se viver uma linda história de amor.

[Compre agora e leia](#)



Ritmo perfeito

Júnior, Roberto

9788553270279

420 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lara está prestes a sair do ensino médio e, diferente da maior parte dos colegas, não pensa na faculdade, só tem certeza de uma coisa: será uma grande estrela da música. Sua vida quase pacata começa a mudar quando Samuel Evans, o bonitão do colégio que, além de tudo, é músico, inicia uma amigável aproximação. Ela só não imagina que a súbita proximidade de Sam tem a ver com uma aposta firmada entre ele, Sophia e Juliano — a patricinha e o valentão do colégio. Lara vê seu sonho se tornar mais próximo quando surge o concurso musical Ritmo Perfeito. Mas ela ainda precisará convencer seu pai de que seus sonhos valem a pena, tornar-se mais sociável, ajudar seus únicos dois amigos,

que têm problemas pessoais, e, sobretudo, entender-se de uma vez por todas com Samuel Evans.

[Compre agora e leia](#)

MARCELA CARVALHO

A dor Inspira

Um toque
de esperança
no coração

 editora
coerência



A dor inspira

Carvalho, Marcela

9788553270217

163 páginas

[Compre agora e leia](#)

A protagonista é uma menina-mulher de 18 anos, solteira, cheia de planos, sonhos e imensamente apegada à sua família, mas que desde nova enfrentou diversos obstáculos na vida, começando pela separação de seus pais. Após isso sofreu bullying no colégio ao enfrentar um processo de enfermidade, necessitando de um tratamento que transformou a sua vida e mudou muitas coisas ao seu redor, principalmente sua essência interior, onde poucos são capazes de enxergar. Ela relata suas aventuras com amigos e primos. Além do mais, um mar de reflexão irá se abrir em sua mente, após se aprofundar nas aventuras amorosas e de uma amizade que trouxeram decepções dolorosas que

significavam muito para ela, mas também que traz uma experiência de tirar o fôlego e de inspirar quem já sofreu por um "amor". Sofreu bastante para tornar quem se tornou, mas acredita que toda a dor foi especial, pois ela acreditava que a dor era uma contribuição para o seu amadurecimento pessoal e que ela não é ruim, mas que nos torna melhores do que possamos ser e nos fazer enxergar a vida de uma maneira extraordinária, pois a dor é a inspiração para amar os bons momentos e ultrapassar os momentos ruins de cabeça erguida acreditando em dias melhores, sempre.

[Compre agora e leia](#)

SINÉIA RANGEL

*Borboletas
na janela*



 editora
coerência

Borboletas na janela

Rangel, Sinéia

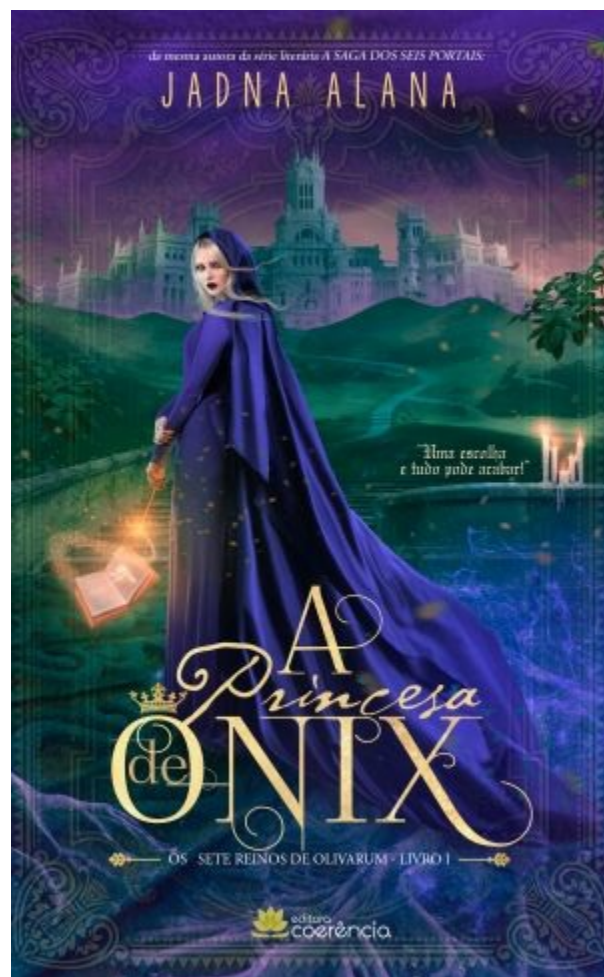
9788553270323

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Miguel Barcellar não esperava que o passado fosse invadir seu escritório, vestindo uma saia lápis, saltos Luiz XV, batom carmim e com um segredo que mudaria a sua vida. Há cinco anos ele se tornou pai. Em alguma parte do mundo, havia um filho que ele nunca conheceu, um garoto que foi entregue para adoção logo após o nascimento. Leon cresceu entre abrigos e lares temporários, até que conheceu Elena. Com histórias de vidas parecidas, foi criado um vínculo de irmãos e uma promessa: nunca abandonariam ao outro. E quando essa promessa parece impossível de ser mantida, o destino faz a sua magia. Pais e filho se encontram. Uma família conta a sua história. E as borboletas voam.

[Compre agora e leia](#)



A princesa de ônix

Alana, Jadna

9788592572723

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um mundo onde a magia é possível, Sete Reinos foram criados pela Trindade Iniciadora. Eles foram representados por espécies mágicas diferentes e a lei e o poder foi a única verdade absoluta para ser vivida durante os últimos séculos. No Reino de Ônix, a princesa bruxa Amie Bell, acaba de completar dezoito anos de idade. Uma data que deveria ser comemorada com muita alegria, mas que acaba se tornando o pior dia da vida dela. Encurralada por um feitiço que deu errado, a jovem embarca em uma aventura onde descobrirá o que existe além dos muros do palácio onde viveu a sua vida inteira. Terá que despertar suas habilidades para sobreviver sem todos os caprichos que

tinha como princesa e terá que lutar por sua sobrevivência com a ajuda de um Clã que vive contra as leis de Olivarum. Você está pronto para encarar essa aventura? Lembre-se: Se fizer a escolha errada, tudo pode acabar.

[Compre agora e leia](#)